

**Armas e Ritos na II Idade do Ferro do  
Ocidente Peninsular**

**Leandro Miguel Lourenço Saudan Tristão**

**Dissertação  
de Mestrado em Arqueologia**

**Março, 2012**

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Arqueologia, realizada sob a orientação científica de Professor Doutor Mário Varela Gomes

## **Agradecimentos**

Agradecimento especial ao Professor Doutor Mário Varela Gomes, que aceitou orientar a presente dissertação, expressando sempre grande disponibilidade no acompanhamento da mesma. O auxílio nas abordagens metodológicas e a perseverança na revisão crítica, tornaram esta dissertação possível.

Aos conselhos do Professor Doutor Teotónio de Souza, que têm surtido efeitos muito importantes ao longo do meu percurso pessoal e académico, também à Professora Doutora Ana Cristina Martins pelas suas generosas palavras de incentivo.

Importa expressar também a minha gratidão ao Professor Doutor Amílcar Guerra e ao Professor Doutor Carlos Fabião nos ensinamentos de diversos saberes no âmbito da campanha arqueológica de Mesas do Castelinho, bem como no esclarecimento de inúmeras questões.

Aos Arqueólogos Pedro Barros, Samuel Melro e Susana Estrela pela ajuda no trabalho de campo e pela partilha de informações sobre armamento recentemente descoberto.

De registar a disponibilidade e apoio dado na obtenção de dados, pela arqueóloga Joana Bizarro. Também uma palavra de reconhecimento ao Museu Arqueológico José Monteiro, no Fundão, ao Museu Laténium em Neuchâtel, na Suíça e ao Museu Arqueológico de Àvila, em Àvila, Espanha, pela amabilidade dos seus colaboradores e disponibilidade de acesso ao seu acervo arqueológico.

Ao Presidente da Câmara Municipal de Castelo do Neiva, pela simpatia e prontidão em abrir a sala onde se encontravam expostas algumas peças deste trabalho.

Estou igualmente grato aos meus colegas de curso e amigos que têm tolerado as minhas explicações sobre armamento da Idade do Ferro, bem como à minha família, Carlos Tristão, Rosário Tristão, Ana Tristão, Valérie Correia, Carlos Correia e Martinho Correia, ao meu amigo “docas” e à minha esposa Flora Tristão, pelo encorajamento e apoio dado ao longo de todo este percurso.

Não queria terminar, sem um agradecimento às comunidades da Idade do Ferro, estejam lá onde estiverem, foram ponto de partida para a elaboração deste trabalho.

A todos um bem-haja.

*“(...) Para que os feitos dos homens não se desvançam com o tempo,  
nem fiquem sem renome, as grandes e maravilhosas empresas(...)”*

**Heródoto** (*Histórias*, 1.1.1)

*“(...) O guerreiro experiente, não conta que o inimigo não ataque,  
mas apenas na sua própria invencibilidade (...)”*

**Sun Tzu** (*A Arte da Guerra*, cap. As nove variáveis, p.50)



**Armas e Ritos na II Idade do Ferro do  
Ocidente Peninsular**

**Leandro Miguel Lourenço Saudan Tristão**

**Dissertação  
de Mestrado em Arqueologia**

**Março, 2012**

## **Resumo**

O presente trabalho pretende constituir contribuição para o estudo da diversidade de armamento existente no Ocidente Peninsular, entre os séculos V e I a.C. (II Idade do Ferro), tendo em conta as suas particularidades e os contextos arqueológicos onde foi encontrado. Elaborou-se base de dados para as diferentes armas e suas procedências, procurou-se identificar possíveis centros de produção, produções autóctones, interações e tentou-se a sua abordagem no campo cognitivo.

Trata-se, pois, de estudo interdisciplinar, versando as componentes arqueológica e histórica, com dilatada abrangência, desde as armas ofensivas às defensivas e integrando diferentes contextos arqueológicos, de norte a sul do actual território português.

## **Palavras-chave**

Armas, II Idade do Ferro, Povoados, Necrópoles e Guerra.

## **Abstract**

This work intended as a contribution to the study of the diversity of existing weapons in the West Peninsular, between centuries V and I B.C. (Iron Age II), taking into account the special and archaeological contexts where they occurred. We developed a database for the different weapons and their sources, we sought to identify potential production centers, indigenous production, interactions and tried to approach her in the cognitive field. It is, a interdisciplinary study, covering the archaeological and historical components, with enlarge covered, from offensive to defensive weapons integrating different archaeological contexts, from north to south of current Portuguese territory.

## **Key-words**

Wheapons, Iron Age, Settlements, Burials, War.

## Índice

Capítulo 1 - Introdução .....	1
1.1 – Objectivos da presente investigação.....	1
1.2 – Metodologia .....	1
1.3 - Armas e ferramentas na Proto-História do Ocidente Peninsular .....	3
1.4 – Importância cultural do ferro.....	4
Capítulo 2 – O ferro .....	5
2.1 – A matéria-prima .....	5
2.2 – Origem da utilização e da produção .....	7
2.3 – A difusão e produção no Ocidente Peninsular .....	8
Capítulo 3 – Armas defensivas.....	9
3.1 - Capacetes .....	10
3.1.1 - Estudos anteriores .....	10
3.1.2 - Estudos tipológicos .....	12
3.1.3 - Contextos arqueológicos.....	14
3.1.4 - Discussão .....	16
3.1.5 – Testemunhos arqueológicos (Catálogo) .....	19
3.2. - Escudos .....	28
3.2.1 - Estudos anteriores .....	28
3.2.2 - As Tipologias.....	30
3.2.3 - Contextos arqueológicos.....	32
3.2.4 - Discussão .....	33
3.2.5 – Testemunhos arqueológicos (Catálogo) .....	38
Capítulo 4 - Armas ofensivas .....	41
4.1 - Espadas e punhais de antenas (tipos Alcácer do Sal, Aguilar de Anguita e Arcóbriga). 41	
4.1.1 - Estudos anteriores .....	41
4.2.2 – As tipologias.....	43
4.2.3 - Contextos arqueológicos.....	46
4.2.4 – Discussão.....	51
4.2.5 – Testemunhos arqueológicos (Catálogo) .....	57
4.2 – Falcatas.....	68
4.3.1 - Estudos anteriores .....	68
4.3.2 – As tipologias.....	69
4.2.3 - Contextos arqueológicos.....	71
4.3.4 - Discussão .....	75

4.3.5 – Testemunhos arqueológicos (Catálogo) .....	78
4.4. Espadas de La Tène .....	90
4.4.1 - Estudos anteriores .....	90
4.4.2 - As tipologias .....	91
4.4.3 - Contextos arqueológicos .....	92
4.4.4 – Discussão .....	94
4.4.5 – Testemunhos arqueológicos (Catálogo) .....	98
4. 5 – Pontas de lança .....	103
4.5.1 - Estudos anteriores .....	103
4.5.2 – As tipologias .....	104
4.5.3 - Contextos arqueológicos .....	105
4.5.4. Discussão .....	115
4.4.4 – Testemunhos arqueológicos (Catálogo) .....	118
Capítulo 5 – Armas e sociedade na II Idade do Ferro do Ocidente Peninsular .....	143
5.1 - Armas e guerra .....	143
5.2 - Armas e ritos entre os vivos .....	145
5.3 – Armas e ritualização fúnebre .....	151
Capitulo 6 - Conclusões .....	152
Bibliografia .....	157
I - Fontes antigas .....	157
II – Obras específicas .....	157
Índice toponímico .....	164

## **Capítulo 1 - Introdução**

### **1.1 – Objectivos da presente investigação**

A presente dissertação pretende estudar o armamento da II Idade do Ferro encontrado em território português, tendo em vista sintetizar aspectos sociais, tecnológicos e ideológicos que aquele deve reflectir. A partir da inventariação e análise técnica e contextual, de peças de armamento (capacetes, escudos, lanças e espadas) pretendemos verificar particularidades de carácter tipológico como dos contextos arqueológicos, recorrendo, quando possível, às fontes documentais clássicas. Importa afinal, tentar contribuir para a melhor compreensão do papel das armas na sociedade tardo sidérica, nas suas diversas vertentes, dos aspectos utilitários aos simbólicos.

### **1.2 – Metodologia**

O trabalho agora apresentado assenta no pressuposto que as armas serviram, durante a II Idade do Ferro, tanto em conflitos armados como desempenharam papel dissuasor em relação àqueles, integrando o complexo mundo cognitivo de então.

A base empírica esteia-se na inventariação e descrição dos exemplares conhecidos, permitindo estabelecer corpo de dados actualizado quanto aos descritores julgados pertinentes e às particularidades associadas a cada uma das armas.

Será importante tentar identificar possíveis centros de produção autóctones e /ou exógenos, rotas comerciais ou deslocações populacionais através daquela análise.

Outro aspecto significativo passa pela abordagem cognitiva das formas decorativas presentes no armamento e as simbologias que ele próprio traduz. Paralelos obtidos em produções artísticas diversas podem ser pertinentes.

O estudo que desenvolveremos terá carácter interdisciplinar, versando as componentes arqueológica e histórica, utilizando obras de referência de autores como W. Schule (1969), F. Quesada Sanz (1997) ou M. Martinez (2004).

Em termos estruturais o trabalho será dividido em dois grandes grupos; o das armas defensivas e o das ofensivas.

As armas defensivas, como o nome sugere, têm carácter essencialmente protector, de quem as utiliza. No presente estudo, detectaram-se dois tipos de armas defensivas, os capacetes e os escudos.

Relativamente às armas ofensivas, o propósito é atacar e podem-no fazer de várias maneiras. A eficácia do seu golpe, que podia perfurar ou rasgar, conferia ao inimigo ferimentos graves ou mortais. Para a II Idade do Ferro do Ocidente Peninsular, verifica-se a presença de espadas e punhais de antenas, falcatas, espadas de tipo La Tène e lanças. Estando as quatro primeiras inseridas nas armas ofensivas de mão e as últimas de mão e arremesso.

As distinções entre armas corresponde em termos morfológicos a vários factores. No entanto, o comprimento das lâminas ou as formas das empunhaduras, têm estado na origem de diferentes designações. Importa realçar que a diferença entre punhal, espada curta ou longa, pode ser obtida através da relação entre o comprimento da lâmina e da empunhadura, sendo a metodologia de Robert Chernokian (1988), apresentada em “*Les Armes Métalliques dans l'Art Protohistorique de l'Occident Méditerranéen*”, possível ponto de partida para a distinção entre aquelas armas.

Quando o comprimento da lâmina é dividido pelo da empunhadura, obtem-se coeficiente, que se menor que 3 corresponderá a punhal, entre 3 e 5, a espada curta, mais do que 5, a espada longa (Chernokian 1988, p. 138; Gomes, 2011, p. 186).

Para cada um dos tipos de armas mencionados, defensivas e ofensivas, além de análises morfológicas e técnicas, recorrer-se-à aos estudos anteriormente elaborados, às tipologias, contextos arqueológicos, tendo também em linha de conta paralelismos possíveis com armas afins, provenientes de outras regiões da Península Ibérica.

Recorremos às denominadas fontes primárias e historiográficas, permitindo-a confrontação entre diferentes tipos de fontes documentais e linguísticas.

A análise dos registos arqueológicos terá como finalidades desenvolver as seguintes vertentes:

- Análise dos estudos arqueológicos pertinentes;
- Interpretação dos contextos arqueológicos em que foram encontradas as armas;
- Inventário do espólio relativo ao armamento da II Idade do Ferro em Portugal;

- Descrição do espólio inventariado (tipologia, forma, dimensões e características particulares);
- Verificação da proveniência do espólio;
- Identificação de produções artísticas e simbólicas relevantes para o estudo do papel funcional, social e cognitivo dos diferentes tipos de armas;
- Interpretação socio-cultural das produções.

### **1.3 - Armas e ferramentas na Proto-História do Ocidente Peninsular**

Na actualidade consideramos como ferramenta, um instrumento, utensílio ou artefacto, que permite realizar determinado ofício ou arte. A sua criação nasce da necessidade de ultrapassar um obstáculo, ou de tornar mais fácil e rápida a execução de determinada tarefa. Esta capacidade que é a criação de artefactos encontra-se, intrinsecamente associada à própria definição de existência humana e à sua evolução.

A palavra ferramenta, derivada etimologicamente do latim *ferramenta*, que significa “utensílio de ferro”. Esta junção entre utensílio e ferro, em expressão única utilizada ainda hoje, permite compreender a importância que teve na Antiguidade o ferro, enquanto matéria-prima, capaz de proporcionar novos artefactos com importância económica determinante.

À utilização do ferro, na elaboração de utensílios ou armas, no Norte e no Sul do Portugal proto-histórico correspondem duas realidades distintas. Na região Norte, a produção em maior número, surge em fase mais avançada da II Idade do Ferro, verificando-se até tarde, tanto no armamento como em peças ornamentais, a preferência pelo bronze (Silva e Gomes, 1992, p. 69).

Daquela fase tardia, existem exemplares de utensílios de ferro como enxadas, podoas, sachos, forquilhas e alviões, assim como rebites de caldeirões de tipo irlandês e várias sítulas com decoração geométrica, também conhecidas para além do Norte de Portugal (Silva e Gomes, 1992, p. 70).

No Sul de Portugal, a presença de utensílios de ferro foi mais significativa conhecendo-se desde o século VIII a.C., sobretudo armas, e mais tarde, foices, podões, roçaduras, alviões, sachos, gadanhas, forcados, serras, relhas de arado, etc... A precoce produção de ferro, na Península Ibérica, deve-se presumivelmente à sua localização, entre o Mediterrâneo e o Atlântico, favorecendo as relações culturais com populações

orientais, designadamente com os Fenícios que ali introduziram novos contributos tecno-ideológicos (Silva e Gomes, 1992, p. 15).

A utilização das novas ferramentas de ferro permitiu o aumento qualitativo das actividades laborais, da agricultura, do artesanato, como os artefactos de exploração mineira são também disso exemplo, dispondo a partir de então de ferramentas mais resistentes e mais fáceis de manobrar e de produzir (Silva e Gomes, 1992, p. 172).

#### **1.4 – Importância cultural do ferro**

A presença de minério de ferro na Península Ibérica é comprovada desde a Idade do Bronze Final, correspondendo, em alguns casos, a fenómeno de grande importância cultural (Almagro-Gorbea, 1993, p. 81).

O caso do tesouro de Vilhena (Alicante) é paradigmático, embora distinto dos outros locais onde têm sido identificados objectos de ferro em contextos antigos. Inserido em espólio que representa riquíssimo valor simbólico e social, composto por mais de cinquenta objectos, de ouro, prata e âmbar, foram identificados dois artefactos de ferro. Trata-se de bracelete e remate com decoração embutida em ouro. Quer a natureza do contexto, quer os tipos de peça, demonstram que o ferro foi tido como metal nobre (Almagro-Gorbea, 1993, p. 88).

No Ocidente Peninsular os primeiros objectos de ferro foram identificados em sete estações distintas: Monte do Frade, concelho de Penamacor, Moreirinha e Monte do Trigo, concelho de Idanha-a-Nova, S<sup>a</sup> da Guia, Baiões, concelho de S. Pedro do Sul, Outeiros dos Castelos de Beijós, concelho de Carregal do Sal, Quinta do Marcelo, concelho de Almada e Rocha do Vigio 2, concelho de Reguengos de Monsaraz, correspondendo a vinte e oito artefactos (Vilaça, 2006, p. 93), correspondendo estas estações arqueológicas referidas, na sua grande maioria, a pequenos povoados.

O carácter daqueles objectos demonstra ser, em grande medida, utilitário e semelhante aos objectos produzidos em bronze. No entanto, a funcionalidade dos mesmos não impede, de modo algum, que tenham possuído carácter simbólico-religioso ou social. Podendo ou não, corresponder a elementos de práticas mágico-rituais, a sua proveniência, a escassez e o exotismo do novo metal, podia induzir alguma carga simbólica.



## Capítulo 2 – O ferro

### 2.1 – A matéria-prima

O ferro constitui elemento químico com o símbolo Fe. Na natureza encontra-se em estado sólido, na composição de vários minerais, FeO (óxido de ferro II) e Fe<sub>2</sub>O<sub>3</sub> (óxido de ferro III) sob a forma de magnetite (69% de FeO e 31% de Fe<sub>2</sub>O<sub>3</sub>) que após a separação do quartzo, era forma mais frequente no Sul de Portugal (Silva e Gomes, 1992, p. 20).

Subsequentemente à localização e extracção do mineral, era iniciado o processo de redução a altas temperaturas, utilizando-se ventilação através de foles, com a finalidade de atingir os 1300 e os 1400°C. Na forja o ferro era transformado em barras ou lingotes e, depois, em artefactos diversos (Parreira, 1982, p. 45).

Em Portugal a maior concentração de minério ocorre nas jazidas de Torre de Moncorvo, correspondendo a mais de 1000 Mt de recursos de teores (fracos) em torno de 35% Fe (Barriga, 2011, p. 3). Esta jazida é uma das maiores da Europa e tem suscitado o interesse de empresas estrangeiras para nova extracção do minério.

Na Serra do Marão, concelho de Vila-Real, estão igualmente presentes jazidas contendo grandes quantidades de ferro.

Para além daqueles dois locais, os concelhos de Bragança, Mortágua e Vila Nova de Famalicão contêm também jazidas de ferro.

No Sul do actual território português as jazidas contento ferro encontram-se muito dispersas, existindo ocorrências nos concelhos de Alandroal, Alvito, Aljustrel, Beja, Cercal, Cuba, Évora, Monchique e Lisboa, correspondendo assim a maior número do que a na região Norte, embora com menor quantidade de minério (ver figura 1).

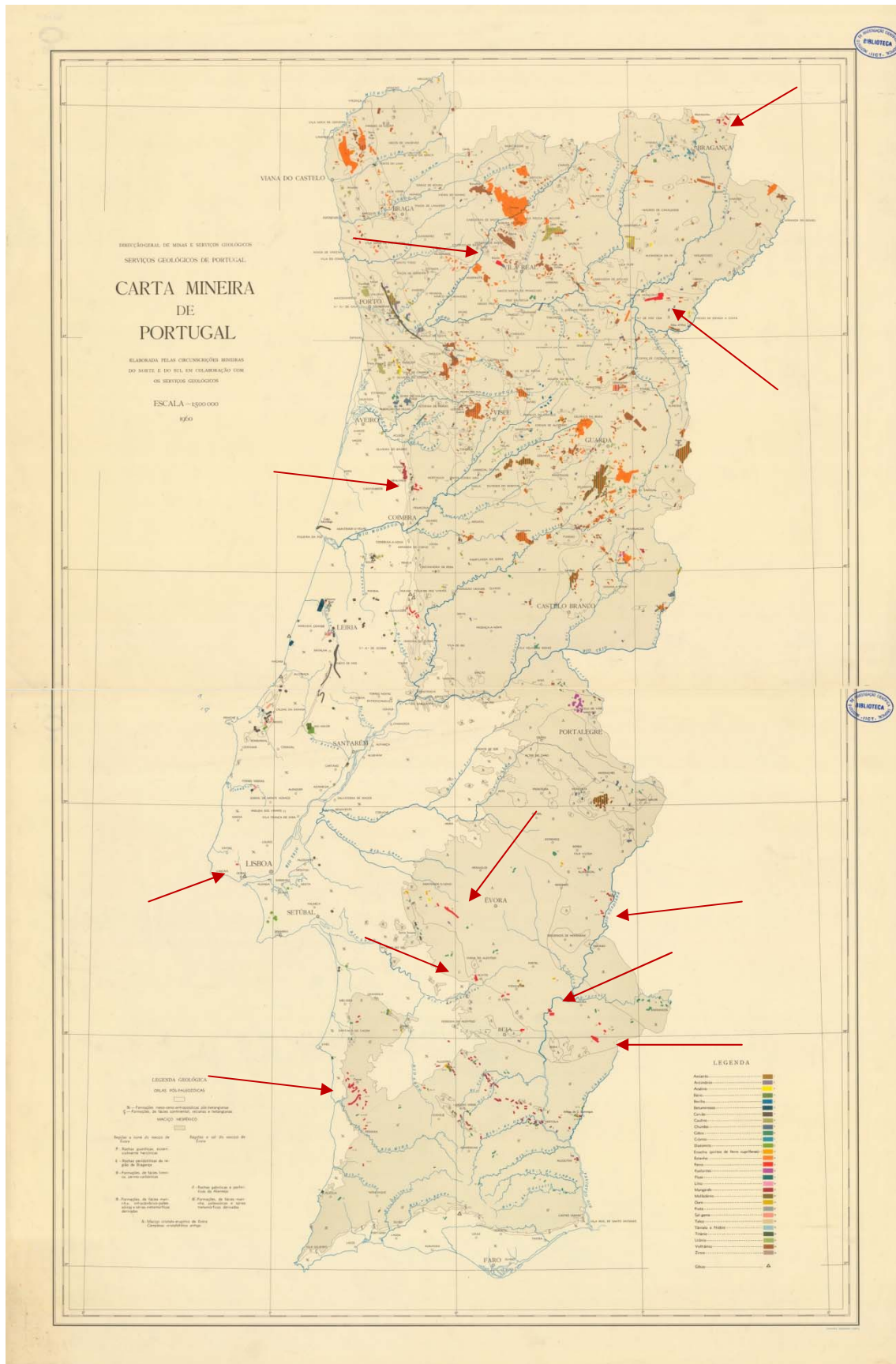


Figura 1 – Carta Mineira de Portugal (Serviços Geológicos de Portugal, 1960).

## **2.2 – Origem da utilização e da produção**

Os primeiros artefactos de ferro, encontrados no Norte do Iraque, foram datados em 5000 a.C. No Egipto, existem utensílios de ferro com cronologias compreendidas entre 3500 e 3100 a.C. No entanto, a produção e utilização do ferro de forma corrente tem vindo a ser atribuída aos Hititas, por volta de 1300 a.C. Esta produção, devido a ser de baixo custo, teve aumento significativo e ainda nos finais do II milénio a.C. acompanhou movimentações populacionais no Próximo Oriente, tal como se expandiu com comércio que dali chegaria à Europa, incluindo o Sul da Península Ibérica.

No contexto centro-europeu, a produção de armas e utensílios de ferro foi comprovada arqueologicamente, desde muito cedo, em Hallstatt (Áustria).

Ali foram descobertas, em 1876, centenas de sepulturas que continham importantes dados arqueológicos, entre eles, vasto espólio de utensílios e armas de ferro, datados entre os séculos VIII e V a.C.

Anteriormente já tinham sido identificados outros locais com forte presença de utensílios de ferro, mas de períodos mais tardios. Hanz Kopp, em 1857, descobriu, no lago de Neuchâtel (Suíça), espólio riquíssimo de utensílios e armas de ferro, observáveis, devido a seca. Ulteriormente, este fenómeno voltou a acontecer e ainda mais artefactos foram postos a descoberto.

As duas regiões assinaladas foram importantes centros produtores de artefactos de ferro e as suas áreas de influência expandiram-se pela Europa, em diferentes períodos. Na Península Ibérica algumas regiões têm vindo a fornecer diversos materiais que certos autores associam àqueles núcleos produtores centro – europeus.

Para o Sul da Península Ibérica e no caso do território nacional, a produção do ferro é atribuída à presença fenícia, assim como à fixação de populações de origem oriental que contribuíram para florescente surto cultural (Silva e Gomes, 1992, p. 129).

Conforme referimos, os primeiros artefactos de ferro, identificados na Península Ibérica, estão ainda inseridos na Idade do Bronze Final, correspondendo a fase anterior à presença dos entrepostos comerciais fenícios, com cronologias mais recuadas que o século VIII a.C. (Almagro-Gorbea, 1993, p. 88).

### **2.3 – A difusão e produção no Ocidente Peninsular**

Como já foi mencionado anteriormente, o actual território português possuiu grande riqueza mineira, principalmente em estanho, ouro e ferro; aspecto que terá sido, inclusive para as sociedades antigas, determinante na justificação de várias colonizações, como aconteceu com os Romanos, que desenvolveram intensa actividade tendo em vista a extracção daqueles recursos (Silva e Gomes, 1992, p. 68).

A Norte a metalurgia do bronze surge como importante elemento caracterizador da Cultura Castreja. Em Baiões, no Castro da Senhora da Guia, foi identificado depósito de, fundidor, no centro do povoado, evidenciando a presença de metalurgia local.

Os diferentes tipos de moldes de fundição: pedra (Castro de Álvora), cerâmica (Coto da Pena, Baiões) e bronze (Baiões; Castro Daire), assim como a quantidade e variedade de instrumentos (armas, adornos, peças rituais e utensílios), demonstram desenvolvimento ímpar e progresso técnico nesta actividade metalúrgica, que teve continuidade e coexistiu com metalurgia do ferro, apesar do bronze ter sido o metal preferencial, até nas fases em que a metalurgia do ferro já se encontrava vulgarizada (Silva e Gomes, 1992, pp. 68,69).

Na região Centro do actual território português, também têm vindo a ser identificados artefactos de ferro, em contextos da Idade do Bronze Final. Datações de carbono 14 evidenciam cronologias entre os séculos XII-IX a.C.

Aqueles, apresentam fraca variabilidade tipológica (lâminas de faca e de serra), sendo em alguns casos, cópias de protótipos de bronze, atestando assim, que os conhecimentos metalúrgicos relacionados com a produção naquele metal podiam ser aplicados no ferro. Não esqueçamos que estes eram fabricados num ferro brando e com valores baixos de microdureza, semelhante ao bronze. A manipulação destes artefactos não seria estranha às comunidades indígenas locais (Vilaça, 2006, pp. 94-98).

Para o Sul de Portugal, os objectos de ferro com datação mais antiga, são mais escassos do que nas regiões Centro e Norte. O mesmo não sucedesse nos períodos ulteriores nas denominadas I e II Idade do Ferro, onde a fixação e influência de populações de origem oriental e continental, em duas fases distintas, séculos VIII a.C. e séc. V a.C., tiveram papel impulsionador e na grande difusão do fabrico daquele metal, resultando em produção e utilização numerosa.

### **Capítulo 3 – Armas defensivas**

A utilização de armas defensivas corresponde, antes de mais, à necessidade de defesa, perante um ataque. A sua utilização apesar de individual e de carácter passivo, pode ser considerada elemento chave no desenrolar de confronto entre dois grupos. Caracterizando mesmo a própria forma de combate, o exemplo dos exércitos romanos são dos mais significativos, onde a utilização de armas defensivas padronizadas, levou à constituição de diferentes formações (cunha, circular e tartaruga), que tinham como principal arma o escudo. Fico assim revelada a importância deste tipo de arma em confrontos de grandes dimensões.

Da mesma forma que o escudo, o capacete representa elemento fundamental para o sucesso de vasto conjunto de soldados. Numa fase inicial de combate, a primeira arma a ser utilizada são as lanças de arremesso, pelo que a utilização de capacetes podia reduzir, de forma significativa, o número de baixas. Ferimentos na cabeça teriam, quase sempre, contornos difíceis de recuperar.

Parece-nos que no que concerne ao armamento defensivo, a sua valorização e utilização padronizada teve impacto positivo e significativo no decorrer de confrontos. Na Península Ibérica os guerreiros indígenas nunca padronização defensiva tão organizada como acontecia nos exércitos republicanos, aspecto que terá tido influência no desenrolar da história da Península Ibérica.

### 3.1 - Capacetes

Na Antiguidade a utilização de capacetes, podia possuir dois grandes significados, o simbólico e o prático. A representação de indivíduos armados com capacete, fora do contexto de luta, é identificada em iconografias variadas e em descrições de alguns autores clássicos como Estrabão (*Geografia* - 3 ,6 ), Diodoro (*Biblioteca Histórica* - 5, 33) e Heródoto, (*Histórias* - 1, 172. 2 ), quer em contextos de parada militar, ou religiosa, como em rituais fúnebres ou de nascimento.

Algumas de tais armas, como os capacetes tipo Montefortino, podiam apresentar decorações particulares, associadas aos indivíduos que as utilizavam. Entre estas verifica-se a presença de pequeno orifício no espigão e uma argola no guarda - nuca, que eventualmente serviria para prender corrente ou, em alguns casos, para colocar penachos (Ferreira de Almeida, 1981, p. 245)

Para além da utilização em contextos rituais ou em situações de guerra, o capacete apresentava-se como parte importante do armamento defensivo, possuindo protecção para o crânio, como resposta aos ataques deferidos pelas armas ofensivas à zona da cabeça, devendo ainda proteger a zona lateral do rosto. No contexto particular de luta, em confrontos mais directos, podiam eventualmente servir para contra-atacar, deferindo no inimigo golpe com a cabeça (“*cabeçada*”) ainda que não fosse essa a principal função para que estavam destinados.

#### 3.1.1 - Estudos anteriores

Desde a Antiguidade que podemos encontrar referências documentais em Heródoto (*Histórias*), Xenofonte (*Cirropédia*), Estrabão (*Geografia*), Diodoro (*Biblioteca Histórica*), sobre a importância do capacete no contexto defensivo, assim como as particularidades, estéticas e funcionais que estes podiam apresentar, permitindo inclusivamente atribuir a determinados povos a fabricação e utilização de capacetes específicos. Tal é o caso, de Herodoto (1, 171.4) que confere aos Cários, a inovação da fixação de penachos nos capacetes.

Quanto às representações, pictóricas e escultóricas, é observável, a presença de capacetes, tanto em contextos simbólicos, como de combate. O catálogo “*Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae*” apresenta elevado número de ilustrações de capacetes associados a deuses, heróis míticos e a cenas de luta. Após a análise de



trezentas e vinte seis daquelas representações em cerâmica e associadas a heróis, podemos contabilizar a presença de duzentos e dez exemplares de capacetes, constituindo a segunda arma ali mais representada, após a lança (duzentas e dezoito vezes). Para além desta informação, um conjunto de estudos provenientes de escavações arqueológicas ou de achados ocasionais, permite aprofundar a importância desta arma defensiva para as sociedades antigas.

Na Península Ibérica as principais referências clássicas detalham o tipo de capacete e enquadram-no no armamento característico dos guerreiros ibéricos. As suas formas e decorações podem variar e têm como matérias-primas preferenciais o bronze e o ferro. A utilização do bronze é predominante neste tipo de armamento, contrariamente ao que acontece com as restantes armas produzidas no mesmo período.

Os capacetes objecto do presente estudo, são todos considerados do tipo Montefortino. Esta atribuição relaciona-se com a descoberta de conjunto de tais armas, em necrópole, do Norte de Itália, nos finais do século XIX. O autor da designação mencionada foi também quem descobriu os capacetes, M. Brizio, que lhes atribuiu origem etrusca. Não obstante, mais tarde, aquela foi contestada por outros autores, como J. Déchelette (1914), J. M. Blázquez (1960) ou P. Jacobsthal (1969).

Em 1975, Russel Robison, estabeleceu tipologia para os capacetes romanos, onde classificou os do tipo Montefortino. A criação deste tipo já havia sido feita anteriormente, mas de modo pouco específico, comparativamente a este novo trabalho.

José Abásolo e Fernando Pérez (1980) inventariaram todos os capacetes encontrados na Península Ibérica, utilizando a tipologia de Russel Robison. Em 1980 e 1981, Carlos Ferreira de Almeida publicou em Portugal dois artigos sobre espólio proveniente de Castelo do Neiva, onde se encontraram dois capacetes de bronze.

O Professor Armando C.F. da Silva, publicou em 1986, “*A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal*”, introduzindo novas questões, abordadas posteriormente neste estudo, sobre os capacetes, provenientes de Castelo do Neiva, Lanhoso, em Portugal, e Caldelas de Tuy, na Galiza.

Joaquín García e Mauriño Muzquiz, publicaram artigo intitulado “*Los cascos de tipo Montefortino en la Península Iberica – Aportación al estudio del armamento de la II Edad del Hierro, 1993*”, onde descreveram cinquenta e cinco exemplares de capacetes

provenientes da Península Ibérica, e criaram tipologia própria, descrita no ponto referente aos estudos tipológicos do presente estudo (capítulo 3.1.2).

Nas duas últimas décadas, produziram-se exposições de onde resultaram publicações sobre este tipo de espólio. Em 1997, no âmbito da mostra “*De Ulisses a Viriato*”, que decorreu no Museu Nacional de Arqueologia, o capacete encontrado em Vaiamonte esteve exposto ao público. Dois anos depois (1999), em Guimarães, ocorreu a exposição intitulada “*A Arte Castreja do Norte de Portugal*”, onde esteve patente o capacete de Lanhoso. Em 2009 a Câmara Municipal de Boticas organizou a exposição “*Boticas no Tecto do Mundo – Manifestações artísticas da II Idade do Ferro, Séc. V/IV ao Séc. I a.C.*” onde, entre espólio relativo a armamento, se encontrava aquele capacete. Desde 2010, que a Câmara Municipal de Neiva tem também em exposição os dois capacetes de Castelo do Neiva, fazendo parte do espólio do seu Núcleo Arqueológico.

### 3.1.2 - Estudos tipológicos

O espólio em análise no presente estudo conta com cinco exemplares de capacetes, três espigões e fragmento de viseira (ver figura 5).

As formas e decorações que estes objectos apresentam podem ser enquadradas nas tipologias de Russel Robison (1975) ou na de Joaquin Garcia e Mauriño Muzquiz (1993).

Os capacetes do Norte de Portugal evidenciam-se pelas decorações, que se assemelham às ornamentações presentes na cerâmica castreja (Ferreira de Almeida, 1981 p. 248; Abásolo e Pérez, 1980, p. 114), conferindo aos exemplares de Lanhoso e Castelo do Neiva características particulares (Silva, 1986, p.182.)

A tipologia de Russel Robison (1975), define quatro tipos: A e B para os capacetes de estilo itálico-céltico; C e D para capacetes romanos, constituindo dois grupos distintos. A grande diferença dos dois grupos, encontra-se essencialmente ligada à riqueza decorativa, quer do espigão, quer do bordo superior.

Os capacetes de Castelo do Neiva, Lanhoso e Briteiros, podem ser enquadrados no grupo A e B, enquanto os capacetes de Cabeça de Vaiamonte e Aljezur, nos grupos C e D.



A tipologia desenvolvida por Joaquin Garcia e Mauriño Muzquiz (1993), define três grandes grupos (I, II e III). Criaram também três subgrupos Ia, Ib e Ic, correspondendo a conjuntos específicos relacionados com as formas e com a decoração. Esta divisão em grupos é evidenciada por aqueles dois investigadores, através da compilação de vários desenhos de capacetes de tipo Montefortino, onde os encontrados no Norte de Portugal são atribuídos ao grupo III, e os de Cabeço de Vaiamonte e Aljezur ao grupo II (ver figura 2).

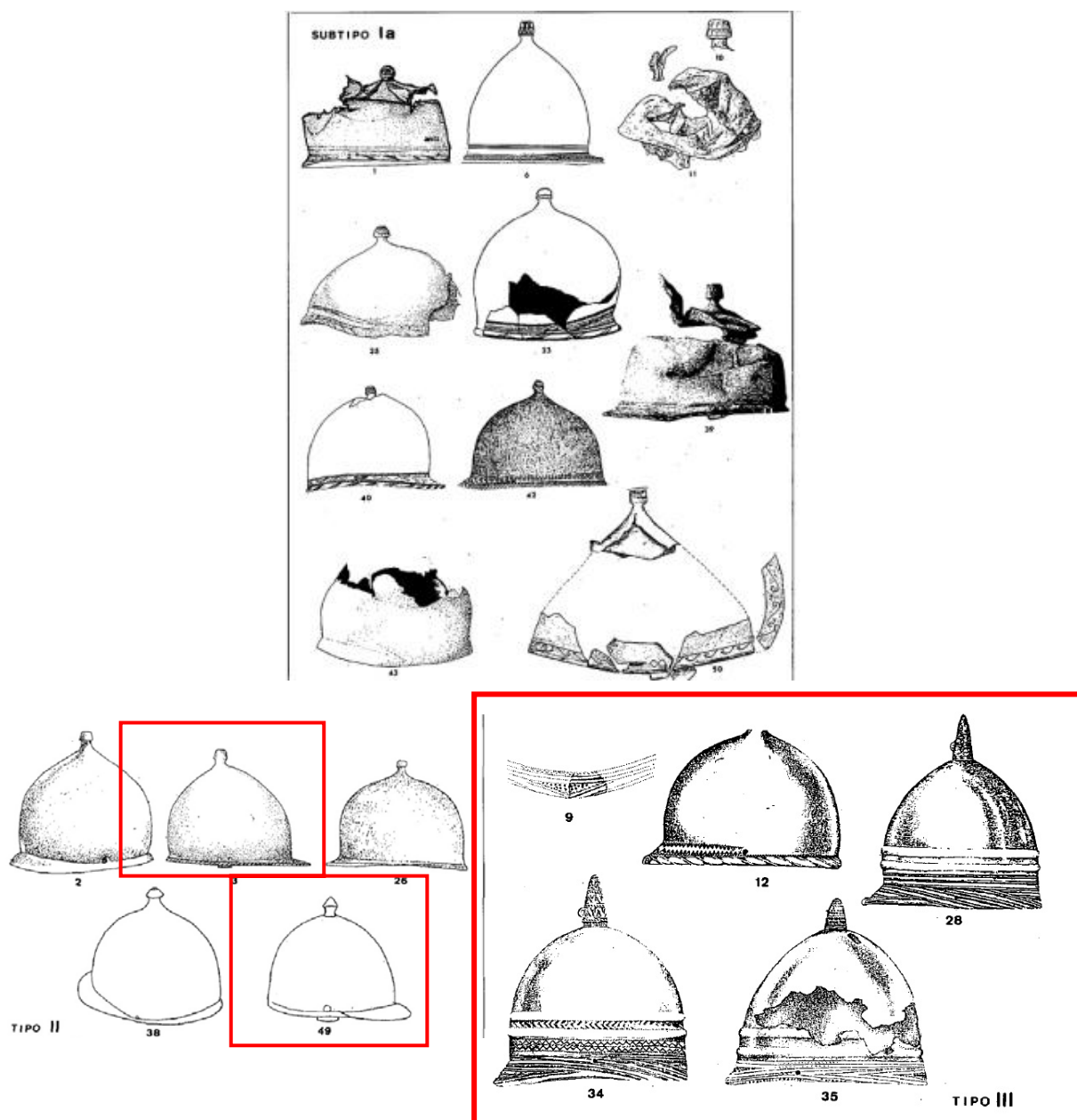


Figura 2 - Capacetes do tipo Montefortino, divididos em grupos (Seg. Joaquin Garcia e Mauriño Muzquiz, 1993, pp. 126 - 128)

### 3.1.3 - Contextos arqueológicos

Os achados ocasionais predominam neste tipo de espólio, embora existam algumas informações que podem ser obtidas, tendo em vista o seu enquadramento.

Analisando estudos sobre capacetes encontrados em contextos arqueológicos diferentes (necrópole, santuário) é possível levantar algumas questões pertinentes, de âmbito simbólico e social.

O carácter simbólico torna-se evidente, quando as armas surgem em necrópoles. Em Espanha existem capacetes como os procedentes de Galera, Toya e Villaricos, consideradas sepulturas colectivas, ou de, Santa Ana, Pozo Moro, Cabecico del Tesoro e Les Corts, tidas como sepulturas individuais (Garcia e Muzquiz, 1993, p. 136).

Dos cinquenta e cinco capacetes estudados por Garcia e Muzquiz, vinte e nove correspondem a contexto de necrópole. A percentagem de armas encontradas nestas necrópoles é variável. Não obstante, para compreender este fenómeno é necessário ter em linha de conta o desaparecimento de muitas peças ao longo dos séculos, devido ao saque a que estiveram sujeitas as jazidas. Das armas identificadas, a percentagem de capacetes é significativamente reduzida, situando-se entre 0,1% e 11% do total das ocorrências.

A hipótese do estatuto social desempenhado pelos capacetes é reforçada pela análise do espólio militar e, também, pelas características das sepulturas, que em alguns casos evidenciam, através de outros achados, a presença de elites (Almagro-Gorbea, 1982, p. 252). Em Portugal não foram encontrados ainda, capacetes em contexto de necrópole, não sendo portanto possível tecer considerações neste sentido.

Relativamente à hipótese do estatuto, existe outro factor, não directamente ligado ao contexto arqueológico, mas sim à decoração que alguns capacetes apresentam, elaborada e precisa, fruto de trabalho minucioso e prolongado, permitindo associar a posse deste tipo de equipamento a determinado indivíduo, ou grupo de indivíduos, com estatuto social elevado. As decorações permitem, também, levantar questões na esfera do mundo simbólico ou mágico.

A presença de espólio associado deixaria levantar algumas questões, como a existência de tesouro escondido (Ferreira de Almeida, 1981, p. 45). ou a colecção de espólio com finalidade simbólica ou ritual. As armas em contexto de santuário na

Península Ibérica são, comparativamente à Gália, bem mais reduzidas (Martinez, 2004, p. 365.)

A maior percentagem de armas ofensivas nestes santuários é, segundo Maria Martinez (2004), demonstração ritual de um triunfo de guerra, oferecendo as suas armas, conjuntamente com outros despojos, a determinado santuário e divindade.

Em Villaricos (Espanha) foi encontrado capacete junto com outras armas, numa das habitações situadas no ponto mais alto do povoado, reconhecendo-se tal acervo como colecção particular ou colectiva, associada ao valor material e simbólico que tais objectos possuíam, assim como ao local privilegiado no contexto do povoado.

Todos os capacetes, completos ou fragmentos dos mesmos, que foram descobertos em Portugal (ver figura 3), provêm de povoados ou das suas imediações e apenas três daqueles não estão no Norte de Portugal. (ver figura 5)

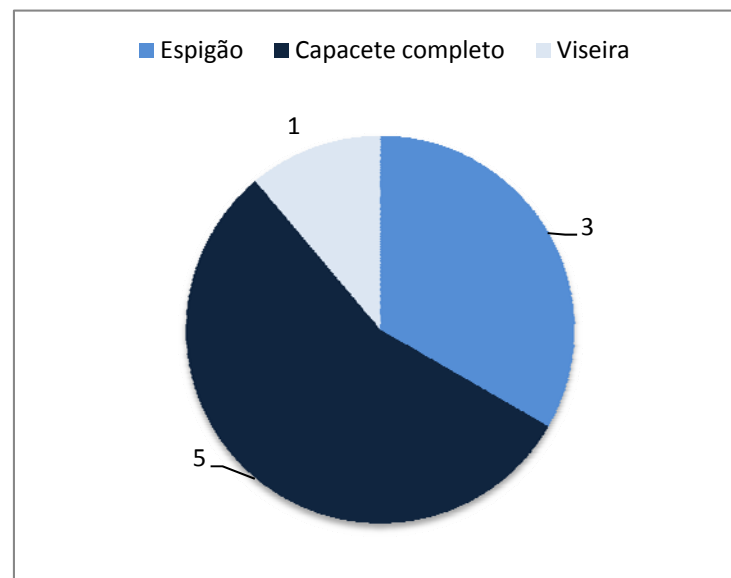


Figura 3 - Gráfico representativo da totalidade de achados em Portugal

Os dois capacetes de Castelo do Neiva são dos mais estudados, principalmente por Carlos A. Ferreira de Almeida (1981), que fez algumas referências sobre a sua descoberta e o espólio associado nos artigos “*Importantes objectos em bronze de Castelo do Neiva.*” (1981a) e “*Dois capacetes e três copos, em bronze, de Castelo do Neiva.*” (1981).

Encontrados em zona superficial e encaixados, um no outro, surgiram quando começou a ser feita a terraplenagem para a construção de habitação. Posteriormente, apareceram outros objectos, três copos de bronze, bordos de ânforas, fragmentos de vasos de cerâmica de tipologia castreja e moeda romana. Deste espólio, a moeda com a representação da cabeça de Augusto em uma das faces e, na outra, escudo circular (*caetra*) com duas lanças e falcata, pode constituir importante elemento na atribuição

Leandro Saudan Tristão

cronológica dos capacetes. O numisma identificado como *dupondius* cunhado no principado de Augusto, (26 – 25 a.C.), deve andar associado às guerras de conquista e pacificação de Augusto (Ferreira de Almeida, 1981b, pp. 250, 251).

### 3.1.4 - Discussão

A singularidade dos capacetes de Castelo do Neiva e de Lanhoso como dos fragmentos de Briteiros e os espigões de Resende e Sanfins, encontra-se principalmente na decoração de alguns dos seus elementos, constituída por alinhamentos em “SS”, círculos concêntricos, xadrez e ziguezagues, conferindo-lhes identidade própria, um traço particular que ainda hoje os identifica como únicos.

A existência de temas decorativos idênticos, na cerâmica e na ourivesaria castrejas justificam, segundo Carlos A. Ferreira de Almeida (1981) a presença de produção local, assim como alto nível técnico na fabricação de objectos de bronze; actividade a que conferem particularidades regionais, quiçá procedentes de períodos anteriores.

O simbolismo, associado a este tipo de decoração, atribui aos capacetes valor identitário muito próprio, ultrapassando assim a simples questão eminentemente prática, defensiva, ou de protecção, embora aquele possa ter valor apotropaico.

As decorações destas armas e as suas representações na estatuária, associam-nas aos povos indígenas locais. A sua capacidade protectora, de elemento como o crânio, demonstra, não só, importância evidente, como também simbólica. Para Carlos A. Ferreira de Almeida (1981, p. 246) aqueles poderiam tanto ter sido usados por elites guerreiras locais, como por Romanos e outros povos.

Paralelo que não devemos esquecer, prende-se com a representação escultórica de guerreiro procedente da Citânia de Sanfins, armado com capacete e que foi descoberta em local de relevo no contexto do povoado, perto de uma das entradas. Este confere importância significativa à estátua, e a quem ela figura, como para o armamento com que se faz representar, associando o capacete que ostenta aos povos que ali habitaram. Em termos tipológicos pode-se considerar capacete do tipo Montefortino, ainda que se trate de representação simplificada.

Na actualidade a imagem deste guerreiro com capacete foi adoptada como logótipo do Centro de Arqueologia Castreja e Estudos Célticos de Sanfins (ver figura 4).

No contexto europeu, a presença de capacetes do tipo Montefortino, faz-se também sentir em diversos países. Assim, na Alemanha, existe o Museu Arqueológico de Bon (*Landes Museum de Bonn*), que dedica grande parte da sua investigação aos capacetes romanos. No seu espólio existem vários modelos, alguns muito idênticos aos de Aljezur e Vaiamonte.



Figura 4 - Logótipo inspirado no guerreiro de Sanfins, utilizado pelo Centro de Arqueologia Castreja e Estudos Célticos, em Sanfins, Portugal.

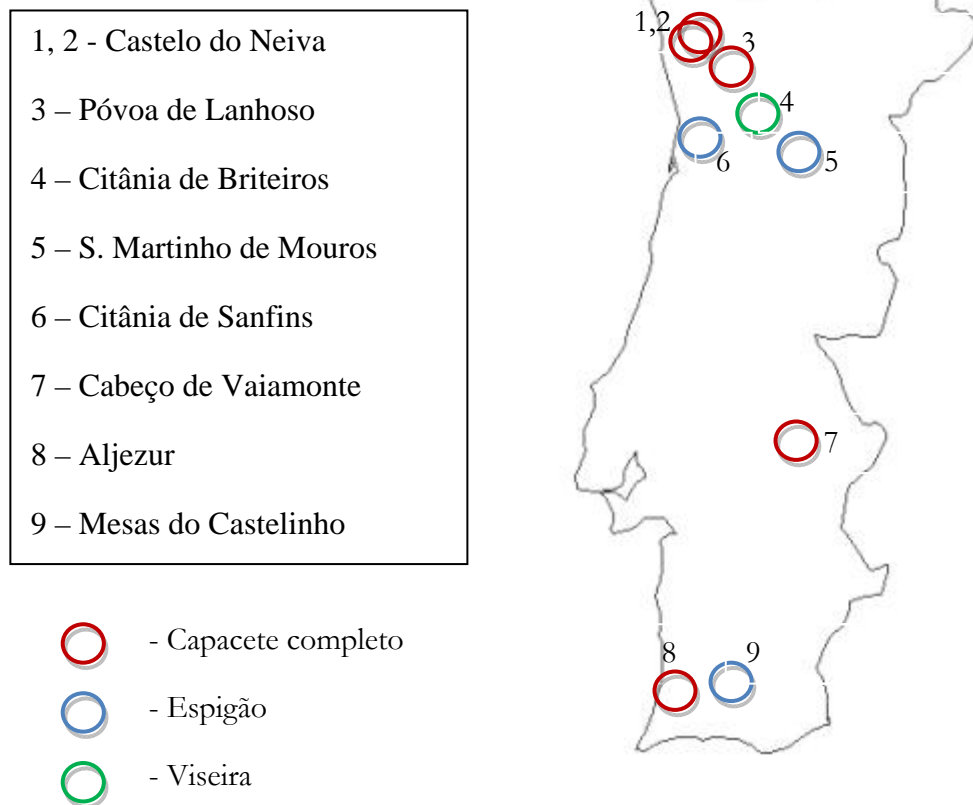
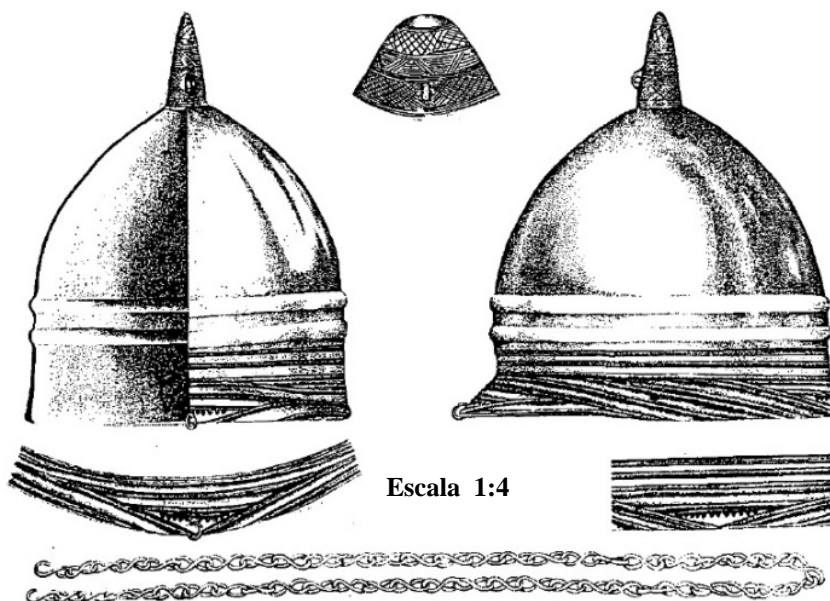


Figura 5 – Distribuição geográfica de capacetes inteiros, espigões e fragmentos.

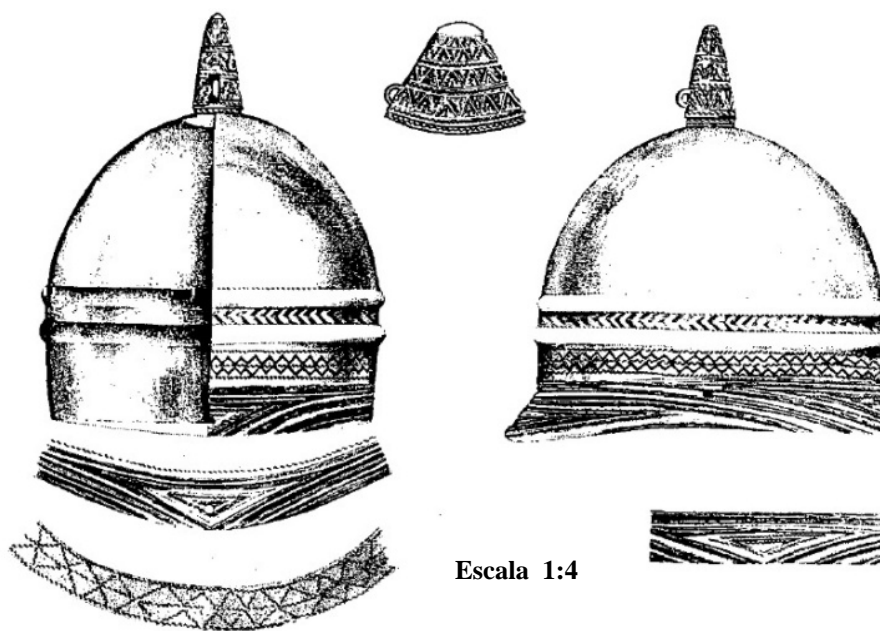
### 3.1.5 – Testemunhos arqueológicos (Catálogo)

<p><b>Denominação</b> Capacete de bronze decorado, Montefortino , tipo III.</p> <p><b>Procedência</b> Castro do Lanhoso, Povia de Lanhoso.</p> <p><b>Cronologia</b> Século I a.C.</p> <p><b>Depósito</b> Museu D. Diogo Sousa, Braga.</p> <p><b>Contexto Arqueológico</b> Encontrado a 5 metros de profundidade, achado nos finais dos anos 30.</p> <p><b>Espólio associado</b> Fragmentos de cerâmica, fíbulas, moedas e três torques de ouro</p> <p><b>Bibliografia (relativa à estampa)</b> Silva (1986, est. XCII, A-F).</p>	<p><b>Dimensões (em mm)</b></p> <p><b>Altura</b> 262 (com espigão)</p> <p><b>Base eixo maior</b> 248</p> <p><b>Base eixo menor</b> 205</p> <p><b>Peso</b> 1090 gr</p> <p><b>Forma</b> <b>Capacete</b> Semiesférico rematado por espigão. Dois toros repuxados, três frisos horizontais e paralelos entre si. Na parte inferior frisos canelados e paralelos entre si. Possuiu também uma corrente constituída por 52 elos.</p> <p><b>Espigão</b> Cónico, decoração rica, com quatro faixas diferentes, a primeira começando pelo topo, é lisa, depois um xadrez, de seguida linhas horizontais que são cortadas por linhas semelhantes mas diagonais, a quarta faixa novamente em xadrez e a base do espigão com linhas horizontais. Possuiu orifício de encaixe.</p> <p><b>Guarda – Nuca</b> Curta e plana, com frisos iguais aos da calote, possuiu formas triangulares com pequenos círculos que se repetem na viseira. Um orifício com argola</p>
--	---



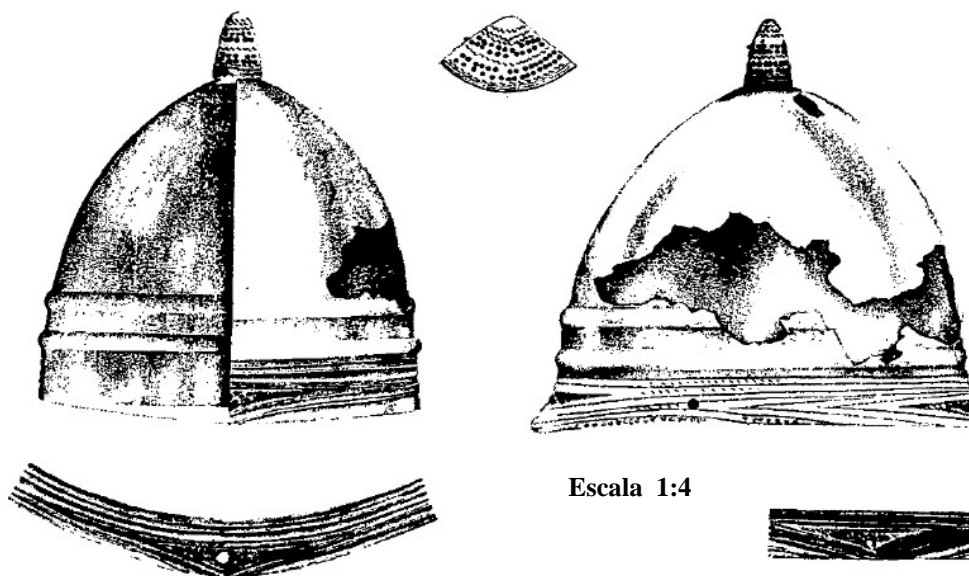


<p><b>Denominação</b> Capacete de bronze decorado, Montefortino, tipo III.</p> <p><b>Procedência</b> Castro de Moldes, Castelo do Neiva, Viana do Castelo.</p> <p><b>Cronologia</b> Segunda metade do séc. I a. C</p> <p><b>Depósito</b> Actualmente no Centro Arqueológico da Junta de Freguesia de Castelo do Neiva.</p> <p><b>Contexto Arqueológico</b> Achado fortuito, no ano de 1974, a quando de terraplenagem, para a construção de casa.</p> <p><b>Espólio associado</b> Outro capacete, estando ambos encaixados um no outro.</p> <p><b>Bibliografia</b> Silva (1986, est. XCIV, A-F).</p>	<p><b>Dimensões (em mm)</b></p> <p><b>Altura</b> 250 (com espigão)</p> <p><b>Base eixo maior</b> 237</p> <p><b>Base eixo menor</b> 196</p> <p><b>Peso</b> 1584,82 gr</p> <p><b>Forma</b> <b>Capacete</b> Conico, rematado com espigão. Dois toros repuxados, entre eles uma linha de aspas, todas para a mesma direcção. Entre o primeiro toro e a base três linhas “SS” e entre elas duas linhas em ziguezague.</p> <p><b>Espigão</b> Cónico, com uma decoração rica, faixas alternadas, entre linhas em ziguezague verticais, dentro de pequenos triângulos e linhas “SS” Possuiu orifício de encaixe.</p> <p><b>Guarda - Nuca</b> Curta e plana, com espaço triangular que se repete na viseira com alinhamentos “SS” estampados, na horizontal e diagonal, decorando o bordo do triângulo.</p>
--	--



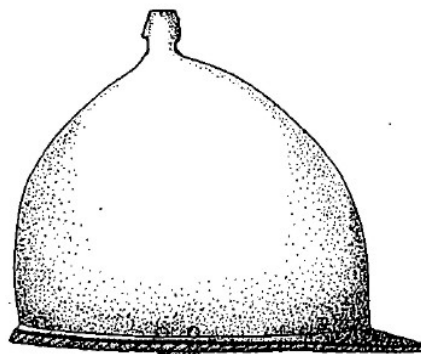


<p><b>Denominação</b> Capacete de bronze decorado, Montefortino, tipo III.</p> <p><b>Procedência</b> Idem.</p> <p><b>Cronologia</b> Idem.</p> <p><b>Depósito</b> Idem.</p> <p><b>Contexto Arqueológico</b> Idem.</p> <p><b>Espólio Associado</b> Idem.</p> <p><b>Bibliografia</b> Silva (1986, est. XCV, A-F).</p>	<p><b>Dimensões (em mm)</b></p> <p><b>Altura</b> 223 (com espigão)</p> <p><b>Base eixo maior</b> 245</p> <p><b>Base eixo menor</b> 210</p> <p><b>Peso</b> 1102 gr</p> <p><b>Forma</b></p> <p><b>Capacete</b> Semiesférico, rematado por espigão Com dois toros repuxados, sem decoração. Vários alinhamentos de “SS” estampados ao longo do bordo, com algumas representações de círculos concêntricos.</p> <p><b>Espigão</b> Cónico, com várias faixas decorativas, sendo que a primeira é lisa, oferecendo depois linhas ondulantes e pequenos círculos concêntricos. Na base faixa com estampado “SS”. Viseira também com alinhamentos “SS” estampados e círculos concêntricos. Ausência de orifício.</p> <p><b>Guarda - Nuca</b> Curta e plana, com espaço triangular preenchido com círculos concêntricos e com um orifício.</p>
--	---



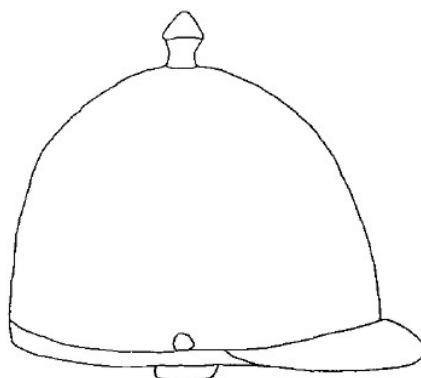
Escala 1:4

<p><b>Denominação</b> Capacete de bronze, Montefortino, tipo II</p> <p><b>Procedência</b> Várzea da Misericórdia, próximo do Castelo de Aljezur.</p> <p><b>Cronologia</b> Século (III – II) a.C.</p> <p><b>Depósito</b> Museu Municipal de Aljezur</p> <p><b>Contexto Arqueológico</b> Achado fortuito, numa das encostas do castelo de Aljezur, em 1940.</p> <p><b>Espólio Associado</b> ---</p> <p><b>Bibliografia</b> Viana, A. ; Formosinho, J. ; Ferreira, O. de V. (1953) p. 119, figs. 2 e 5.</p>	<p><b>Dimensões (em mm)</b></p> <p><b>Altura</b> 190 (com espigão)</p> <p><b>Base eixo maior</b> 214</p> <p><b>Base eixo menor</b> 202</p> <p><b>Peso</b> 1102 gr</p> <p><b>Forma</b></p> <p><b>Capacete</b> Cónico, rematado por espigão com apêndices laterais para presilhas. Decoração no bordo inferior com linhas diagonais incisos.</p> <p><b>Espigão</b> Troncónico, sem decoração</p> <p><b>Guarda - Nuca</b> Curta e plana</p>
--	--

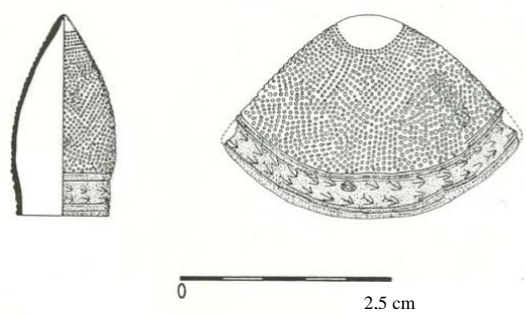


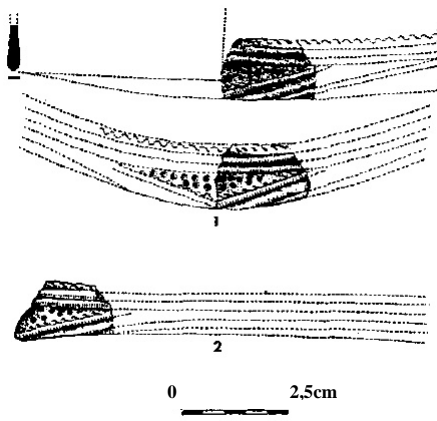
Escala 1:4

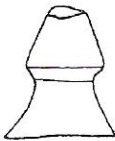
<p><b>Denominação</b> Capacete de bronze, Montefortino, Tipo II.</p> <p><b>Procedência</b> Castro da Cabeça de Vaia Monde, Monforte.</p> <p><b>Cronologia</b> Século I a.C</p> <p><b>Depósito / N° Inventário</b> Museu Nacional de Arqueologia, 46235</p> <p><b>Contexto Arqueológico</b> Achado fortuito, no início do século XX.</p> <p><b>Espólio Associado</b> Ponta de lança, pendente de ouro, denário da república romana de L.Sempronius Pito, do ano 170 a.C.</p> <p><b>Bibliografia</b> Leite de Vasconcellos (1929, p.184, Fig 53).</p>	<p><b>Dimensões (em mm)</b></p> <p><b>Altura</b> 210</p> <p><b>Diâmetro</b> 206</p> <p><b>Forma</b></p> <p><b>Capacete</b> Cónico, conserva apêndices laterais para presilhas e não tem decoração</p> <p><b>Espigão</b> Composto por dois elementos, um de ligação ao capacete e outro de forma cónica na parte superior. Não apresenta decoração</p> <p><b>Guarda - nuca</b> Curta e plana, sem decoração</p>
---	--




Escala 1:4

<p><b>Denominação</b> Espigão de capacete</p> <p><b>Procedência</b> Castro da Mogueira, S. Martinho de Mouros, Resende.</p> <p><b>Cronologia</b> Século I a.C.</p> <p><b>Depósito</b> -----</p> <p><b>Contexto Arqueológico</b> Encontrado em Dezembro de 1985, por Luís Coutinho Amaral, quando realizava prospecção.</p> <p><b>Espólio Associado</b> Cerâmica castreja decorada e fragmentos de escórias.</p> <p><b>Bibliografia</b> Desenho de Maria Antónia Silva, retirado da publicação “Boticas no tecto do mundo, Manifestações artísticas da 2ª Idade do Ferro. Séc. IV/V a.C. ao Séc. I.” Câmara Municipal de Boticas, 2009, p. 17.</p>	<p><b>Dimensões (em mm)</b></p> <p><b>Altura</b> 48</p> <p><b>diâmetro</b> 22</p> <p><b>Decoração</b> Três decorações diferentes. A primeira, uma faixa lisa de 6/8 mm, depois faixa com picotado irregular e, por fim, faixa com duas fileiras de setas paralelas, todas a apontar na mesma direcção.</p> <div data-bbox="813 1198 1340 1512">  </div>
---	---

<p><b>Denominação</b> Fragmento da viseira, de bronze.</p> <p><b>Procedência</b> Citânia de Briteiros, Guimarães</p> <p><b>Cronologia</b> Século I a.C</p> <p><b>Depósito</b> Museu da Sociedade Martins Sarmento, Guimarães.</p> <p><b>Espólio Associado</b> Fragmentos de cerâmica castreja e terra <i>sigillata</i>, moedas, das quais uma está identificada como denário de 149 a.C.</p>	<p><b>Dimensões (em mm)</b></p> <p><b>Comprimento</b> 45</p> <p><b>Largura</b> 32</p> <p><b>Espessura</b> 3,5/6 mm</p> <p><b>Decoração</b> Círculos concêntricos; semelhança com a viseira de um dos capacetes de Castelo do Neiva. Alinhamento de “SS” estampados e deitados</p>
<p><b>Bibliografia</b> Silva (1986, est. XCII).</p>	

<p><b>Denominação</b> Espigão de capacete de bronze, Montefortino,</p> <p><b>Procedência</b> Povoado Mesas do Castelinho, Almodôvar.</p> <p><b>Cronologia</b> Século II-I a.C.</p> <p><b>Depósito</b> Desconhecido</p> <p><b>Contexto Arqueológico</b> Desconhecido</p> <p><b>Bibliografia</b> Fabião (1998, est. 74 – 3).</p>	<p><b>Dimensões (em mm)</b></p> <p><b>Altura</b> 36</p> <p><b>Largura</b> 30</p> <p><b>Forma</b> Troncocónico</p> <p><b>Descorção</b> Sem decoração</p>
	 <p><b>Escala 1:2</b></p>

<p><b>Denominação</b> Espigão de capacete, de bronze, tipo Montefortino, decorado.</p> <p><b>Procedência</b> Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.</p> <p><b>Cronologia</b> Séculos II-I a.C.</p> <p><b>Depósito</b> Desconhecido</p> <p><b>Contexto Arqueológico</b> Povoado</p> <p><b>Bibliografia</b> Silva (1999, p. 54)</p>	<p><b>Dimensões (em mm)</b></p> <p><b>Altura</b> 38</p> <p><b>Largura</b> 22</p> <p><b>Forma</b> Troncocónica com estrangulamentos na base</p> <p><b>Descorção</b> Alternam bandas lineares de SS, com bandas de círculos concêntricos.</p> <div data-bbox="852 911 967 1128">  </div> <p><b>Escala 1:2</b></p>
---	---

### **3.2. - Escudos**

Os escudos, da II Idade do Ferro, encontrados na Península Ibérica, apresentam dois tipos, os circulares e os oblongos, ovais ou rectangulares.

Em termos simbólicos, estavam também presentes em paradas militares e religiosas, mostrando decorações diversas.

A representação de determinado símbolo, geométrico ou zoomórfico, nos escudos, perdurou por vários séculos, constituindo tradição mantida por diferentes povos. Na Idade Média estavam ainda bem presentes nos escudos de determinados cavaleiros.

Sobre o carácter prático desta arma, importa sublinhar que ela conferia diferentes tipos de defesa, sendo que os oblongos eram de maiores dimensões que os circulares, apresentando maior defesa corporal, embora mobilidade mais reduzida.

Os circulares ofereciam defesa mais localizada, maior mobilidade e liberdade no ataque, pois não obrigavam a dispor de tanta força para os manter e movimentar. A utilização de escudo circular, mais pequeno, indica maior importância dada ao ataque que à defesa e maior autonomia individual.

Numa lógica de defesa de grupo, os escudos de maiores dimensões permitiam protecção em bloco, muito eficaz, conforme demonstravam as legiões romanas, conseguindo formar defesas coesas, que possibilitava avanço ofensivo lento, mas bem sucedido.

#### **3.2.1 - Estudos anteriores**

Apesar de se considerar uma arma defensiva, o escudo pode desempenhar papel ofensivo. De facto, enquanto por exemplo o capacete corresponde a protecção praticamente passiva, o escudo apresenta utilização activa, podendo ser manuseado e usado como arma de ataque numa luta de corpo a corpo (Quesada Sanz, 1997, p. 483).

O uso do escudo, na Península Ibérica, é-nos transmitido mais uma vez por Estrabão (3, 3, 6) que descreve exemplar circular, com dois pés de diâmetro (60 cms), usado preso ao corpo através de correias. As estátuas castrejas, onde surgem representados escudos, reforçam a presença de arma com contorno redondo e de pequenas dimensões. Sobre a existência de escudos, com formas diferentes, Diodoro (5,



33) descreve que entre os guerreiros iberos, podiam-se encontrar escudos de distintos tamanhos e formatos.

Sílio Itálico (3, 347-349; 10) menciona que Galaicos e Iberos, quando se dirigiam para o campo de batalha, cantavam e batiam nos seus escudos, comportamentos com características semelhantes já referidos por Heródoto (*Historias*, 1, 215; 2), aquando da descrição dos Caunios.

Foram feitos alguns estudos sobre os escudos utilizados na II Idade do Ferro, principalmente em Espanha onde existe maior número destas armas, comparativamente com Portugal. Em termos arqueológicos, é necessário, desde logo, ter consciência que grande parte dos exemplares se perdeu, pois eram principalmente construídos em materiais perecíveis, restando hoje algumas peças metálicas que lhes pertenciam, como é o caso das manilhas e dos umbos (Silva, 1986, p. 181).

A manilha, de ferro, servia como pega, permitindo segurar o escudo, aplicando-se toda a força da mão ou do braço sobre ela. No actual território português existem referências a duas manilhas, encontradas em Alcácer do Sal. Segundo Virgílio Correia (1928) correspondem a duas pegas, de aletas triangulares. Não nos foi possível observar as mesmas ou algum desenho seu.

Desenvolveu-se estudo relativo à constituição e ao modo de utilização dos escudos, existindo dois modelos destes; o primeiro composto por duas manilhas, estando uma delas presa ao antebraço, e outro com uma manilha simples, sem aquela fixação. No século XX, alguns investigadores (Snodgrass, 1965; Anderson, 1970; Blyth, 1982; Hanson, 1989; Brunaux e Rapin, 1988; Quesada Sanz, 1997) procuraram encontrar vantagens e desvantagens na utilização de uma manilha em detrimento das duas. O escudo fixo no antebraço teria uma melhor distribuição de peso, recaindo este sobre o ombro e o antebraço, podendo assim ser, mais pesado e resistente. Os que se encontrassem presos, com uma manilha mais simples, permitiriam agarrar e soltar mais facilmente, dando maior liberdade de movimentos (Quesada Sanz, 1997, p. 483.)

Na Península Ibérica, não existem, até à presente data, vestígios arqueológicos de manilhas de fixação ao braço, assim como não se conhecem representações iconográficas das mesmas. Estrabão (3, 3, 6) refere a ausência de manilhas de braço entre os escudos dos povos ibéricos, aspecto que pode explicar a ausência de tais peças no registo arqueológico.

O estudo detalhado do método como eram agarrados os escudos permite compreender como eram utilizados. Nos escudos fixados ao braço, surge muito mais a ideia de unidade que avança em grupo, coesa e resistente, enquanto com os escudos de maior mobilidade, a utilização destes seria mais individual, criando grupo menos coeso e mais repartido. Brunaux e Rapin (1988) criaram conjunto de desenhos, com figuras a utilizar os dois tipos de escudo, de manilhas diferentes, onde procuram ilustrar alguns mecanismos de defesa (ver figura 5).

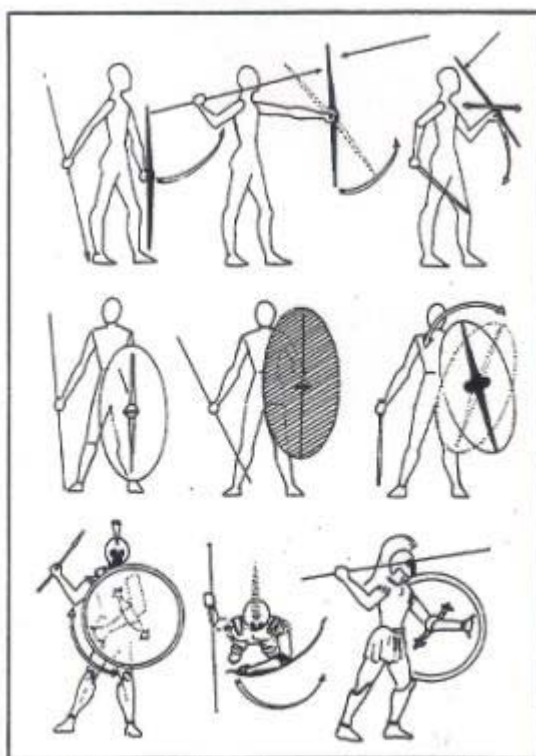


Figura 5 – Várias possibilidades de manuseamento de escudo. (Seg. Quesada Sanz, 1997, p. 484)

### 3.2.2 - As Tipologias

Conforme anteriormente mencionamos, entre os escudos presentes na Península Ibérica, pertencentes à II Idade do Ferro, distinguem-se dois grandes grupos; os circulares e os oblongos.

Os escudos oblongos, são compostos por cinco elementos principais, o corpo, as manilhas, umbo e a spina (Quesada Sanz, 1997, p. 534). O estudo tipológico dos umbos dos escudos oblongos, da autoria de Brunaux e Rapin (1988) é um dos mais actuais e completos, distinguindo oito grupos diferentes de umbos, conferindo-lhes atribuição cronológica (ver figura 6).

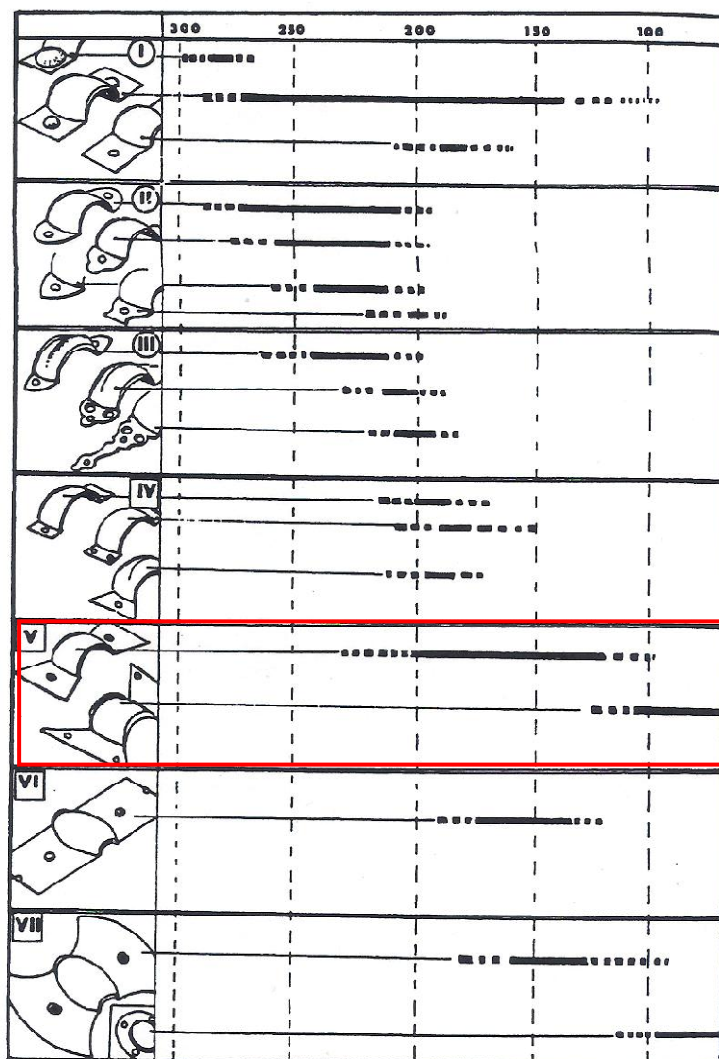


Figura 6 - Tipos e cronologia de umbos, de escudo oval (Seg. Quesada Sanz, 1997, p. 536).

No actual território nacional existe umbo de escudo, procedente do castro Alvarelhos (Trofa) que pode ser enquadrado no tipo V, de Brunaux e Rapin (1988), pois, apresenta calote hemisférica e duas aletas laterais, conferindo-lhe forma trapezoidal.

Aquele exemplar pode igualmente ser classificado como tendo pertencido a escudo laténico (Ferreira de Almeida, 1974, p. 15 ; Soeiro, 1981, p. 237).

Os restantes umbos de escudo são de atribuição tipológica mais difícil. Para o de Briteiros, existe inclusive a dúvida, se estamos perante um umbo de escudo ou um applique lateral, o mesmo acontecendo para o conjunto de seis cravos em calote, de Figueiredo da Donas (Vouzela), com cronologia da Idade do Bronze Final (Silva, 1986, p. 205).

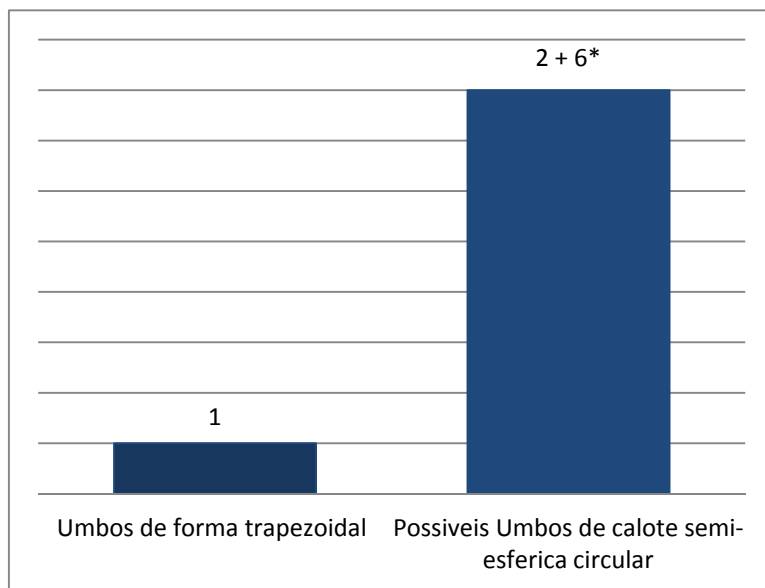


Figura 7 – Gráfico representativo de possíveis umbos de escudo, sendo que 6 deles correspondem a um depósito do Bronze Final.

Quanto ao umbo de escudo encontrado na Lomba do Canho, também nos debatemos com algumas dificuldades na sua atribuição tipológica e cronológica, devido ao seu estado fragmentado, embora o contexto arqueológico corresponda a acampamento militar romano. É possível que aquele pertencesse ao equipamento de legionário (Fabião e Guerra, 1988, pp. 307-317).

### 3.2.3 - Contextos arqueológicos

O umbo de escudo melhor preservado e identificado, provém do castro de Alvarelhos (Trofa), desconhecendo-se o local exacto da sua descoberta. Esta peça pertence, desde 1930, à colecção do Museu Abade Pedrosa, em Santo Tirso (Soeiro, 1981, p. 237).

O castro de Alvarelhos fica situado em contraforte do maciço montanhoso da serra de Santa Eufémia, mais precisamente na sua vertente nascente. Ocupa extensão de setecentos a oitocentos metros quadrados, oferecendo vestígios de taludes, estruturas de pedra com planta quadrangular ou circular, tendo-se ali recolhido fragmentos de cerâmica e outros artefactos enquadráveis na Idade do Bronze Final e na Idade do Ferro, tal como atribuídos ao Período Romano, ao qual pertencerão estruturas que aparentam ter feito parte de edifício termal (Moreira, 1992, p. 37).

A Lomba do Canho (Arganil) situa-se a dois quilómetros a norte da vila de Arganil, em elevação com 214 m de altitude máxima. A totalidade da estação não foi ainda escavada, embora a última intervenção se circunscrevesse a área com cerca de setecentos metros quadrados (Fabião e Guerra, 1988, p. 308). Foi possível ali identificar núcleo com características que poderiam corresponder às casernas de acampamento. No que concerne à estratigrafia foi atribuída uma ocupação única, que não ultrapassaria três décadas do século I a.C. (Fabião e Guerra, 1988, p. 315).

A hipótese de na Lomba do Canho ter permanecido contingente militar romano, surgiu logo nas primeiras escavações realizadas por Castro Nunes (1958). O sítio, foi interpretado como castro, com posterior ocupação por tropas romanas. Esta conclusão tinha por base a significativa presença de armas, com características de armamento romano; designadamente projecteis de catapulta, dardos, pontas e contos de lança, um umbo de escudo, *glandes* e espada.

### 3.2.4 - Discussão

Apesar de existirem poucos vestígios materiais de escudos da idade sidérica em Portugal, outros dados podem ajudar a clarificar tanto a presença como os seus tipos e o método de utilização desta arma defensiva.

De facto, a presença de escudos circulares encontra-se bem explícita em representações iconográficas da II Idade do Ferro (ver figura 8). Surge importante conjunto de testemunhos no complexo rupestre de Côa – Douro, onde guerreiros, armados com escudos circulares e lanças, defrontam-se constituindo a reprodução de cenas reais ou imaginárias, de carácter bélico, lúdico ou mitológico.

Também as estátuas de guerreiros ou heróis civilizadores, do Noroeste, apresentam escudo circular sobre o ventre (ver figura 9). No Sul, em Alcácer do Sal, conhecem-se, numerosas pequenas esculturas de bronze, possíveis *ex-votos*, que ostentam escudos circulares (Gomes, 2008, p. 66).

Aquelas representações, de carácter simbólico, demonstram a importância que teriam os escudos, caracterizando o armamento defensivo, de determinados indivíduos, reais ou míticos.

Estatuária com escudos ovais, não se conhece em Portugal. Existindo em Osuna, na Andaluzia Oriental, escultura com tais características.

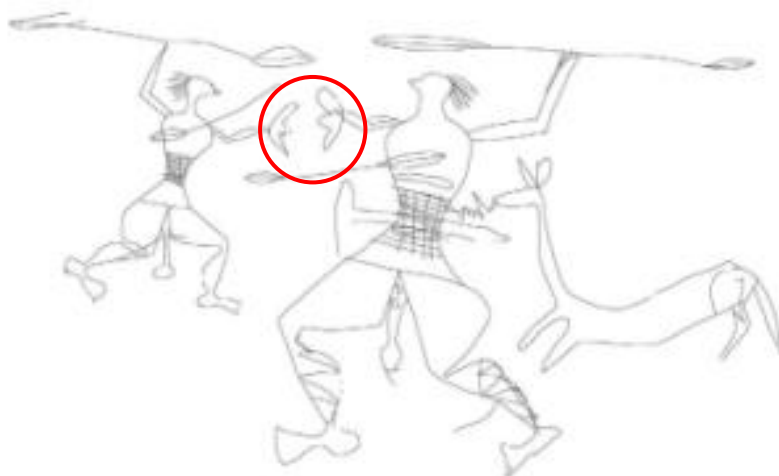


Figura 8 – Gravuras rupestres, rocha Vermelha (Seg. Baptista, 1999, p.186).

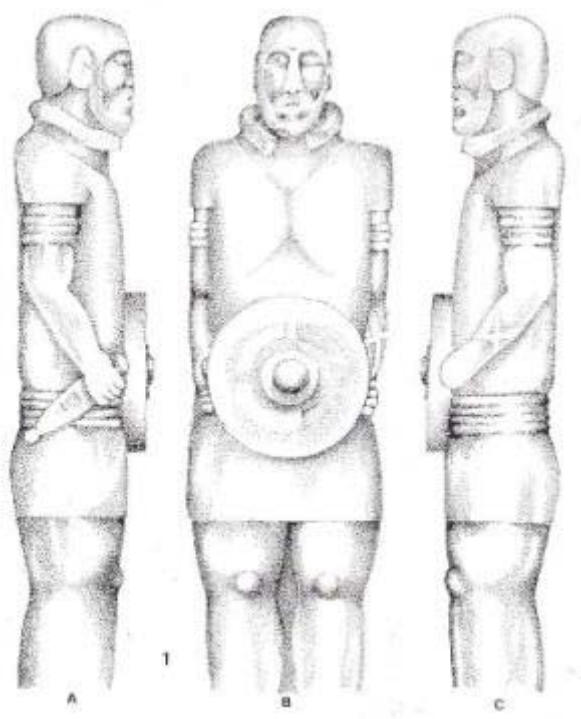


Figura 9 – Guerreiro de Lezenho (Seg. Silva, 1986, est. CXX).



Figura 10 – Ex-voto de Alcácer do Sal (Seg. Gomes, 2008, p. 67).



Apenas o umbo do escudo de Alvarelhos pode corresponder a escudo oval, justificando, ainda que de forma reduzida, a presença, das duas principais formas daquelas armas. A utilização deste tipo de escudo, tem sido atribuída não aos povos indígenas mas sim aos Romanos. Para Carlos A. Ferreira de Almeida (1975) e Teresa Soeiro (1981), a presença deste umbo de escudo surgiria, através de contactos com zonas romanizadas ou mesmo com o exército romano. Existem alguns dados que vão ao encontro desta possibilidade, tal como a cronologia avançada, o aproveitamento que o mundo militar romano dava às tecnologias de armas anteriores, reconhecível em algumas armas hispânicas, bem como o espólio e estruturas romanas, bem evidentes no castro (Fabião, 1998, p. 123). No entanto, a tipologia da peça em apreço pode ser associada a modelos de La Tène, deixando em aberto a existência, ainda que reduzida, de relações célticas naquela região (Silva, 1986, p. 181).

O umbo de escudo encontrado na Lomba do Canho, apresenta-se como um caso muito particular, de atribuição tipológica difícil. Seguindo a proposta de Quesada Sanz (1997), pode-se enquadrar no seu tipo III e eventualmente no subgrupo E, pois apresenta cronologia para o século I a.C., podendo corresponder a escudo oval como os utilizados pelos contingentes militares romanos.

Curioso é também o achado exposto no *British Museum*, em Londres, de fíbula de ouro, com guerreiro possuindo capacete, escudo oval e espada de tipo La Tène. A daquela procedência daquele é atribuída à Península Ibérica, ainda que seja desconhecida a sua origem exacta.

Quesada Sanz (2011) atribui ao vale do Ebro uma das possíveis regiões, de produção da fíbula acima referida e, dadas as suas particularidades, influência cultural mais orientalizante que continental, ainda que o armamento do guerreiro possa corresponder a ambiente celtibérico, com influência de La Tène. Não obstante, o museu londrino, atribuiu-a a artesão helénico, a viver na Península Ibérica, daí as características orientalizantes para representar uma realidade celtibérica (ver figuras 12 e 13).

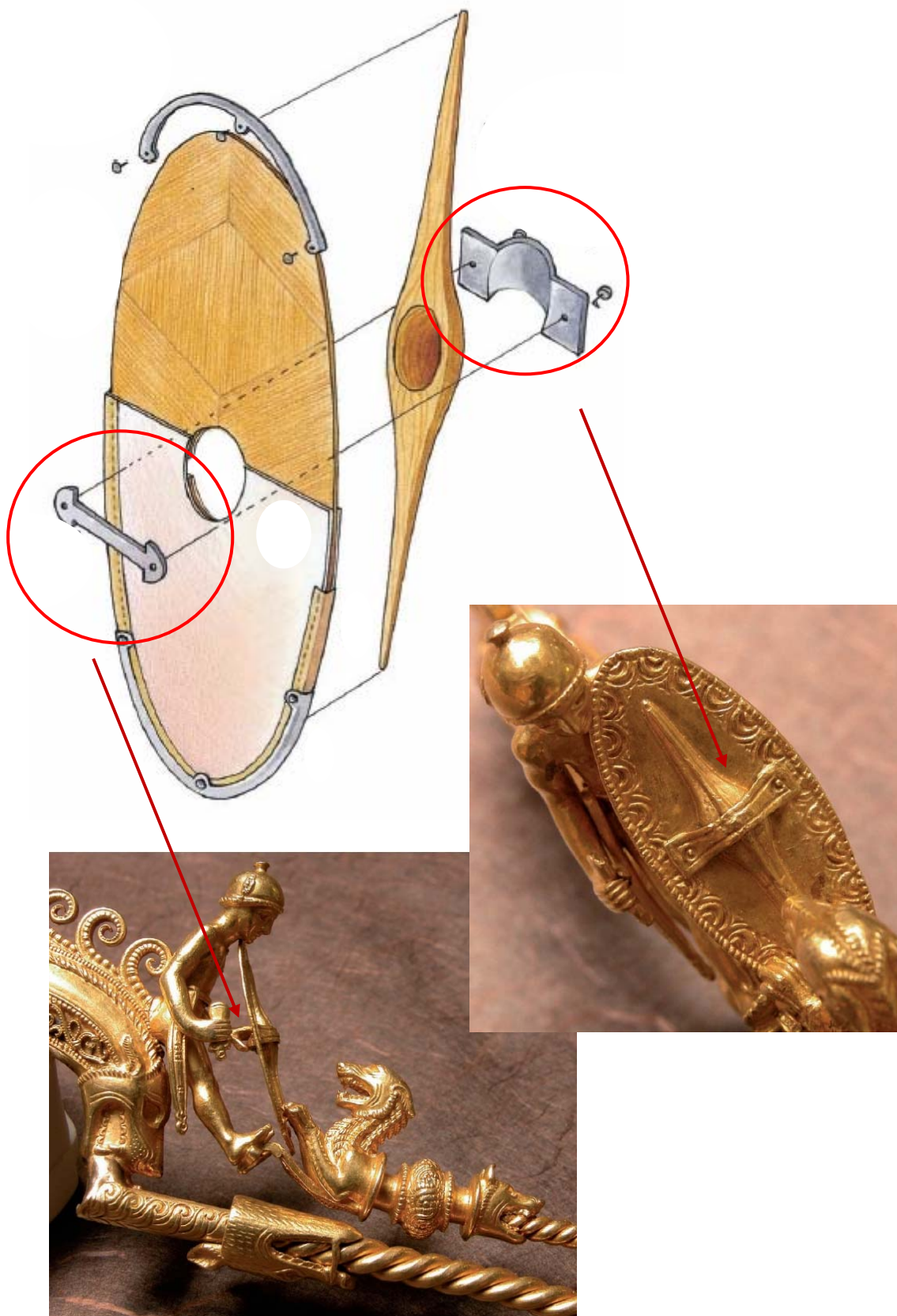


Figura 11 – Esquema construtivo de escudo oval (Seg. Quesada Sanz, 2011, p. 140). Figuras 12 e 13 – “Fíbula de Braganza”. Fíbula com guerreiro e “monstro” (Seg. Quesada Sanz, 2011, p. 139) (© British Museum. Foto: Archivo Au, A. Perea)



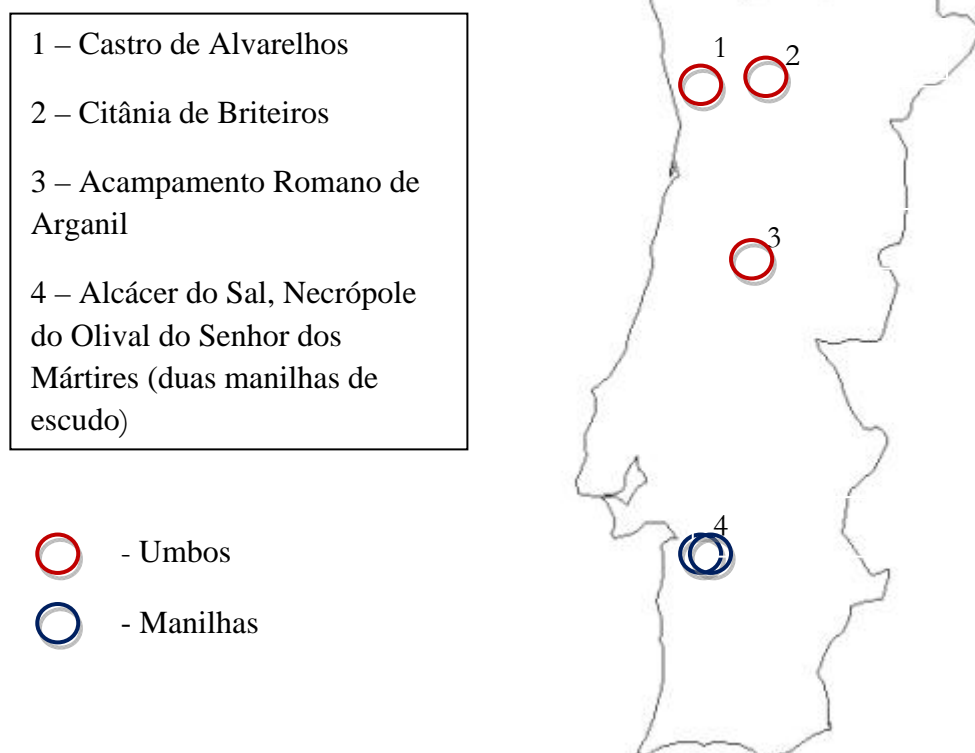
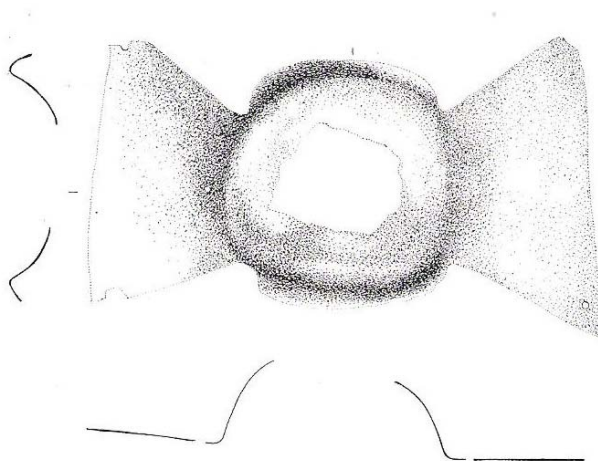


Figura 14 – Distribuição geográfica de umbos e de manilhas de escudo.

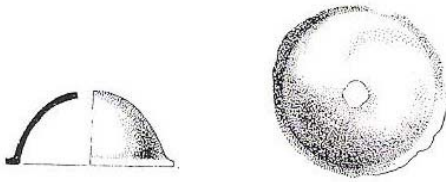
### 3.2.5 – Testemunhos arqueológicos (Catálogo)

<p><b>Denominação</b> Arma defensiva – umbo de escudo</p> <p><b>Procedência</b> Castro de Alvarelhos, Santo Tirso</p> <p><b>Tipologia</b> Tipo V (Seg. Rapin 1991)</p> <p><b>Cronologia Atribuída</b> Finais do séc. II, a meados do séc. I a. C.</p> <p><b>Contexto Arqueológico</b> Povoado</p> <p><b>Depósito / Coleção / N° Inv.</b> Museu Municipal Abade Pedrosa (Inv. - Alv.1952, s/n.ª, 256)</p> <p><b>Bibliografia</b> Silva (1986, est. XC, 6, p. 205).</p>	<p><b>Dimensões (em mm)</b></p> <p>Comprimento 140</p> <p><b>Largura</b> 85</p> <p><b>Altura</b> 25</p> <p><b>Descrição</b> Parte central hemisférica algo fragmentada, aletas trapezoidais. Nos vértices são visíveis orifícios para cravos de fixação ao escudo.</p>
---	--



Escala 1:2

<p><b>Denominação</b> Arma defensiva – umbo de escudo</p> <p><b>Procedência</b> Lomba do Canho, Arganil</p> <p><b>Cronologia Atribuída</b> Século I a.C.</p> <p><b>Contexto Arqueológico</b> Acampamento Militar romano</p> <p><b>Depósito / Colecção / N° Inv.</b> ----</p> <p><b>Bibliografia</b> Fabião (2006, fig. 4, p.116)</p>	<p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo do fragmento</p> <p><b>Altura</b> 130</p> <p><b>Largura</b> 80</p> <p><b>Descrição</b> Umbo de escudo circular, muito fragmentado. Bordo com dois orifícios para rebites. Parte central semi-esférica.</p>
<div data-bbox="667 1120 917 1400" data-label="Image"> </div> <p data-bbox="1059 1361 1185 1395"><b>Escala 1:4</b></p>	

<p><b>Denominação</b> Arma defensiva – possível umbo de escudo</p> <p><b>Procedência</b> Citânia de Briteiros, Guimarães</p> <p><b>Cronologia Atribuída</b> Século I</p> <p><b>Depósito / Coleção / N° Inv.</b> Museu da Sociedade Martins Sarmento</p> <p><b>Bibliografia</b> Silva (1986,est. XC, 7 p.205).</p>	<p><b>Dimensões (em mm)</b> Diâmetro base 39</p> <p><b>Descrição</b> Semi-esférico com orla plana no bordo. Orifício central para possível prego de fixação ao escudo.</p>
	

## **Capítulo 4 - Armas ofensivas**

As armas ofensivas têm como principal objectivo o ataque, ou seja, a capacidade de desferir golpes eficazes, no inimigo.

A produção de armas tem sido alvo de estudos multidisciplinares, conotando-se com a própria evolução humana, ligada a constantes transformações, como à necessidade de domínio sobre o meio, sobre o tecido social, assim como à necessidade de defesa perante ataques de animais. Estes aspectos criaram a necessidade de utilizar ou de conceber determinados artefactos, transformando-os em armas de ataque, primeiro de arremesso e de impacto, depois de corte e perfuração.

As armas tiveram papel muito significativo na evolução das sociedades, pois com o cada vez maior domínio de determinados recursos e bens, nasceu a necessidade de defesa. O excesso de produção devia ser mantido e por conseguinte, protegido. Desta necessidade surgem as primeiras muralhas, assim como conflitos mais complexos e violentos. Começam então a aparecer indivíduos que se destacam em determinadas situações de confronto e ganham papel de maior relevo, dentro das comunidades, pois a capacidade de proteger aquelas e os seus bens, foi valorizada e enaltecida. A este sucesso está também ligada a eficácia do armamento que tais sociedades possuíam.

Para o universo deste estudo, a II Idade do Ferro, é necessário referir que a liga metálica em que as armas foram produzidas, atribui-lhes conjuntura própria, diferente dos períodos antecedentes, como a Idade do Bronze Final, onde a posse de armas, conferia, por si só, importância significativa no seio da sociedade.

A produção em massa de armas de ferro, “democratizou” a guerra, tornando a II Idade do Ferro num período onde os conflitos armados, tiveram maior frequência do que anteriormente.

### **4.1 - Espadas e punhais de antenas (tipos Alcácer do Sal, Aguilar de Anguita e Arcóbriga)**

#### **4.1.1 - Estudos anteriores**

São vários os autores que, ao longo do século XX, se debruçaram sobre o estudo deste tipo de arma branca. Das principais questões abordadas, destacam-se a origem, os centros de produção, a evolução tipológica e decorativa ou a sua utilização simbólica e militar.

As primeiras espadas de ferro cuja empunhadura apresentava antenas, de tradição hallstática, entraram na Península Ibérica nos finais do século VII a.C. e nos princípios do século VI a.C. provenientes de duas áreas geográficas do Sul de França, a Aquitânia e o Languedoc (Quesada Sanz, 1997, p. 188).

No início do século XX, H. Sandars (1913) criou o primeiro estudo tipológico para estas armas, tendo em vista diferenciar as espadas provenientes da necrópole, da Idade do Ferro, de Aguilar de Anguita, (Guadalajara, Espanha). Dois anos depois, Adolfo Schulten (1915) e o Marquês de Cerralbo (1916), desenvolveram tipologias mais específicas, descrevendo a lâmina, o punho e a decoração.

Na década de 30, daquela centúria, J. Cabré e E. Cabré de Morán (pai e filha), desenvolveram tipologias, sendo os primeiros a debruçarem-se detalhadamente sobre as espadas de antenas procedentes de Portugal, mais precisamente de Alcácer do Sal.

A presença significativa de espadas de antenas na necrópole em Alcácer do Sal que, entre vários artefactos, apresenta espólio com datações entre os séculos VI e o III a. C. , configura grande singularidade no território português. Perante tais dados, J. Cabré e E. Cabré Morán, criaram o tipo Alcácer do Sal, para grupo de espadas e punhais de antenas.

Mais tarde, W. Schule (1969) apresentou a obra *“Die Meseta-Kulturen der Iberischen Halbinsel”*, onde acrescenta novos dados, aos já enumerados por J. Cabré e E. Cabré Morán, para melhor definir aquele tipo de arma. São então desenhadas novas peças e criado conjunto de mapas com distribuição daquelas, tornando-se em investigação fundamental para estudo de tal espólio.

Quesada Sanz (1997) elaborou o estudo, *“El armamento ibérico. Estudio tipológico, geográfico, funcional, social y simbólico de las armas en la Cultura Ibérica (siglos VI-I a.C.)”*, onde desenvolve investigação sobre a panóplia do armamento da II Idade do Ferro, na Península Ibérica, incluindo as espadas de antenas de tipo Alcácer do Sal. Cria tipologias próprias, levanta novas questões, elabora mapas, apresenta dados estatísticos e vastíssimo conjunto de elementos, que fazem deste trabalho o mais completo sobre o tema referido.

A necrópole sidérica de Alcácer do Sal era conhecida, desde 1874, depois da sua descoberta fortuita, aquando de nivelamento de terreno para a construção de eira. (Paixão, 1983, p. 275). Posteriormente, os materiais ali encontrados pertencentes a

António Faria Gentil, foram doados ao Museu de Arqueologia Pedro Nunes, de Alcácer do Sal. Analisados em primeira mão, por Possidónio da Silva e, mais tarde, por Virgílio Correia, foram publicados alguns artigos de autoria daquele último, que viria a escavar a necrópole entre 1925 e 1927. O espólio recuperado divide-se actualmente pelo Museu Nacional de Arqueologia e pelo Museu do Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra

Cavaleiro Paixão (1970) realizou dissertação de licenciatura sobre a necrópole, intitulada “*A Necrópole do Senhor dos Mártires : Alcácer do Sal : Novos elementos para o seu estudo*”, onde estabelece o ponto de situação sobre a mesma e do seu diversificado espólio, incluindo as espadas de antenas. Na década de 80 irá dirigir novas escavações arqueológicas no local, acrescentando novos dados ao estudo deste importante arqueossítio (Paixão, 1983, pp. 273-286)

#### **4.2.2 – As tipologias**

Dos vários estudos tipológicos realizados para espadas de antenas, o de Quesada Sanz (1997) surge como um dos mais actuais (ver figura 17).

Ainda antes de abordarmos as tipologias, importa realçar a diferença entre espada e punhal, já referenciada anteriormente neste estudo, onde a proposta de Robert Chernokian (1988) nos parece adequada para a distinção entre punhal, espada curta e espada longa.

Relativamente às espadas de antenas encontradas em Portugal, Quesada Sanz (1997) irá atribuí-las no seu tipo IV, correspondente ao tipo Alcácer do Sal, suprimindo as denominações utilizadas por J. Cabré Morán, em 1933, e W. Schule, em 1969.

A forma é também determinante para compreender a arma no seu todo. A lâmina, possuiu dois gumes e tem, na área central, conjunto de estrias (linhas verticais), centradas entre duas caneluras. O punho composto por espiga, com enchimento metálico na zona central, apresenta secção poligonal. No topo do punho encontram-se as antenas, peça fundamental que deu origem ao nome da arma.

O princípio construtivo de antenas nos punhos das armas é observável em armamento de cronologia mais antiga, tanto nos punhais de Hallstatt, como em espadas da Aquitânia, ambas regiões centro-europeias. Estas antenas terão evoluído para diferentes formas; esféricas, semiesféricas e atrofiadas, o que terá originado outros

termos, como espada ou punhal de bolas, ainda que a designação espada ou punhal de antenas permanecesse para a maioria dos autores que as investigaram.

Já quanto à guarda, que faz a ligação do punho com a lâmina, podia assemelhar-se a outros tipos de espadas e punhais de antenas, com ou sem decoração, alguns casos composta por círculos concêntricos, nas zonas laterais.

Das particularidades deste tipo de arma, a decoração oferece importante distinção. Presente no punho em alguns casos na guarda, nas antenas e também na bainha, é composta por linhas verticais e horizontais, linhas onduladas, linhas entrelaçadas, duplas espirais e círculos concêntricos. Estas são damasquinadas com fio de prata e, em alguns casos, de cobre.

Sobre a distribuição geográfica das espadas do tipo Alcácer do Sal, W. Schule (1969) e F. Quesada Sanz (1997), elaboraram mapas da Península Ibérica, com a indicação das mesmas procedências. Aquele último apresenta novos dados, actualizados segundo o seu padrão tipológico, tendo conseguido novas identificações de espadas e de punhais de antenas. Constitui exemplo a espada encontrada em Cerro da la Mora (Sul de Espanha), em contexto de necrópole, tipo post-hallstático, semelhante às da Meseta e com cronologia do século IV a.C. (Pellicer, 1961 p. 156).

A espada tipo III, ou de Aguilar de Anguita, é em muitos aspectos idêntica ao tipo IV, todavia não possui decoração tão complexa, a lâmina não oferece o mesmo tipo de caneluras, as antenas são muito mais esféricas, estando estas na origem da designação de espadas ou punhais de bolas, acima referida, em alguns casos o punho pode ter enchimento central e, em termos decorativos é maioritariamente composta por linhas horizontais. A sua procedência em Portugal ocorre em Alcácer do Sal e Almodôvar.

Por último temos ainda em território nacional, uma espada tipo VI ou Arcóbriga, procedente de Elvas. Mais uma vez os elementos caracterizadores deste tipo de arma, encontram-se relacionados com antenas, muito pouco esféricas e guarda horizontal, diferente dos dois tipos anteriores. Esta arma corresponde a cronologia sidérica que pode alcançar o século II a.C.



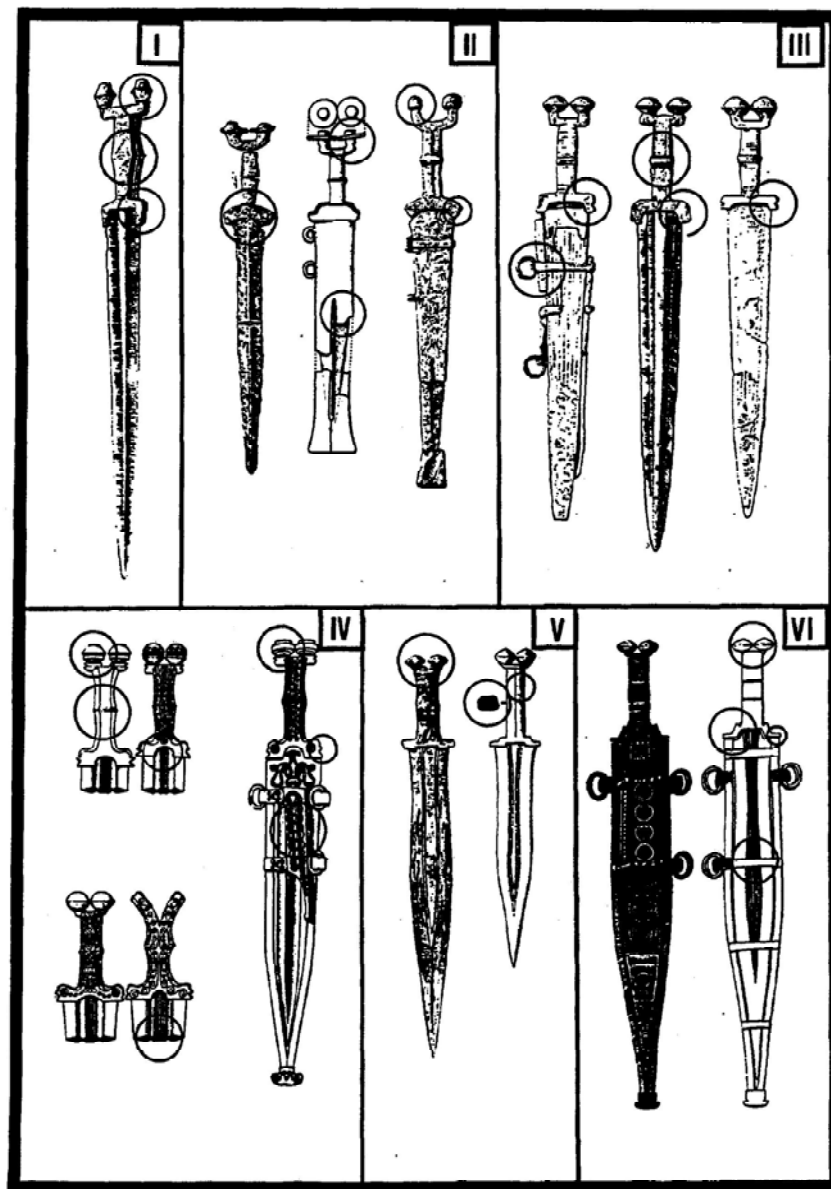


Figura 15 – Detalhes que permitem diferenciar tipologias das espadas de antenas (seg. Quesada Sanz, 1997, p. 209).

TIPO		DATACION	DECORACION	EMPUÑADURA			HOJA	VAINA	OBSERVACIONES
TIPO	DENOM. TRADIC.			EMPUÑADURA	ANTENAS	GUARDA			
I	ARCACHON	ss. VI-ppios. V		Lengüeta cubierta por dos chapas losángicas de hierro.	Dobles conos truncados sin formar 'seta'	Lisa, doblada en 'U' cuadrada hacia abajo	Recta de 4 mesas sin acanaladuras	?	Sólo 1 ejemplar en Aguilar de Anguita. Influencia Aquitana.
II	ECHAURI	s. V-ppios. IV		Espiga cubierta por dos cilindros huecos unidos en el centro.	Desarrolladas con botones en forma de seta	Levemente curvada hacia abajo	Recta de 4 mesas sin acanaladuras	Enteriza de Fe con escotadura	Echauri, Aguilar de Anguita, Carabias, La Olmeda, Atienza, La Mercadera, Gormara. Influencia aquitana.
IIB		ppios. s IV a.C.?		Similar a II pero con anillo moldurado uniendo los cilindros	Desarrollo medio. Remates esféricos	Levemente curvada hacia abajo	Recta.	Enteriza de hierro.	Quintanas de Gormara. Híbrido de tipos I-II-III.
III	AGUILAR DE ANGUITA	ss. V y quizá ppios. del IV a.C.	Cu en la empuñadura. Decoración escasa.	Espiga cubierta por dos cilindros huecos con anillo moldurado en el centro.	Desarrollo medio. Remates esféricos o -muy rara vez- en forma de seta.	Recta, con escotadura rectangular hacia abajo y a veces muescas en los laterales.	Recta, a veces ligeramente pistiliforme. Acanaladura central simple Lg. 40-55 cm.	Perecedera de armazón metálico. Tres anillas	Aguilar de Anguita, Alpanseque, Carabias, Prados Redondos, La Olmeda, Illora
	ILLORA								
IV	ALCACER DO SAL	ss. IV y III a.C.	Rica. Cu y Ag en puño, guarda y vaina.	Espiga cubierta por empuñadura metálica poligonal. Resalte central.	Desarrollo medio. Remates de seta y luego globulares.	Recta, con escotadura curva hacia abajo. Muecas en laterales. Rara vez escotadura rectangular.	Recta. Estrías finas al centro flanqueadas x acanaladuras laterales anchas	Perecedera de armazón metálico con chapas decorativas	Abunda en la zona vetona, pero también en Alcacér do Sal y Andalucía (aquí en forma de puñales).
V	ATANCE	ppios. s. IV a.C / fin s. III	Normalmente sin decorar.	Espiga cubiera por un sólo tubo hueco aplanado y abierto longitudinalmente.	Poco desarrollo. Remates esféricos aplanados.	Recta con leve escotadura rectangular hacia abajo. Sin muescas laterales.	Acanaladuras al principio como en tipo IV. Luego, estrechas e iguales	Perecedera de armazón metálico con chapas decorativas	Evolución simplificada del tipo III. Atance, Atienza, La Mercadera, Hijes, Osma, Gormara.
VI	ARCOBRIGA	s. IV a fin s. II	Rica. Cu y Ag en empuñadura, guarda y vaina.	Espiga cubierta por tubo hueco aplanado o cilíndrico con moldura central poco acusada.	Desaparecidas. Remates aplanados o globulares que llegan a tocarse.	Hombros escalonados. Profunda escotadura rectangular. Sin muescas laterales	Pistiliforme. Lg. Hj. entre 25 y 55 cm. Acanaladuras siguen perfil de la hoja.	Enteriza de chapas o perecedera de armazón metálico.	Arcóbriga, Atienza, Atance, Turmiel, Mercadera, Gormara, Revilla, Uvero, Osma. Muy decorada.

Figura 16 - Tipología para espadas de antenas, (Seg. Quesada Sanz, 1997, p. 208)

#### 4.2.3 - Contextos arqueológicos

Até ao presente momento, no território hoje português, têm sido encontradas espadas e punhais de antenas apenas em contextos de necrópole.

A necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal, representa, no Ocidente Peninsular o local com maior incidência de espadas e punhais de antenas, devidamente registados, através de desenho, por E. Cabré Morán (1951) e W. Schule (1969).

Em contexto de povoado, apenas na actual região da Galiza, existem alguns achados que testemunham a presença de punhais e espadas de antenas, apresentando

estas, características distintas das encontradas a sul. As suas tipologias sugerem cronologia mais antiga e evidenciam muitos paralelismos com os punhais da Aquitânia e Hallstatt.

Com uma cronologia já inserida na II Idade do Ferro, surgem algumas espadas e punhais de antenas que testemunham a continuação do uso do bronze nos punhos e introdução do ferro nas lâminas. Os castros de Coubueira (Lugo), San Cibrao de Las Conteras (Ourense), Lebosandaus (Ourense), Santa Tegra (Aguarda), testemunham estes achados, sendo este último, muito próximo da actual fronteira com Portugal, localizado na margem norte da foz do rio Minho.

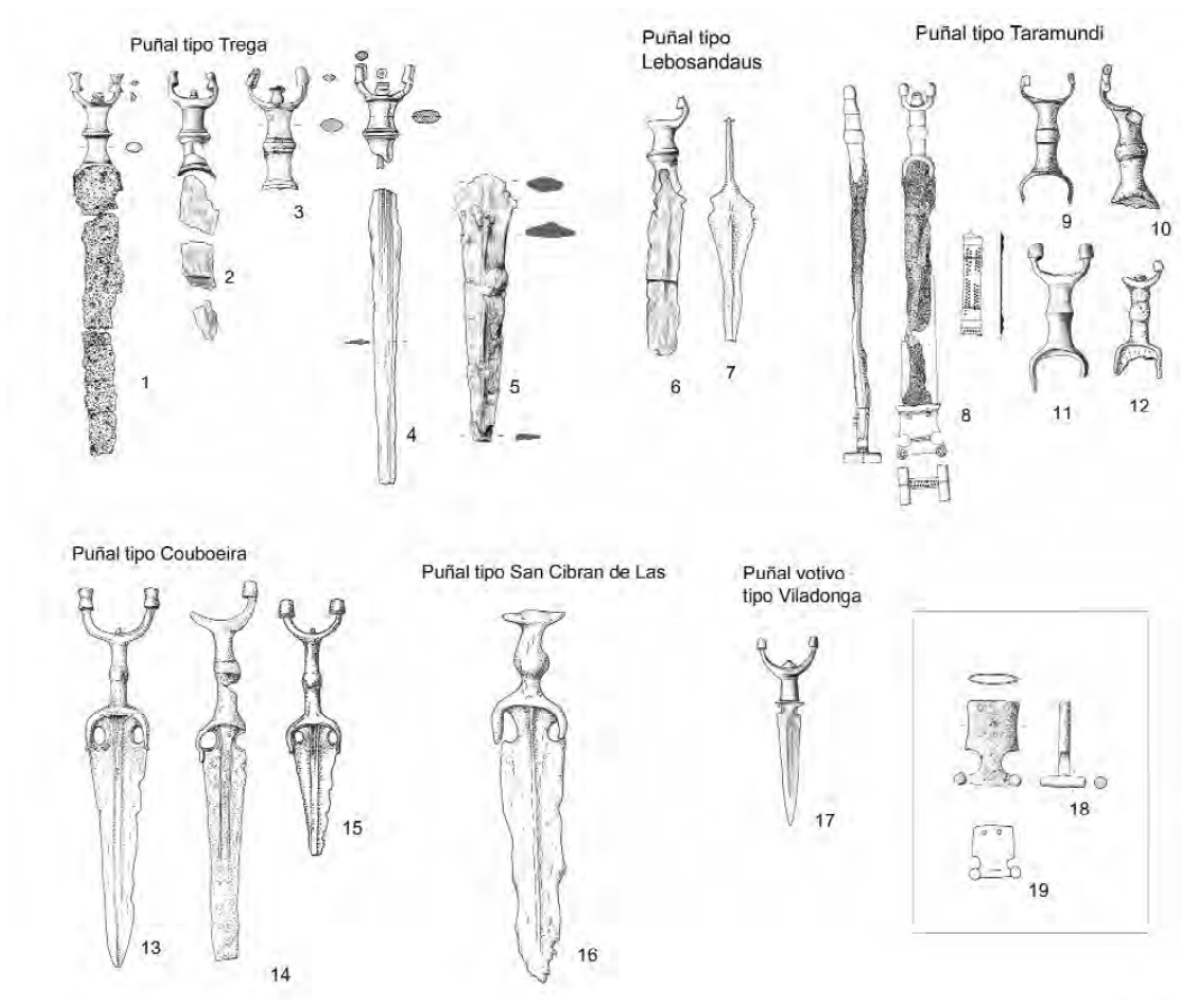


Fig. 17- Punhais de antenas da II Idade do Ferro do Noroeste Peninsular: 1 e 3. Santa Tegra; 2. Lebosandaus; 4. Sofán; 5. Alobre; 6. Lebosandaus; 7. Croa de Zoñán; 8. Taramundi; 9. procedência desconhecida; 10. procedência desconhecida; 11. e 17. Viladonga; 12. Procedência desconhecida; 13 e 15. Couboeira; 14. Fozara; 16. San Cibrán de Las. Conteras; 18. Borneiro; 19. Distintas escalas. (Seg. Alfredo Ruibal, 2006, p.429).

No Sudoeste Peninsular, segundo Berrocal Rangel (1992, p. 156), tinham sido descobertas vinte e quatro espadas de antenas, divididas entre diferentes tipologias, com

maior incidência para o tipo Alcácer do Sal (11). No entanto, faltam estudos e registos que possam comprovar tais números.

Partindo dos dados publicados e não abrangendo eventuais estudos em fase de publicação, verificou-se que da necrópole da Herdade das Casas (Redondo) provêm espadas curtas de antenas atrofiadas, algumas ainda com restos de bainha, (Silva e Gomes, 1992, p. 176). Berrocal Rangel (1993, p. 157), sobre as espadas da Herdade das Casas, faz referência para três exemplares de antenas que considerou tardios.

Na necrópole da Herdade da Chaminé (Elvas), foi descoberta espada de antenas, que pode ser enquadrada no tipo Atance (tipo V, de Quesada Sanz, 1997, p. 208), caracterizada e desenhada por Abel Viana e A. Dias de Deus (1951), com cronologia entre os séculos IV e III a.C.

<b>Proveniência</b>	<b>Total</b>	<b>Tipologia</b>
Necrópole do Senhor dos Mártires, Alcácer-do-Sal	11	Tipos III e IV
Herdade da Chaminé, Elvas	1	Tipo V
Herdade das Casas, Redondo	3	-----
Monte da Parreira, Almodôvar	1	Tipo III

Em Alcácer do Sal, utilizando como principal referência os registos de W. Schule, pode-se observar pelo menos sete espadas de antenas (tipo III e IV, seg. Quesada Sanz, 1997, p. 208).

Quanto à presença de fragmentos de bainhas, ponteiras e empunhaduras, verificaram-se também vários achados em Alcácer do Sal, Herdade das Casas, Herdade da Chaminé e Castro Marim, onde foi exumada bainha de espada de antenas, de tipo indeterminado, e em contexto estratigráfico pouco esclarecedor, uma vez que surge incluído em derrube do Período Romano, ao qual estão associadas cerâmicas áticas de verniz negro (Pereira, 2008, p. 62).

### **A necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)**

Localizada a cerca de um quilómetro para poente de Alcácer do Sal, distrito e concelho de Setúbal, ocupava colina de formação miocénica que faz fronteira com o rio Sado (Paixão, 1983, p. 275). As primeiras descobertas foram fruto dos trabalhos de construção de eira, em 1874 e 1875 (Correia, 1928, p. 171). O espólio ali encontrado, principalmente cerâmicas áticas de figuras vermelhas, foi posteriormente dirigido para Lisboa, sendo desde esse período reconhecido o interesse arqueológico do sítio.

Em 1895, António Faria Gentil, proprietário dos terrenos, encontra mais objectos no decorrer do alargamento e plantação de vinha, fazendo doação dos mesmos ao museu de Alcácer do Sal.

Nas primeiras campanhas arqueológicas realizadas em Alcácer do Sal, por Virgílio Correia, em 1925, verificou-se quatro tipos de rituais funerários recorrendo-se sempre à incineração, dois de cremação *in situ* e dois de cremação e deposição em urna.

Em termos culturais, podemos estar na presença de substrato autóctone com fortes raízes na Idade do Bronze Final, ao qual se adicionaram os grandes contributos mediterrâneos e estímulos de origem continental (Silva e Gomes, 1992, p. 158).

Os diferentes tipos de sepultura demonstram esses contributos, existindo, no entanto, semelhanças evidentes com ambientes culturais de matriz marcadamente ibérica, principalmente na panóplia de artefactos, designadamente em relação a algumas armas, conforme adiante indicaremos.

Importa também referir, que em 1925 quando da escavação de Vergílio Correia, já parte significativa do espólio tinha sido encontrado sem qualquer tipo de referência estratigráfica, representando assim uma lacuna grave na compreensão de algumas das suas armas e dos seus contextos, como acontece com as espadas de antenas tipo Alcácer do Sal.

Sobre o espólio e em particular as armas, as descrições de Vergílio Correia, (1928) ilustram a deposição de algumas peças.

Primeiro tipo de sepultura; “(...) *as armas e adereços do defunto: - enovelado o soliferreum, dobradas as lâminas das falcatas e das adagas, encurvadas as folhas das lanças longas, deformadas as bainhas (...)*”



Segundo tipo; “*Sob os ossários nada de armas dobradas ou de adornos torcidos pelo fogo.*”

Terceiro tipo; “*(...) nódoa cinzenta e restos de ossos, contendo pequenos vasos, armas e enfeites semi-calcinados, sobre a rocha do fundo ou na terra requeimada e avermelhada pelo efeito da combustão da pira e cadáver realizada in situ (...) O espólio está disseminado sem ordem no meio das cinzas. Contudo, por mais de uma vez tive ocasião de verificar a colocação de armas nas extremidades da nódoa negra e de braceletes no centro dela, o que revelaria logicamente que as lanças haviam sido depositas ao longo do corpo.*”

Quarto tipo; “*(...) Embrulhados com cinzas, jazendo sem ordenação, armas, jóias, os vasinhos rituais, as coçoiras, um ou outro objecto estranho – como restos de instrumentos musicais ou as rodas de bronze de um carro de combate.*”

Ao primeiro e segundo tipo de sepulturas estão associadas urnas de cerâmica, com forma ovóide ou esférica e com fundo plano ou côncavo, podendo ainda ser observado, nas paredes das urnas, decorações com bandas ou pautas de linha paralelas e horizontais de cor vermelha ou castanha escura. Estas urnas continham despojos de cremações, seladas com pequenas lajes de xisto ou pratos, sendo depositadas a pouca profundidade e sobre conjunto de armas e adereços.

No terceiro tipo de sepultura, um aglomerado de cinzas e restos ósseos, sem qualquer urna, colocado directamente sobre a rocha ou na terra, sendo coberta por camada de pedras soltas, encontrando-se armas e adereços colocados desordenadamente entre as cinzas.

No quarto tipo, observou-se incineração *in situ* do cadáver, reconhecendo-se fossa rectangular com as dimensões do corpo humano adulto, aberta no substrato rochoso, com orientação sentido nascente-poente. Outra fossa mais pequena, com um degrau envolvente, onde assentaria a pira, ocupando o centro da primeira. Após a incineração tudo seria coberto por terra e blocos de calcário. A presença de restos osteológicos de animais, confere à sepultura a evidência de oferendas e sacrifícios como parte integrante do ritual.

A datação deste tipo de sepultura é a mais recuada e insere a necrópole do Olival do Senhor dos Mártires num período cronológico com início no século VII a.C.

### **A necrópole da Herdade da Chaminé (Elvas)**

Localiza-se nas proximidades da Vila Fernando (Elvas) e foi descoberta em 1949, de forma accidental, na sequência de trabalhos agrícolas (Viana e Deus, 1950, pp. 230,231)

Segundo Abel Viana (1950) existiram 150 urnas, enterradas à profundidade média de 50 cm, em simples solos calcetados ou em cavidades abertas no substrato rochoso. Isoladas, ou em conjuntos de duas, três ou quatro e algumas sobrepostas, eram cobertas por tigelas de cerâmica e pedras. Em alguns casos as urnas foram acompanhadas por objectos, como brincos, contas de vidro azul, pinças, alfinetes etc.

As urnas apresentavam dois tipos de fabrico, as montadas ao torno rápido e as ao torno lento, correspondendo estas últimas a formas ovóides ou sub-esféricas, decoradas com cordões e incisões. Já as montadas ao torno rápido, possuindo forma esférica ou ovóide, com bordo extrovertido ou de perfil em S, apresentam decoração pintada em bandas e semicírculos concêntricos, de cor vermelha escura. As tigelas usadas para tapar as urnas eram, em maior número, peças com pé e duplo orifício junto ao bordo.

Com as urnas surgiram uma espada de antenas, duas pontas de lança e várias facas afalcatadas.

O espólio desta necrópole e as análises estratigráficas, demonstram diferentes fases de ocupação que podem corresponder a intervalo cronológico situado entre os séculos IV a.C. e I a.C.

#### **4.2.4 – Discussão**

No que se refere à origem das espadas de antenas, o Centro da Europa parece ter tido papel impulsionador nas suas primeiras produções, provenientes das áreas geográficas do Sul de França, Aquitânia e Languedoc. No que concerne ao contexto ibérico, nomeadamente à zona da Meseta e, em particular, às necrópoles de La Osera, estas apresentam vasto espólio de espadas de antenas com diferentes cronologias, entre os séculos IV e II a.C.

Aqueles dados permitem conceber à Meseta como centro produtor e distribuidor de espadas de antenas. No entanto, das cento e setenta e duas espadas identificadas na

Leandro Saudan Tristão

região, apenas dezassete possuem as características das espadas de antenas tipo IV ou Alcácer do Sal. Trata-se de número reduzido, quando comparado com as noventa e duas do tipo VI ou Arcóbriga. Esta percentagem de espadas tipo Alcácer do Sal, permite tecer conjunto de hipóteses, embora ainda não seja possível afirmar, com segurança, qual o seu centro produtor.

Quanto à forma, destaca-se a particularidade do punho possuir duas antenas, mais perceptíveis nos protótipos, de espadas e punhais, de Hallstatt; característica simbólica, com diferentes interpretações, mas provavelmente ligada ao transcendente e divino, conferindo protecção e importância ao indivíduo que a utilizava.

É possível que tenha existido evolução na forma das espadas mantendo o mesmo princípio construtivo. No entanto, a forma das antenas foi-se alterando, ganhando mais o aspecto de bolas circulares ou de antenas atrofiadas, e correspondendo a arma com tipologia diferente (ver figuras 15 e 18).

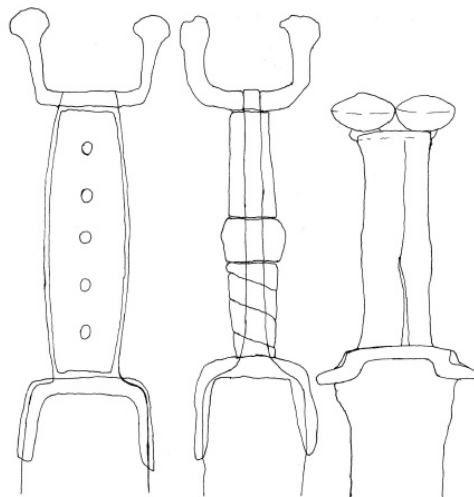


Figura 18 – Evolução das antenas (Seg. Francisco Lledó, 1986, p. 318)

Sobre o armamento encontrado em Alcácer do Sal, poderia considerar-se que estaríamos perante comunidade muito receptiva a influências exteriores, tanto orientalizes como continentais.

A existência de espadas e punhais de antenas permite sustentar a presença de senhores da guerra, indivíduos que possuíam importante armamento, podendo corresponder a mercenários, celtiberos ou iberos, que ali se estabeleceram, ou a elites indígenas que dado o seu estatuto social possuíam espadas decoradas, resultante de produção local ou de transacções comerciais de origens distintas.



Parece evidente que estas armas estavam associadas a determinada classe social, pois apresentam decoração muito elaborada e custos de produção bem maiores que as lanças ou muitos outros artefactos.

A rica e complexa decoração que possuíam leva-nos a levantar outras questões. De facto, E. Cabré Morán (1951, p. 250), afirma que as decorações de algumas espadas de antenas possuíam cunho marcadamente céltico: “*El espíritu céltico de La Tène es sin embargo facilmente reconocible, com su elegante ampulosidad e predomínio de curvas*”. Todavia, tal arte apresentaria também influências clássicas, que resultaram posteriormente em originalidade própria e característica da arte céltica. A mesma autora referiu que as duplas espirais podiam ter carácter apotropaico e encontrarem-se associadas a dupla protecção, eventualmente solar e lunar (ver figuras 19 e 20).

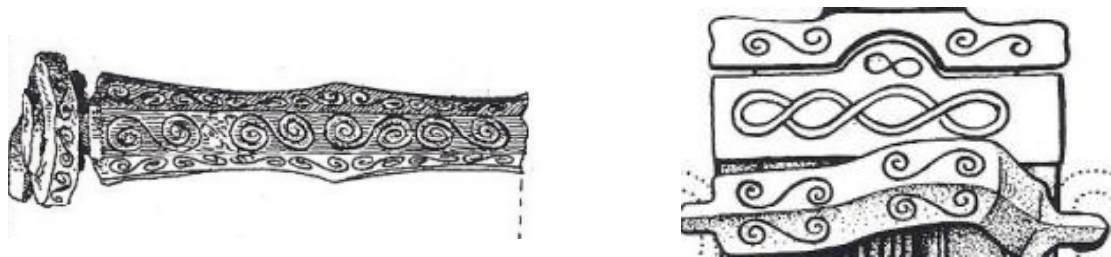


Figura 19 e 20 – Duplas espirais, presentes nas espadas de tipo Alcácer-do-Sal, (Seg. Schule, 1969, p.96 ; E. Cabré Morán, 1949, p. 130)

E. Cabré Morán, refere F. Alves Pereira (1908) pois, segundo este autor, algumas das decorações das espadas de Alcácer do Sal estavam presentes em ornamentações de elementos arquitectónicos de certos castros galaico-portugueses (ver figura 21).

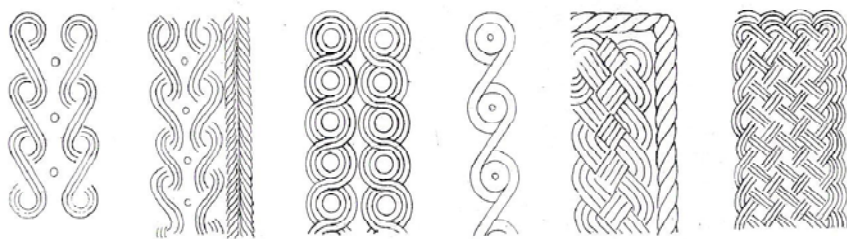


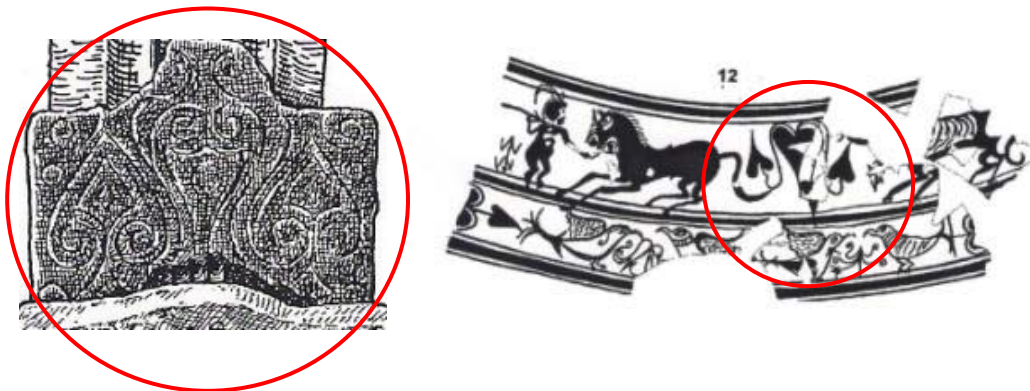
Figura 21 – Ornamentações de elementos arquitectónicos castrejos (Silva, 1986, est. CXXVI)

Como já vimos anteriormente, aquela região peninsular apresenta número significativo de achados de punhais de antenas, inclusive no castro de Elviña (Coruña) foram identificados moldes para empunhaduras de antenas, comprovando assim a produção local deste tipo de armas (Ruibal, 2006, p. 428). Estes dados conferem ao

Noroeste forte influência atlântica e continental, com antecedentes na Idade do Bronze Final e que perduraram até à II Idade do Ferro.

Quesada Sanz (1997) referiu a presença de motivos célticos de influência grega, na decoração daquelas armas. No entanto, questiona-se sobre o contacto directo com a arte de La Tène ou a proveniência do mundo ibérico onde estão também presentes semelhantes decorações : “...buena parte de los motivos decorativos ibéricos sean a su vez de raigambre céltica y que por tanto los ibéricos como los forjadores de las espadas de Alcácer do Sal beban de una fuente comum celta.” (Quesada Sanz, 1997, p. 216).

Outro importante dado, para compreender a influência ibérica, pode-se relacionar com a presença de aspectos decorativos idênticos na cerâmica, destacando-se um aspecto particular e ainda pouco estudado, relativo a três corações presentes em uma das bainhas de espada de Alcácer do Sal, semelhante às decorações pintadas de cerâmicas de S. Miguel de Liria, Valência (ver figuras 22 e 23).



Figuras 22 e 23 – Decoração bainha de espada de antenas (Seg. Schule 1969, p. 96) e decoração em cerâmica ibérica (Seg. Quesada Sanz, 1997, p. 948)

Os paralelismos decorativos indicam a difusão de tendências que existia na II Idade do Ferro e a complexidade na atribuição de determinada ornamentação. E. Cabré Morán, em 1979, reformulou a sua hipótese sobre a possível origem decorativa das espadas de antenas, atribuindo-lhe origem andaluza.

Os dados apresentados evidenciam fonte comum de origens clássicas e célticas, que, não obstante, podem ter chegado à Meseta, como a Alcácer do Sal, por via de difusão continental ou ibérica, demonstrando que as influências culturais não ficaram confinadas a uma única realidade, como sugere o esquema elucidativo de Quesada Sanz (ver figura 24).

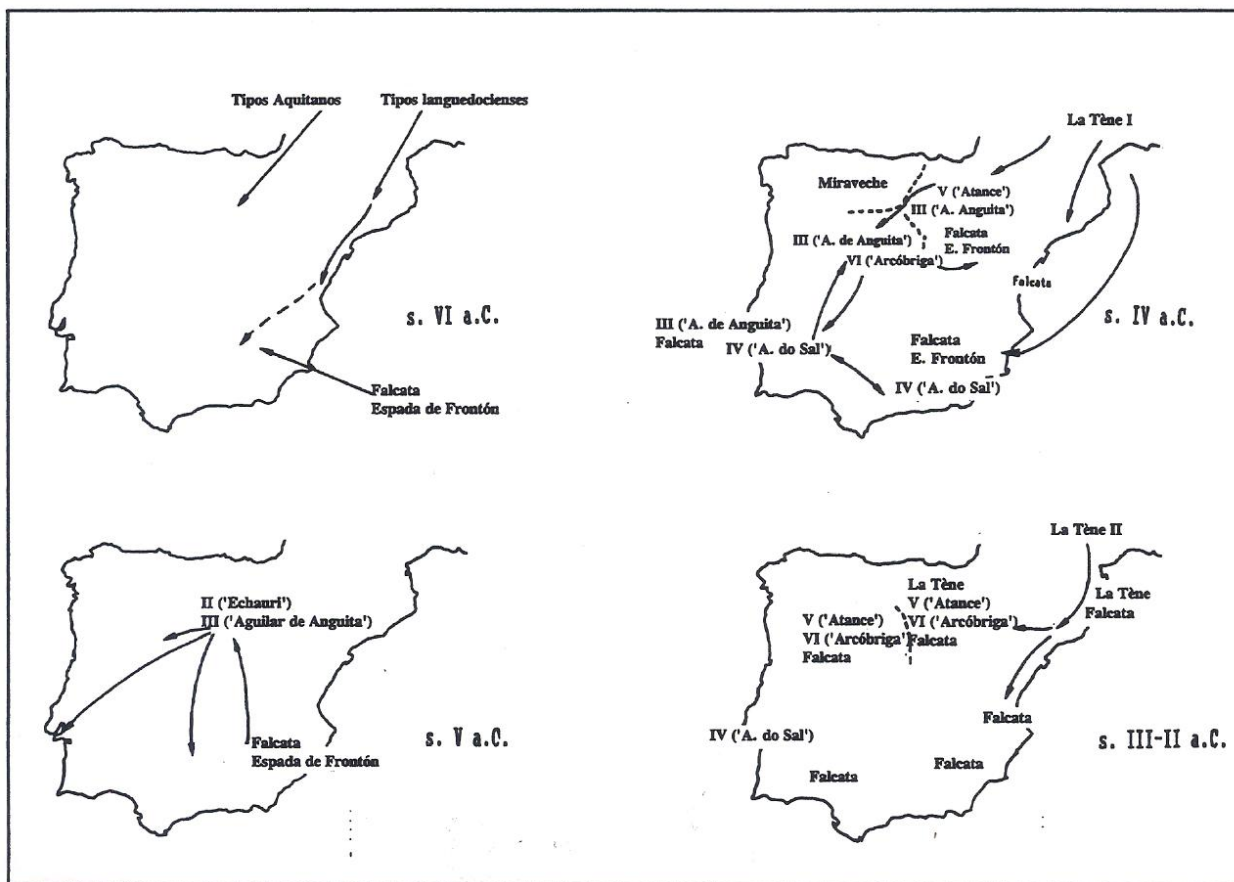


Figura 24 – Difusão dos principais tipos de espadas na Península Ibérica, durante a II Idade do Ferro. (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.239)

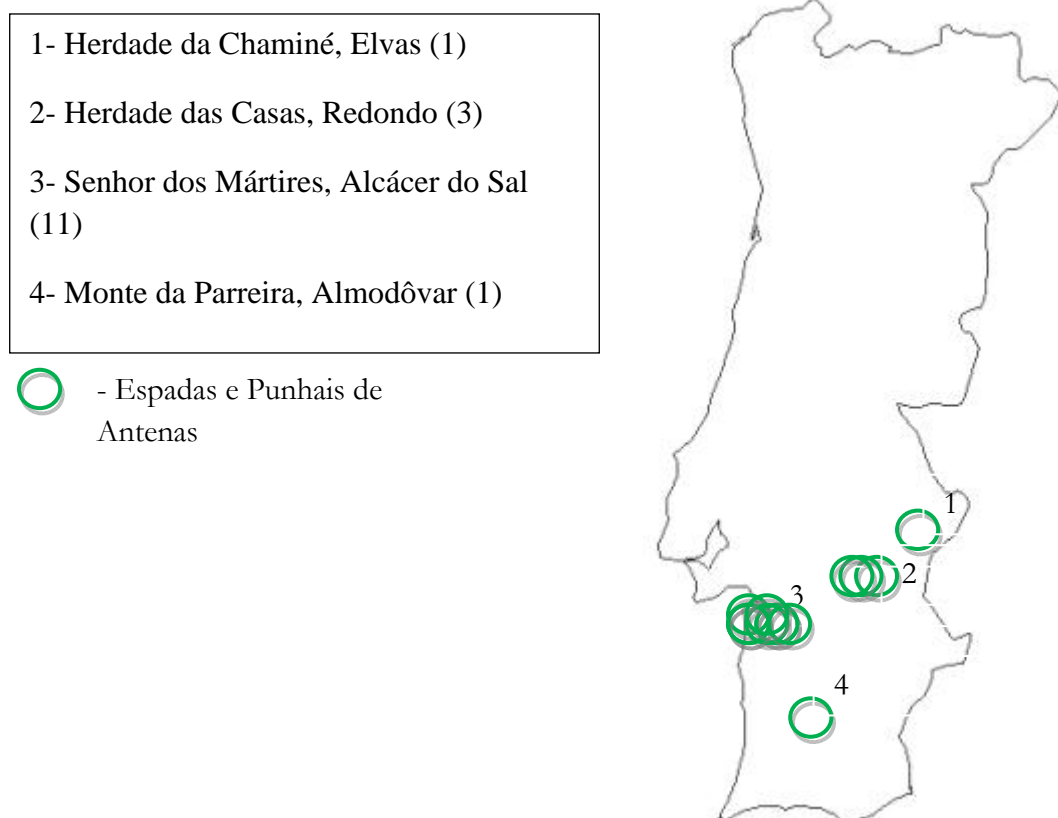


Figura 24 - Distribuição geográfica das espadas de antenas

#### 4.2.5 – Testemunhos arqueológicos (Catálogo)

##### **Tipo de Arma**

Espada curta de antenas

Tipo IV “Alcácer do Sal”

##### **Procedência**

Alcácer do Sal

##### **Descrição**

Espada completa.

Punho metálico com antenas atrofiadas,  
Lâmina completa com nervuras paralelas e  
longitudinais, alguns elementos de bainha  
e cintas providas de argolas.

##### **Decoração**

Presente no cabo do punho, nas antenas e  
na bainha.

**Antenas** - linha horizontal com conjunto  
de duplas espirais ligadas entre si.

**Punho** - representação idêntica mas em  
várias linhas verticais. Possui ainda duas  
decorações diferentes criando como que  
uma frente e um verso, estando num lado  
duas linhas onduladas e, no outro, espirais  
ligadas a linha central.

**Bainha** – Na parte superior três corações,  
um direccionado para a lâmina e outros  
dois para o cabo. Também visível duplas  
espirais nos restantes fragmentos da  
bainha.

##### **Dimensões (em mm)**

Comp. Total - 460

Punho:

Comp. – 118

Larg. – 20

Larg. guarda - 60

Lâmina:

Comp. – 360

##### **Cronologia Atribuída**

Séculos IV - III a.C.

##### **Depósito / Colecção / N° Inv.**

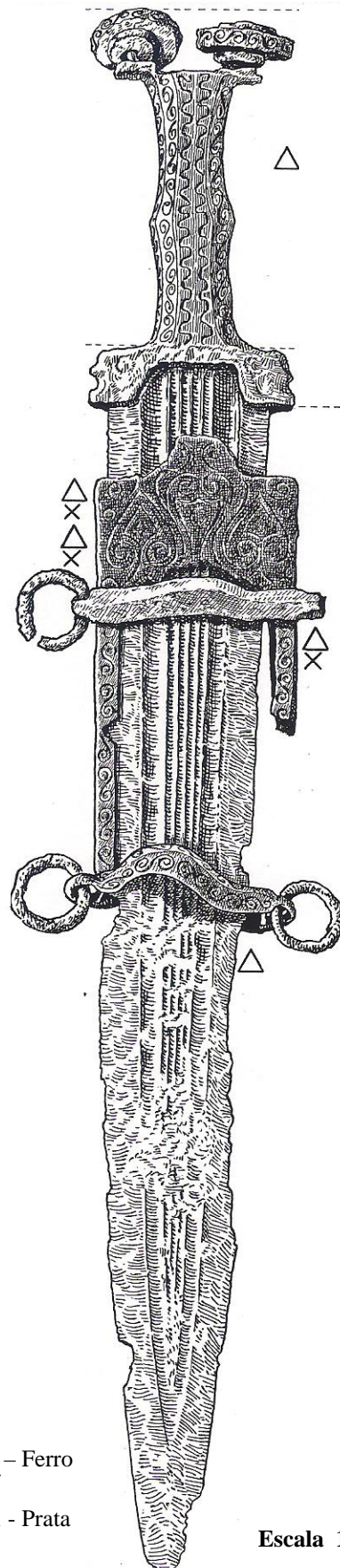
Museu Nacional de Arqueologia

##### **Contexto Arqueológico**

Necrópole

##### **Bibliografia (referente à estampa)**

Schule (1969, est 96, p. 102).



Δ – Ferro

X - Prata

Escala 1:2



### **Tipo de Arma**

Espada curta de antenas  
Tipo IV “Alcácer do Sal”

### **Procedência**

Alcácer do Sal

### **Descrição**

Espada completa.

Punho metálico, com antenas de ferro,  
corpo do cabo em ferro, com elemento  
central mais denso

Na zona central da lâmina nervuras  
paralelas e longitudinais, cintas com  
argolas. Elemento de bainha com  
ponteira em botão

### **Decoração**

Presente no cabo do punho.

**Punho** - conjunto de duplas espirais  
ligadas entre si em linha vertical,  
representação idêntica mas em várias  
linhas verticais. Possui ainda duas  
decorações diferentes criando como que  
uma frente e um verso, estando num lado  
duas linhas onduladas, e no outro três  
faixas com linhas entrelaçadas sendo que  
a central possuiu maiores dimensões.

Damasquinados a prata

### **Dimensões (em mm)**

Comp. Total - 480

Punho:

Comp. – 116

Larg. – 26

Larg. guarda - 68

Lâmina:

Comp. - 362

### **Cronologia Atribuída**

Séculos IV – III a.C.

### **Depósito / Coleção / N° Inv.**

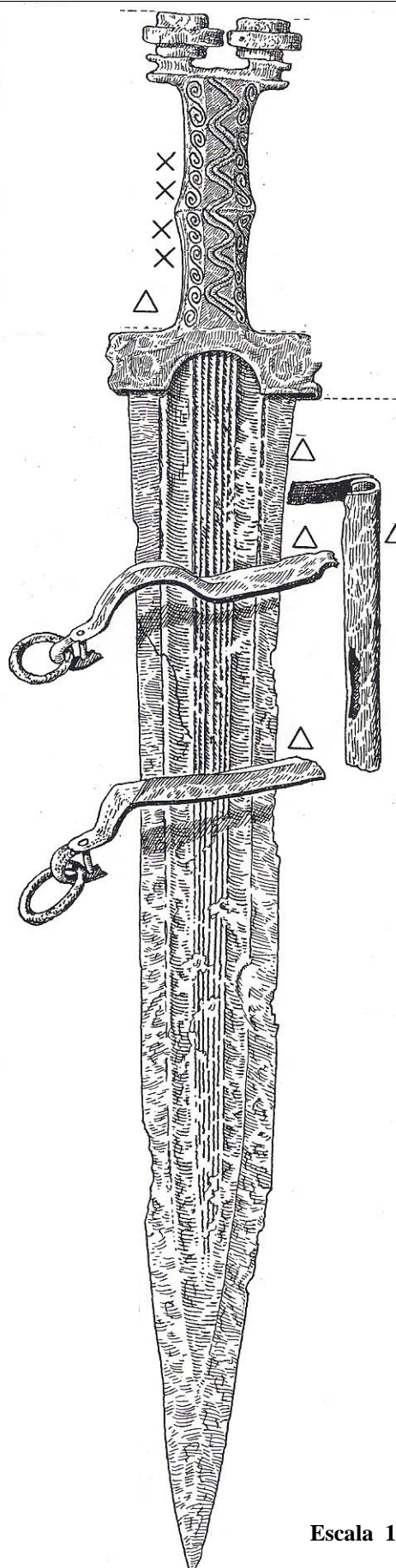
Museu Nacional de Arqueologia

### **Contexto Arqueológico**

Necrópole

### **Bibliografia**

Schule (1969, est 97, p. 103).



Escala 1:2

**Tipo de Arma**

Espada curta de antenas

Tipo III “Aguilar de Anguita”

**Procedência**

Alcácer do Sal

**Descrição**

Espada completa.

Punho metálico com antenas  
semicirculares de bronze e corpo do  
punho de ferro. Na zona central da lâmina  
nervuras paralelas e longitudinais.

**Decoração**

Linhas paralelas no corpo do cabo

**Dimensões (em mm)**

Comp. Total - 430

Punho:

Comp. - 100

Larg. - 24

Larg. guarda - 64

Lâmina:

Comp. - 330

**Cronologia Atribuída**

Séculos IV - III a.C.

**Depósito / Coleção / N° Inv.**

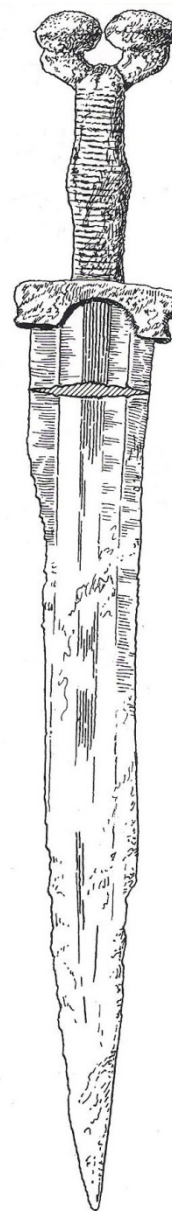
Museu Nacional de Arqueologia

**Contexto Arqueológico**

Necrópole

**Bibliografia**

Schule (1969, est. 97, p. 103).



Escala 1:2

**Tipo de Arma**

Punhal de antenas

Tipo III “Aguilar de Anguita”

**Procedência**

Alcácer do Sal

**Descrição**

Espada completa.

Punho metálico, com antenas semicirculares de bronze e ferro, corpo do cabo de ferro, Na zona central da lâmina nervuras paralelas e longitudinais. Cinta com argola.

**Decoração**

Círculos concêntricos na guarda do punho, linhas horizontais no corpo do cabo e enchimento do cabo com frisos e caneluras paralelas entre si na horizontal.

**Dimensões (em mm)**

Comp. Total - 394

Punho:

Comp. - 118

Larg. - 28

Larg. guarda - 54

Lâmina:

Comp. - 276

**Cronologia Atribuída**

Séculos IV –III a.C

**Depósito / Colecção / N° Inv.**

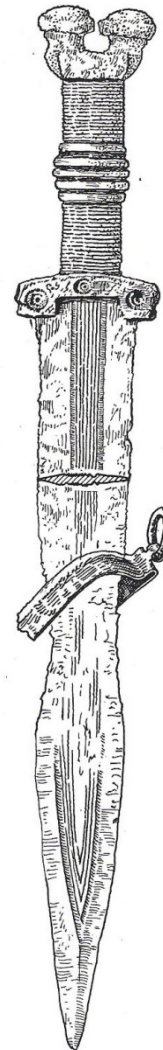
Museu Nacional de Arqueologia

**Contexto Arqueológico**

Necrópole

**Bibliografia**

Schule (1969. est 97, p. 103).



Escala 1:2



**Tipo de Arma**

Espada curta de antenas  
Tipo III “Aguilar de Anguita”

**Procedência**

Alcácer do Sal

**Descrição**

Espada completa.  
Punho metálico, com antenas semi-circulares, corpo do cabo em ferro, com nervura central.

**Decoração**

Ausente

**Dimensões (em mm)**

Comp. Total - 360

Punho:

Comp. - 90

Larg. - 24

Larg. guarda - 60

Lâmina:

Comp. - 270

**Cronologia Atribuída**

Séculos IV- III a.C.

**Depósito / Colecção / N° Inv.**

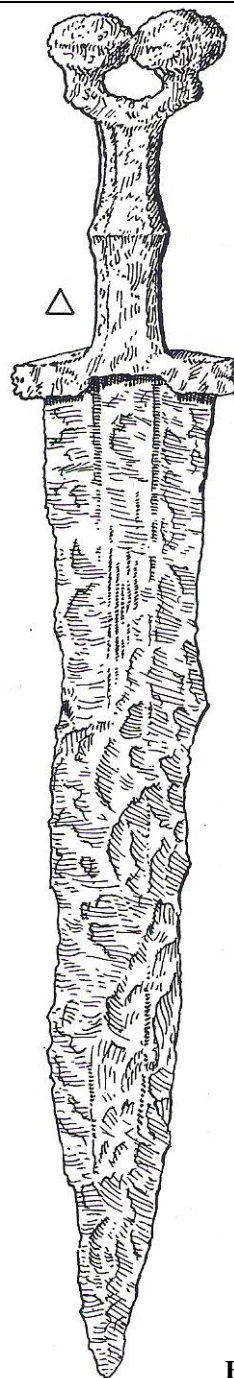
Museu Nacional de Arqueologia

**Contexto Arqueológico**

Necrópole

**Bibliografia**

Schule (1969, est. 96, p. 104).



Escala 1:2

**Tipo de Arma**

Punhal de antenas

Tipo indeterminado

**Procedência**

Alcácer do Sal

**Descrição**

Lâmina de punhal completa e punho fragmentado.

Punho metálico, possuindo damasquinado de prata, com linhas paralelas entre si

Ausência de antenas.

Dobrada na extremidade.

**Decoração**

Círculos concêntricos na guarda e no corpo do punho.

Damasquinados a prata

**Dimensões (em mm)**

Comp. Total - 280

Punho:

Comp. - 100

Larg. - 24

Larg. guarda - 40

Lâmina:

Comp. - 180

**Cronologia Atribuída**

Séculos IV - III a.C.

**Depósito / Coleção / N° Inv.**

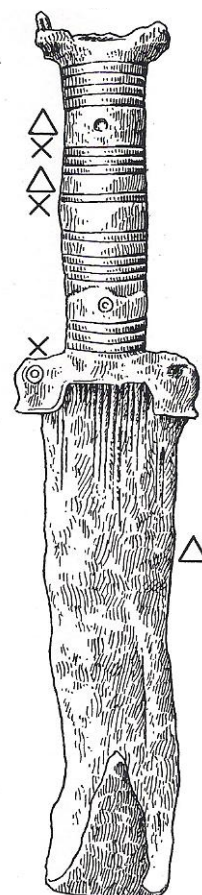
Museu Nacional de Arqueologia

**Contexto Arqueológico**

Necrópole

**Bibliografia**

Schule (1969, est. 96, p. 104).



Escala 1:2

**Tipo de Arma**

Espada ou Punhal de antenas  
Tipo III “Aguilar de Anguita”

**Procedência**

Alcácer do Sal

**Descrição**

Punho completo com antenas esféricas de ferro, fragmento de lâmina, nervo central.

**Decoração**

Ausente

**Dimensões (em mm)**

Comp. Total - 205

Punho:

Comp. - 110

Larg. - 22

Larg. guarda - 66

Lâmina:

Comp. - 92

**Cronologia Atribuída**

Séculos IV – III a.C.

**Depósito / Colecção / N° Inv.**

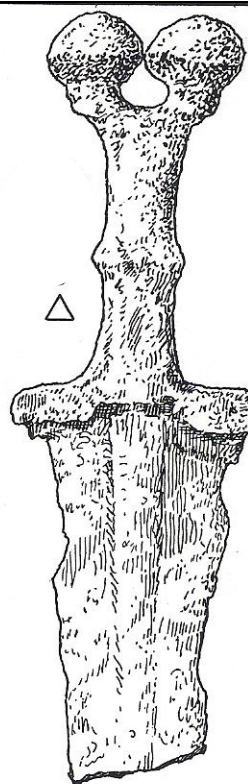
Museu Nacional de Arqueologia

**Contexto Arqueológico**

Necrópole

**Bibliografia**

Schule (1969, est 96, p. 104).



Escala 1:2

**Tipo de Arma**

Punhal de antenas

**Procedência**

Alcácer do Sal

**Descrição**

Punhal completo com antenas de bronze e punho de ferro. Fragmento de bainha com duas argolas sem decoração

**Decoração**

Ausente

**Dimensões (em mm)**

Comp. Total - 276

Punho:

Comp. - 120

Larg. - 24

Lâmina:

Comp. - 160

**Cronologia Atribuída**

A presença de antenas de bronze pode sugerir cronologia entre séculos. VI a.C e III a.C.

**Depósito / Coleção / N° Inv.**

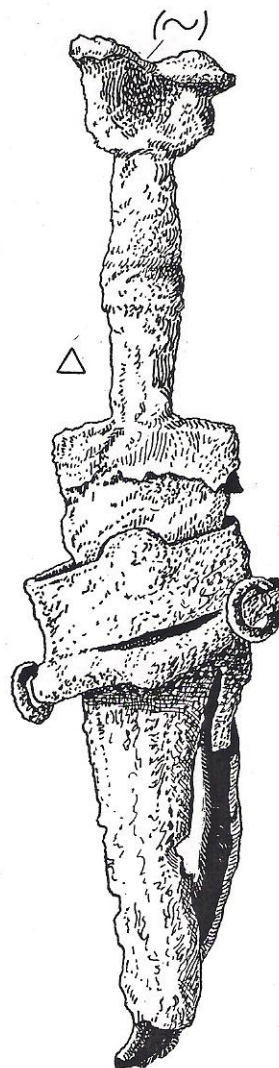
Museu Nacional de Arqueologia

**Contexto Arqueológico**

Necrópole

**Bibliografia**

Schule (1969. est 97, p. 103).



(~) - Bronze

Escala 1:2

**Tipo de Arma**

Punhal de antenas

Tipo III “Aguilar de Anguita”

**Procedência**

Alcácer do Sal

**Descrição**

Punhal completo com antenas esféricas, de ferro, lâmina dobrada ritualmente na zona média.

**Decoração**

Guarda com possíveis vestígios de decoração

Damasquinados a prata

**Dimensões (em mm)**

Comp. Total - 330

Punho:

Comp. - 120

Larg. guarda - 56

Lâmina:

Comp. - 210

**Cronologia Atribuída**

Séculos IV – III a.C.

**Depósito / Coleção / N° Inv.**

Instituto de Arqueologia da Universidade de Coimbra

**Contexto Arqueológico**

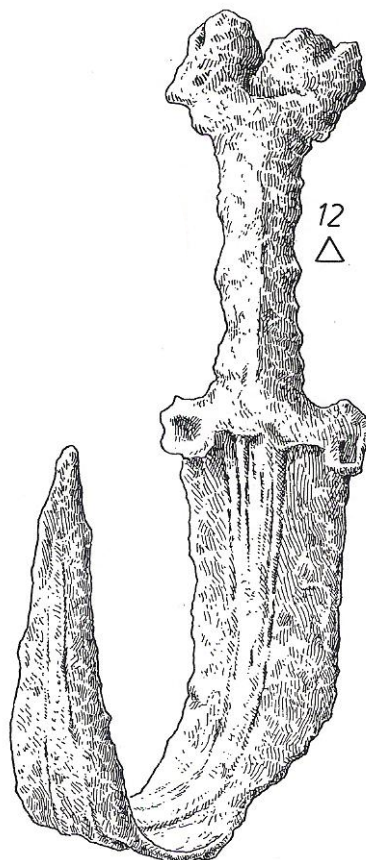
Necrópole

Espólio Associado

Fíbula de bronze

**Bibliografia**

Schule (1969, est 97, p. 103).



Escala 1:2

**Tipo de Arma**

Punhal de antenas

**Procedência**

Monte da Parreira, Almodôvar

**Descrição**

Punho completo com antenas esféricas de ferro, fragmento de lâmina, com nervura central.

**Decoração**

Ausente

Damasquinados a

**Dimensões (em mm)**

Comp. Total - 275

Punho:

Comp. - 90

Larg. guarda - 30

Lâmina:

Comp. - 50

**Cronologia Atribuída**

Séculos IV III a.C.

**Depósito / Coleção / N° Inv.**

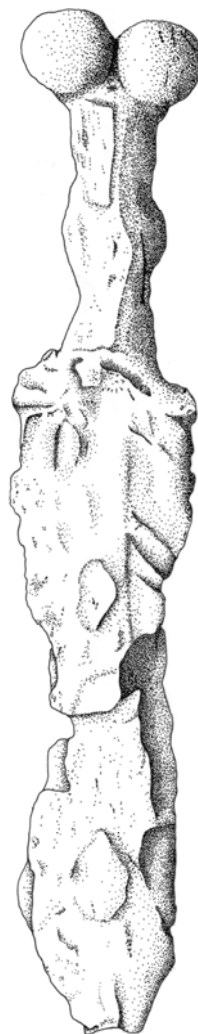
Museu Nacional de Arqueologia

**Contexto Arqueológico**

Necrópole, com urnas de cerâmica

**Bibliografia**

Inédito, desenho gentilmente cedido pelo Professor Mário Varela Gomes



Escala 1:2

**Tipo de Arma**

Espada de Antenas  
Tipo VI “Arcobriga”

**Procedência**

Herdade da Chaminé

**Descrição**

Espada completa dobrada em três partes  
Punho com zona central composta por  
linhas horizontais, antenas semicirculares,  
guarda com linhas horizontais.  
Folha da lâmina com caneluras paralelas  
entre si

**Decoração**

Linhas horizontais no punho e guarda.

**Dimensões (em mm)**

Comp. Total - (276 \* 140)

Punho:

Comp. – 102

Larg. – 36

Larg. guarda -

Lâmina:

Comp. – (170\*140)

**Cronologia Atribuída**

Séculos IV – III a.C.

**Depósito / Colecção / N° Inv.**

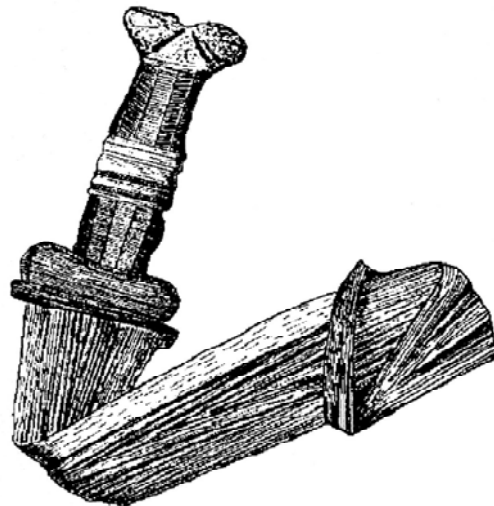
----

**Contexto Arqueológico**

Necrópole

**Bibliografia**

Viana (1950) fig. 47, p 70).



Escala 1:2



## 4.2 – Falcatas

### 4.3.1 - Estudos anteriores

Um dos primeiros registos arqueológicos sobre a descoberta deste tipo de arma, aconteceu, no ano de 1867, em Almedinilla (Córdova).

M. Fulgosio (1872) refere, pela primeira vez, a designação falcata, considerando esta espada semelhante à utilizada por alguns gladiadores e denominada *falx supina*. No entanto esta associação carece de fundamento científico.

Para as falcatas, como para o restante armamento da II Idade do Ferro, foi no decorrer do século XX que se evidenciaram os estudos de H. Sandars (1913), Dechelette (1914), Bosch Gimpera (1929), E. Cabré Morán (1934), W. Schule (1969), Quesada Sanz (1997), entre os nomes mais relevantes.

Inicialmente, a questão mais debatida centrou-se na origem desta arma. H. Sandars (1913) apontava as falcatas como armas de origem grega, introduzidas na Península Ibérica através de colónias e de mercenários ibéricos a combater em Siracusa. Bosch Gimpera (1921), sustentava a proveniência centro-europeia, argumentando que a falcata derivava de facas curvas hallstáticas, tendo entrado na Meseta como acontecera com outro tipo de armamento. Mais tarde reviu a sua hipótese e aceitou a teoria de H. Sandars.

E. Cabré Morán, (1934) argumenta que as falcatas derivam de arma denominada *kopis*, de tradição itálica ou etrusca e a sua introdução na Península Ibérica dever-se-ia ao contacto com Etruscos e não com Gregos.

Quesada Sanz (1991) defende conjunto de influências de origens, gregas e itálicas, na produção deste tipo de arma, tendo posteriormente ganho produção própria no contexto ibérico.

Apesar de alguns pontos de divergência, a maioria dos investigadores, concorda com a derivação mediterrânica da falcata.

Na fachada ocidental da Península Ibérica, a grande incidência deste tipo de arma ocorre em Alcácer do Sal, na necrópole do Olival do Senhor dos Mártires. Todavia, desde a sua descoberta, nos finais do século XIX, que carecem de publicações, de autores portugueses, sobre as mesmas.



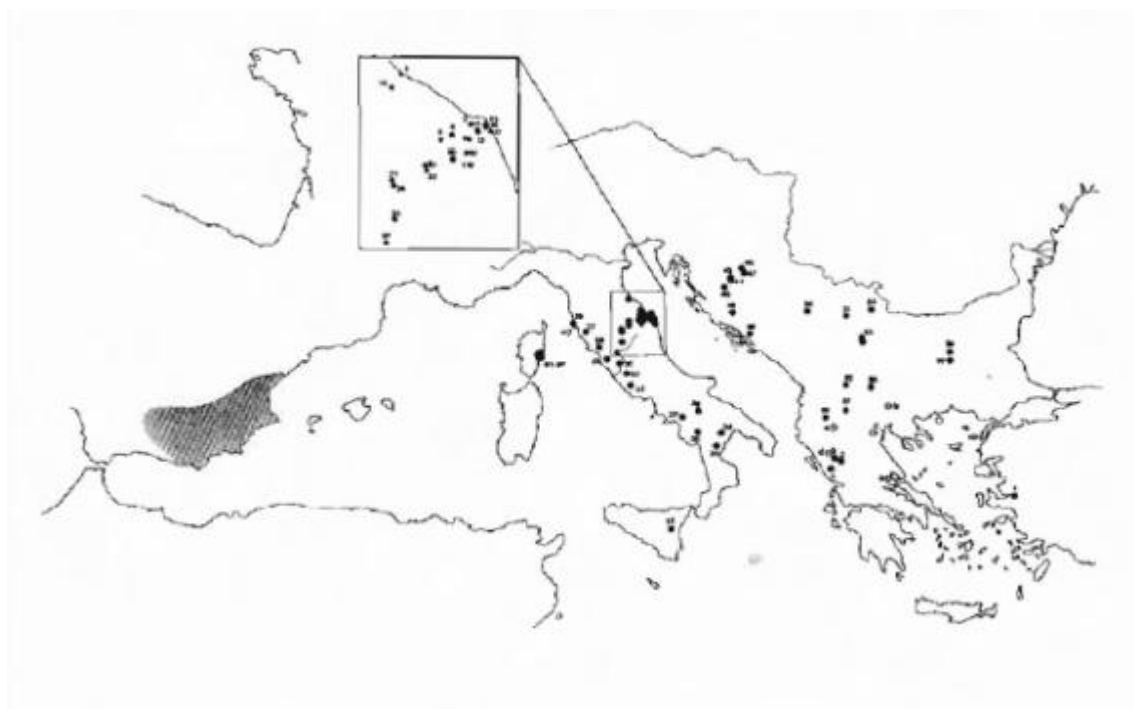


Figura 26 - Mapa de distribuição de *Kopis* no Mediterrâneo, zona a cinzento, indica a maior predominância de falcatas na Península Ibérica (Seg. Quesada Sanz, 1991, p. 530).

#### 4.3.2 – As tipologias

A falcata é uma espada de tamanho médio, medindo cerca 60 cm de comprimento (Quesada Sanz, 1992, p. 46), com um único gume e várias caneluras na folha. Apresenta-se com forma característica de arma com lâmina encurvada e empunhadura onde é reconhecível representação de figura zoomórfica.

Trabalho de E. Cabré Morán (1934) foi dos primeiros a referir a presença de dois tipos de punho, um com cabeça de ave e outro com cabeça de cavalo, atribuindo fase mais tardia àquele primeiro. No entanto, analisando dados mais recentes, este aspecto não tem vindo a ser confirmado (Quesada Sanz, 1992, p. 77).

Partindo da diferença significativa da forma dos punhos, Quesada Sanz juntou outros elementos também muito característicos das falcatas. As caneluras presentes na folha que podem diferenciar-se na zona da guarda e na zona central da folha, o perfil do gume, do dorso, o comprimento e largura da folha, assim como o ângulo axial que apresenta. Todos estes dados resultaram numa tipologia elaborada que permitiu obter determinados paralelismos entre achados de regiões diferentes, fornecendo novos elementos para o estudo das falcatas e do seu contexto ibérico.

CRITERIOS MINIMOS DE DESCRIPCION DE UNA FALCATA			
<b>A. TIPOLOGÍA</b>			
Empuñadura		A: Cabeza de ave B: Cabeza de caballo C: Empuñadura rota. Indeterminada. D: Empuñadura de tendencia rectangular sin cabeza.	
Guarda lateral		M: Barra maciza (decorada o no) C: De cadenilla A: Abierta I: No identificable	
Acanaladuras	Junto al puño	0: Existen pero el tipo no es identificable 1: Abiertas en abanico junto al puño 2: Paralelas junto al puño 3: Sin acanaladuras 4: no es posible determinar si existen.	
	En el centro de la hoja	I: No identificable II: Se abren en "D" al inicio del filo dorsal III: No se abren al inicio del filo dorsal.	
Remaches para las cachas. Indicar:		Número, Tipo (redondos, cuadrados, estrellados) Material (hierro, bronce)	
<b>B. DIMENSIONES</b> (en cm.) (Ver Fig. 20)		Longitud máxima Longitud de la hoja Longitud interior de la empuñadura (LIE) Longitud del Filo Dorsal Angulo Axial Anchura máxima de la hoja Anchura mínima de la hoja	
<b>C. ESTADO</b>		CONSERVACION	E: Excelente. Pueden tomarse todas las dimensiones. B: Bueno. Se pueden tomar o inferir todas las dimensiones básicas con un error menor de 3 cm. R: No se pueden tomar o inferir todas las medidas. M: No se pueden dar las dimensiones básicas (hoja, Anchura...) D: Arma perdida o reducida a fragmentos
		¿DOBLADA?	s/n. Forma del plegado.
		¿FILO MELLADO?	s/n.
		¿DECORADA?	s/n. Breve descripción.

Figura 27 – Tipologia das falcatas (Seg. Quesada Sanz, 1997, p. 84)

#### 4.2.3 - Contextos arqueológicos

No Ocidente Peninsular, a presença mais significativa de falcatas ocorre em Alcácer do Sal, na necrópole do Olival do Senhor dos Mártires. A maioria destas armas provém de contextos estratigráficos desconhecidos, existindo apenas referência para duas falcatas atribuídas a duas sepulturas específicas nº9 e nº18 (Correia, 1925, p. 164).

A informação das particularidades destas sepulturas é escassa. Ainda assim, permite reconhecer espólio associada a pontas de lanças, manilhas de escudo, urnas, vasos, placas de cinturão, *cratera* e fíbulas anulares (Schule, 1969, p. 281).

Também na necrópole do Monte da Cardeira (Alandroal) surgiu a associação, entre falcata e lança, levando alguns investigadores a apresentar esta necrópole com matriz marcadamente ibérica.

A falcata é reconhecida como arma de características orientalizantes ou ibéricas e reforça as influências desses ambientes culturais.

Parte significativa das falcatas procedentes Alcácer do Sal foram registadas e publicadas por W. Schule (1969), existindo, ainda, número muito superior de falcatas em fase de estudo, a ser preparado por Júlio Roque Carreira (Fabião, 1997, p. 134).

A necrópole do Monte da Cardeira (Alandroal), resulta de achado ocasional a quando de obras ali realizadas. Ela era composta por três covachos revestidos por lajes, formando pequenas cistas onde foram depositadas urnas de cerâmica. Quanto ao espólio procedente desta necrópole, existe apenas referência para falcatas e uma ponta de lança, ambas inseridas em sepultura individual (Viana e Deus, 1950, p. 70).

No Noroeste de Portugal evidencia-se a presença de facas ou punhais afalcatados que possuem dimensões e formas diferentes das falcatas encontradas no Sul, sendo muito mais reduzidas no comprimento máximo e com punho sem forma zoomórfica. No entanto, existe em Montalegre, um único caso até ao presente momento, de falcata com as características ibéricas. Descoberta nas imediações de povoado, o Castro de Frades (Montalegre), resulta de achado ocasional, não se conhecendo nenhum tipo de análise estratigráfica.

Aquele povoado fica junto à aldeia de Frades, próximo do rio Cávado, e apresenta, ainda, vestígios de linha de muralhas e derrubes de antigas construções. Realizaram-se algumas prospecções de superfície *a posteriori* do achado, de onde não

resultou qualquer tipo de espólio. Esta falcata do Noroeste de Portugal, representa achado importante, único, pois contém as características das falcatas provenientes dos contextos sidéricos do Sul.

<b>Proveniência</b>	<b>Total</b>
Necrópole do Senhor dos Mártires, Alcácer do Sal	10*
Necrópole do Monte da Cardeira, Alandroal	1
Castro de Frades, Montalegre	1

No povoado de São Miguel de Amêndoa (Mação), existia desde 1949, referência para a descoberta de falcata, numa carta redigida por Jalhay a Calado Rodrigues (Pereira, 1970, p. 244). No entanto, a descrição dos contextos estratigráficos deste achado em particular, é reduzida.

Maria Horta Pereira, na obra “*Monumentos Históricos do Concelho de Mação* (1970, pp. 244-249) estudou esta peça e uma ponta de lança também proveniente deste povoado, após observação e análise dos dados de Calado Rodrigues, identificou a falcata como punhal afacaltado, semelhante aos do Noroeste de Portugal.

Mais a sul, a presença significativa de falcatas acontece na necrópole Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal, reforçando a ideia da influência marcadamente orientalizante.

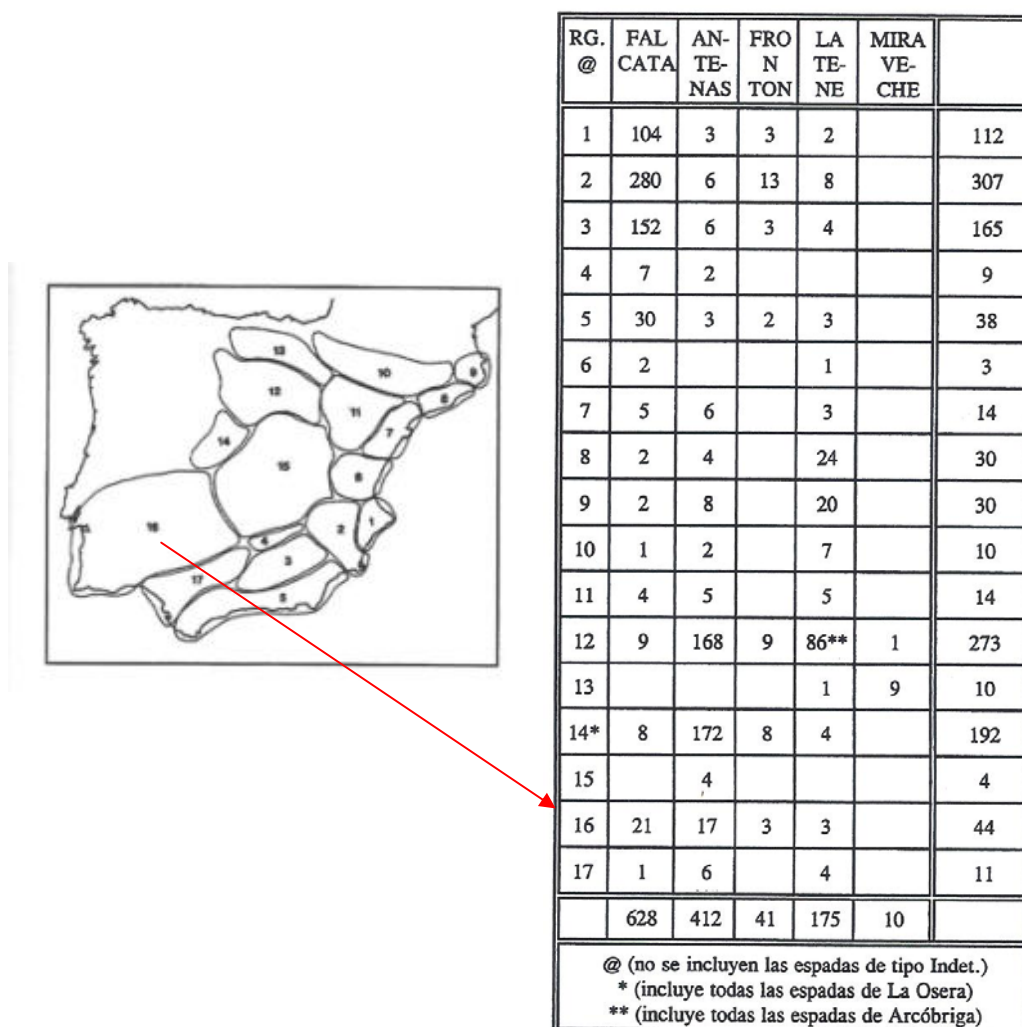


Figura 28 – Distribuição de espadas e falcatas na Península Ibérica (Seg. Quesada Sanz, 1997, p. 233).

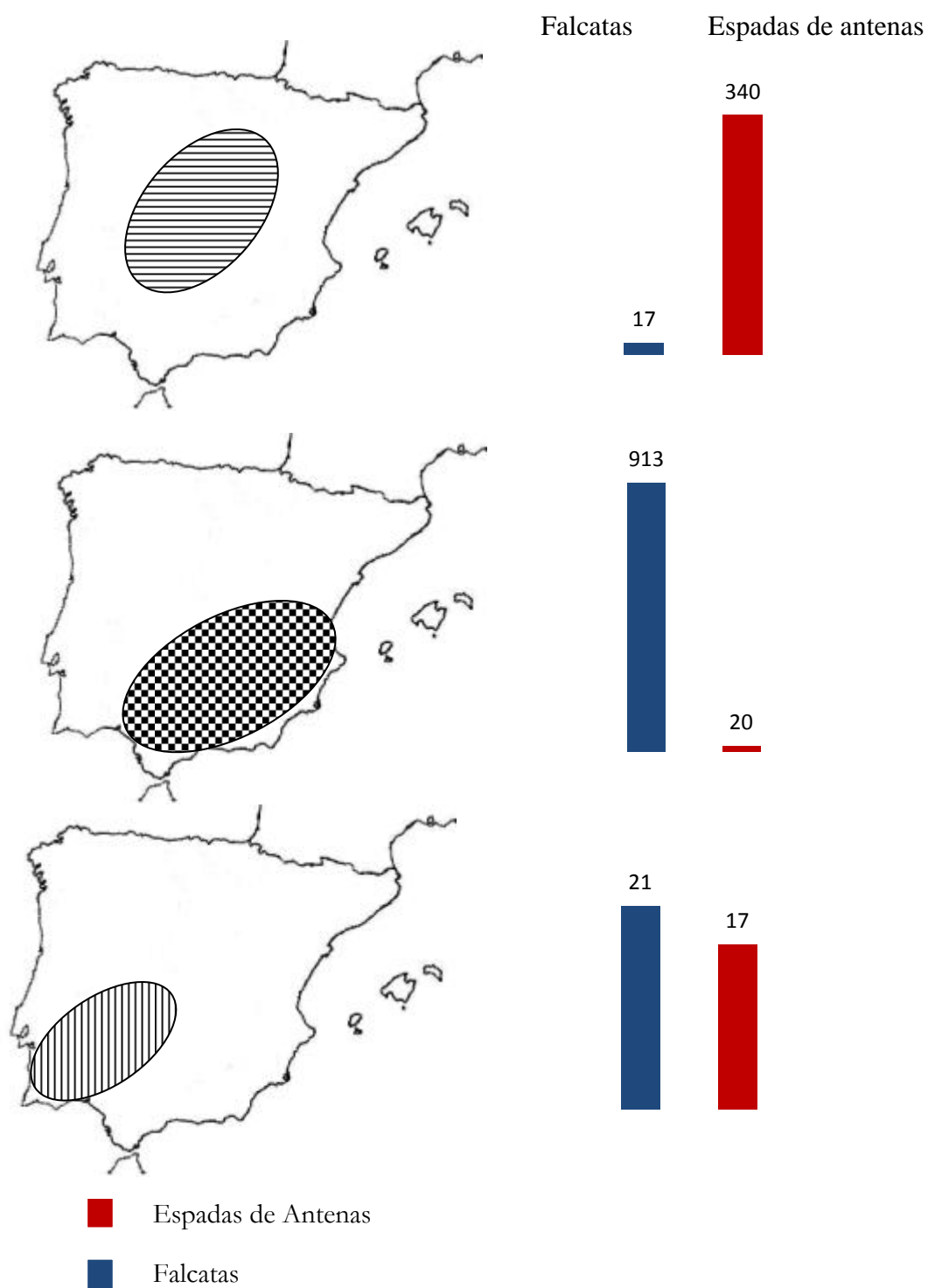


Figura 29 – Distribuição, na Península Ibérica, de falcatas e espadas de antenas com base nos dados da figura anterior

#### 4.3.4 - Discussão

Considerada uma das armas que melhor caracteriza os povos ibéricos (Quesada Sanz, 1991, p. 475) a falcata surge com a segunda maior representação na Península Ibérica, no decorrer da II Idade do Ferro, só ultrapassada pela lança.

A falcata é uma arma ofensiva, permitindo dois métodos de ataque, o de impulsão, e o de perfuração, através do movimento rápido de uma direcção para outra. Qualquer um destes métodos pode conferir golpe mortífero.

Esta capacidade ofensiva, é derivada em grande medida de importante conjunto de factores: equilíbrio, relação entre peso e maneabilidade, eficácia do próprio dorso da folha (Quesada Sanz, 1997, p. 169). Para ajudar a compreender melhor a metodologia de ataque, existem registos iconográficos em cerâmica ibérica que exemplificam algumas das possibilidades de utilização deste tipo de arma (ver figura 30).

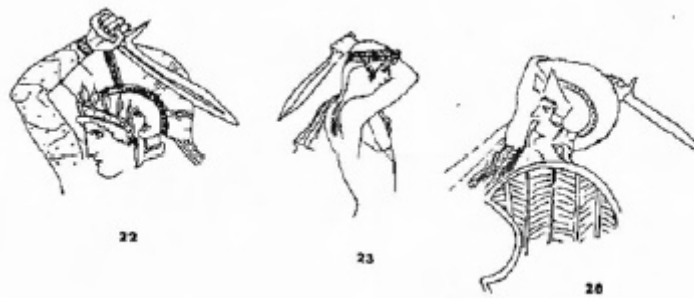


Figura 30 - Representações de *kopides* Gregas em cerâmica, sugestão de movimento de ataque associado (Seg. Quesada Sanz Sanz.1991, p. 524)

Quesada Sanz sugeriu a origem da falcata na *kopis*, no século VII a.C., procedente das regiões do Sul da Albânia e Norte da Grécia. Posteriormente foram identificadas armas com as mesmas características na Etrúria, no século VI a.C. Na primeira metade do século V a.C. chegam as primeiras *kopides* à Península Ibérica, trazidas provavelmente por mercenários ibéricos participantes nas guerras da Sicília. Os Iberos adoptaram a falcata e realizaram algumas alterações, tendo em vista a criação de arma ainda mais eficaz, que se tornaria a sua principal arma no século IV a.C. (Quesada Sanz, 1991, p. 520).



A presença de armas dobradas em contexto de necrópole indica papel com forte carga simbólica, acompanhando o guerreiro mesmo após a sua morte, demonstrando associação do indivíduo ao seu espólio de guerra (ver cap. 5.2).

O poder e supremacia de determinadas armas de ferro são demonstrados essencialmente pelas ricas decorações que apresentavam. Nas necrópoles eram colocadas junto da urna com precisão de movimentos e obedecendo a determinados ritos e regras.

O conjunto de falcatas encontradas na necrópole do Senhor dos Mártires, estão em alguns casos associadas a outro armamento e objectos que sugerem muitas semelhanças com as necrópoles ibéricas, assim como algumas das suas fases de enterramentos (Quesada Sanz, 1997, p.129).

Para Carlos Fabião (1997), a necrópole do Senhor dos Mártires corresponderá *“a uma cristalização de elementos caracterizadores dos guerreiros ibéricos e não algumas peças importadas e integradas na cultura material de um mundo indígena diferente...”*

A existência de armas com tipologia diferente em Alcácer do Sal, como os punhais e as espadas de antenas, não deve ser desvalorizada, mesmo que o seu número seja reduzido e o contexto desconhecido. Estes objectos enriquecem a cultura material e as diferentes possibilidades de vias de difusão e assimilação de ideias ou bens. Neste sentido salienta-se o caso enigmático da falcata de Montalegre, que surge na denominada Região Castreja, onde o armamento de tipologia ibérica é reduzido, talvez apenas presente nas facas afalcatadas.

Tais testemunhos podem representar duas realidades diferentes; desde mercenários que se deslocavam, com o seu armamento característico e se integravam nas comunidades locais, a guerreiros autóctones que não correspondiam a matriz rígida no seu armamento, sendo influenciados por diferentes ambientes culturais.

O Sudoeste Peninsular testemunha aquela diversidade no armamento das comunidades guerreiras (ver figura 29), dado diferente da Meseta ou de outras regiões ibéricas, onde prevalece algum tipo de arma em detrimento de outros.

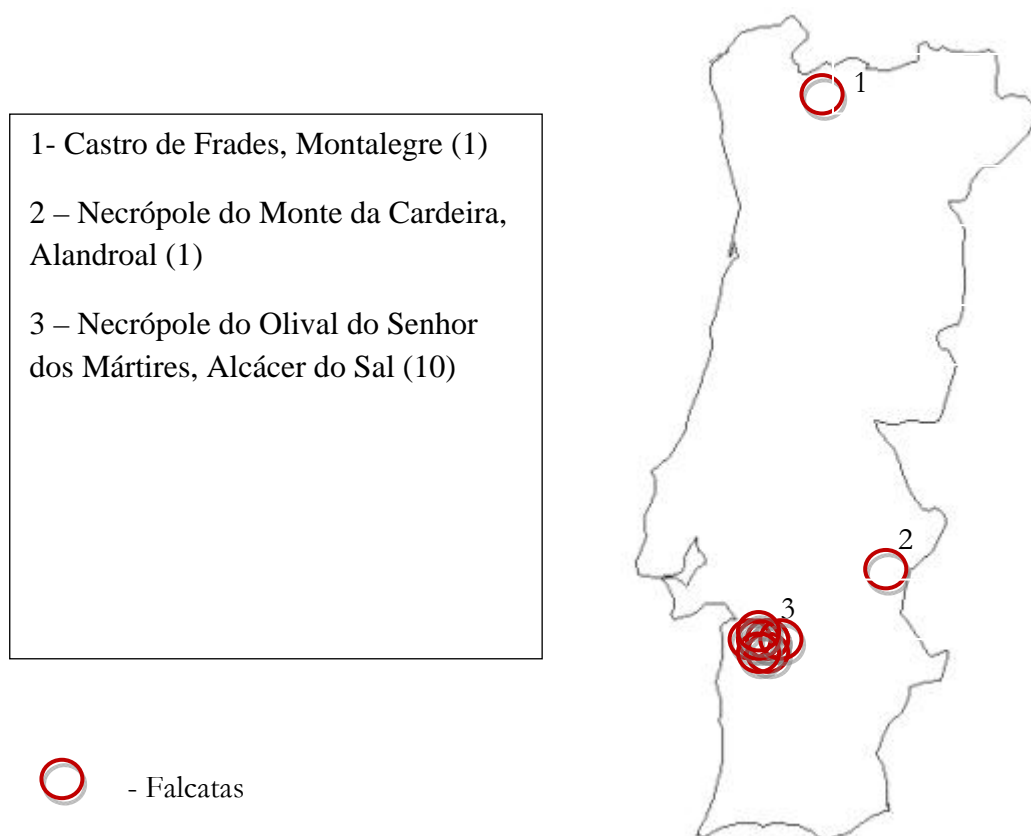
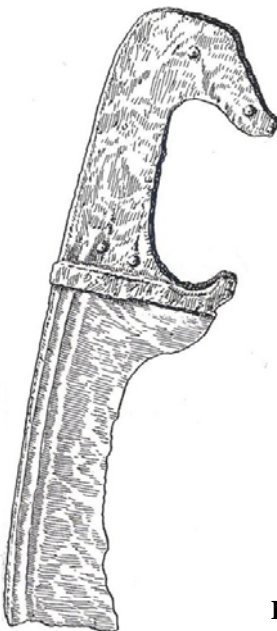


Figura 31 - Distribuição geográfica das falcatas ibéricas

#### 4.3.5 – Testemunhos arqueológicos (Catálogo)

<p>Tipo de Arma Falcata Tipo B</p> <p>Procedência Alcácer do Sal</p> <p>Descrição Punho completo com forma zoomórfica. A presença de quatro rebites e fragmento de lâmina.</p> <p>Decoração Duas caneluras paralelas ao dorso.</p> <p>Dimensões (em mm) Comprimento total – 250 Largura máxima - 72</p> <p>Punho Cabeça de cavalo, Tipo B</p> <p>Cronologia Atribuída Séculos IV – II a.C.</p> <p>Depósito / Colecção / Nº Inv. Museu Nacional de Arqueologia</p> <p>Contexto Arqueológico Necrópole</p> <p>Bibliografia Schule (1969, est 98, p. 104).</p>	 <p><b>Escala 1:3</b></p>
---	---

**Tipo de Arma**

Falcata

Tipo C

**Procedência**

Alcácer do Sal

**Descrição**

Lâmina completa com dorso plano e gume arredondado. Guarda com argola e fragmento de punho.

**Decoração**

Canelura paralela ao dorso.

**Dimensões (em mm)**

Comprimento total - 490

Comprimento lâmina - 340

Largura máxima da lâmina - 44

**Cronologia Atribuída**

Séculos IV – II a.C.

**Depósito / Coleção / N° Inv.**

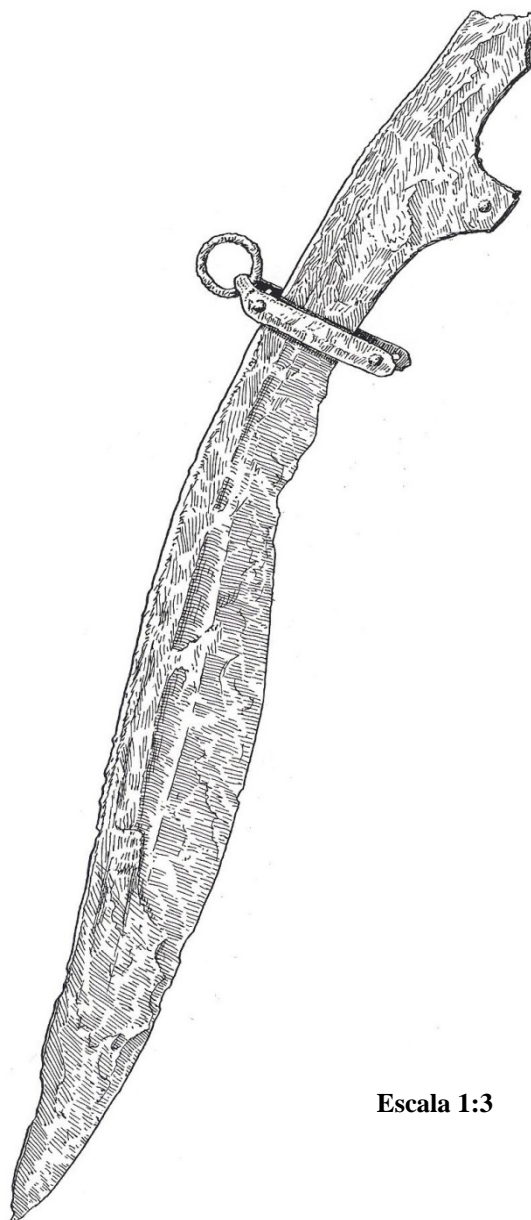
Museu Nacional de Arqueologia.

**Contexto Arqueológico**

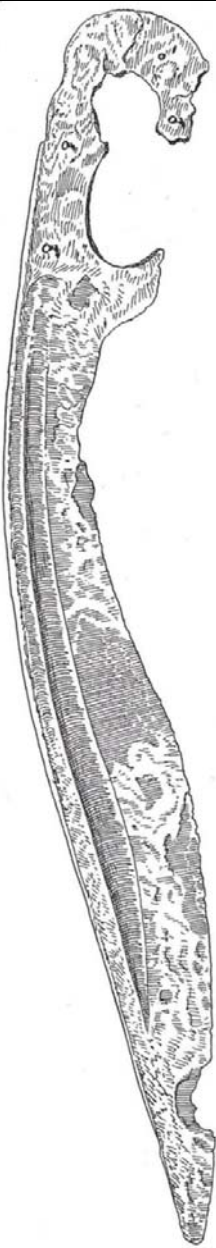
Necrópole.

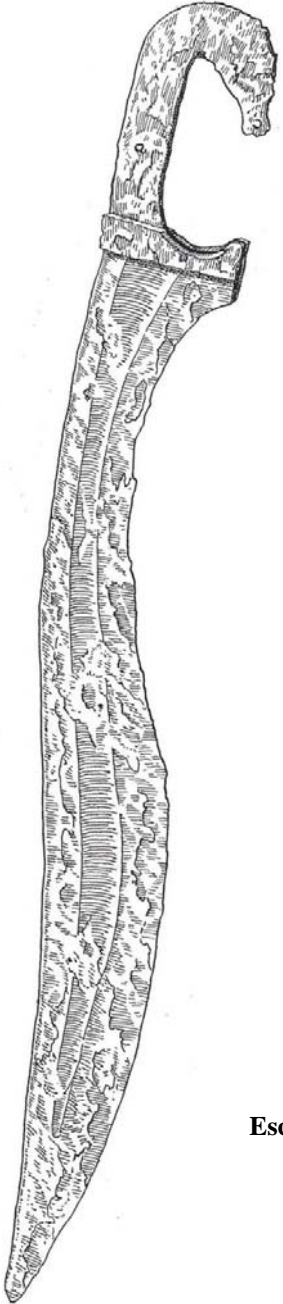
**Bibliografia**

Schule (1969, est 98, p. 104).



Escala 1:3

<p><b>Tipo de Arma</b> Falcata Tipo A</p> <p><b>Procedência</b> Alcácer do Sal</p> <p><b>Descrição</b> Punho completo com cabeça zoomórfica, lâmina completa, com gume arredondado e dorso plano. Gume fragmentado.</p> <p><b>Decoração</b> Canelura paralela ao dorso. Com nervos verticais</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento total - 500 Comprimento lâmina - 400 Largura máxima da lâmina - 50</p> <p><b>Punho</b> Cabeça de cavalo, tipo B</p> <p><b>Cronologia Atribuída</b> Séculos IV – II a.C.</p> <p><b>Depósito / Coleção / N° Inv.</b> Museu Nacional de Arqueologia.</p> <p><b>Contexto Arqueológico</b> Necrópole</p> <p><b>Bibliografia</b> Schule (1969, est 98, p. 104).</p>	 <p><b>Escala 1:3</b></p>
--	--

<p><b>Tipo de Arma</b> Falcata Tipo A</p> <p><b>Procedência</b> Alcácer do Sal</p> <p><b>Descrição</b> Punho com figura zoomórfica, lâmina completa com gume arredondado e dorso plano.</p> <p><b>Decoração</b> Canelura no centro da lâmina paralela ao gume e ao dorso.</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento total - 520 Comprimento lâmina - 410 Largura máxima da lâmina - 50</p> <p><b>Punho</b> Cabeça de cavalo, Tipo B.</p> <p><b>Cronologia Atribuída</b> Séculos IV – II a.C.</p> <p><b>Depósito / Coleção / N° Inv.</b> Museu Nacional de Arqueologia.</p> <p><b>Contexto Arqueológico</b> Necrópole</p> <p><b>Bibliografia</b> Schule (1969, est 98, p. 104).</p>	 <p><b>Escala 1:3</b></p>
--	--

**Tipo de Arma**

Falcata

Tipo C

**Procedência**

Alcácer do Sal

**Descrição**

Fragmento de punho e lâmina.

**Decoração**

**Dimensões (em mm)**

Comprimento total – 310

Largura máxima - 60

**Cronologia Atribuída**

Séculos IV – II a.C.

**Depósito / Coleção / N° Inv.**

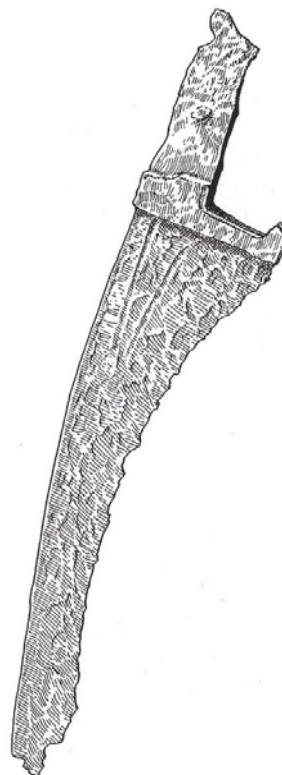
Museu Nacional de Arqueologia.

**Contexto Arqueológico**

Necrópole

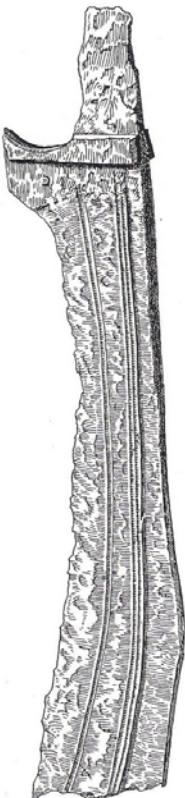
**Bibliografia**

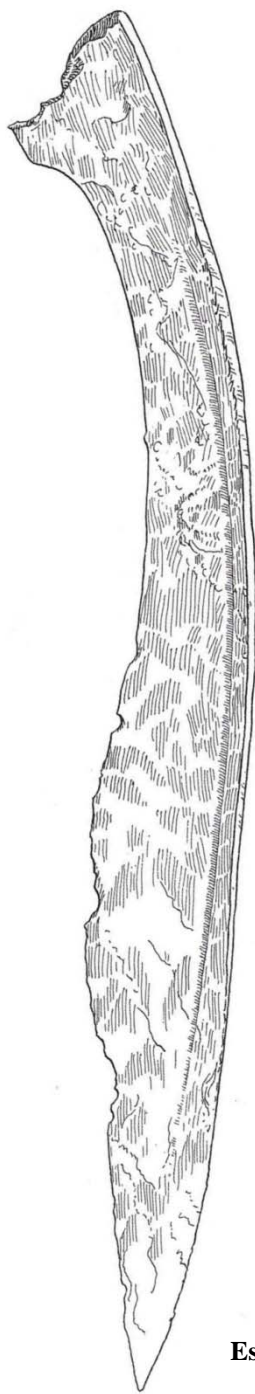
Schule (1969, est 98, p. 104).;





Escala 1:3

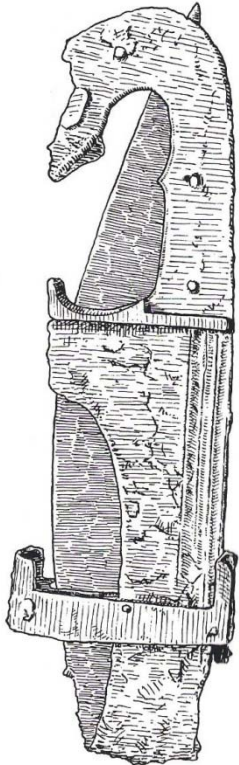


<p><b>Tipo de Arma</b> Falcata Tipo C</p> <p><b>Procedência</b> Alcácer do Sal</p> <p><b>Descrição</b> Fragmento de punho e lâmina com o dorso plano.</p> <p><b>Decoração</b> Linhas longitudinais, paralelas ao dorso</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento total – 354 Largura máxima - 66</p> <p><b>Cronologia Atribuída</b> Séculos IV – II a.C.</p> <p><b>Depósito / Coleção / N° Inv.</b> Museu Nacional de Arqueologia</p> <p><b>Contexto Ritual</b> Necrópole</p> <p><b>Bibliografia</b> Schule (1969, est 99, p. 105).</p>	 <p><b>Escala 1:3</b></p>
---	--

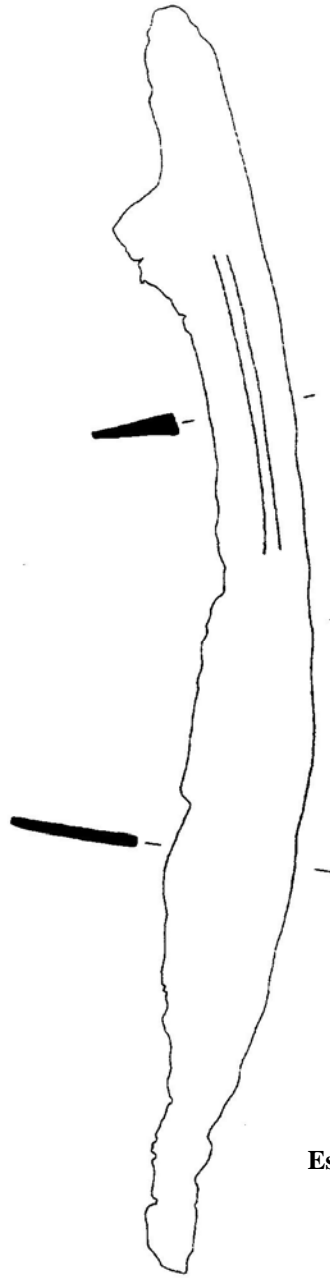
<p><b>Tipo de Arma</b> Falcata Tipo C</p> <p><b>Procedência</b> Alcácer do Sal</p> <p><b>Descrição</b> Fragmento de lâmina. Gume e dorso arredondado</p> <p><b>Decoração</b> Linha longitudinal a acompanhar o dorso.</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento total – 520 Largura máxima - 56</p> <p><b>Cronologia Atribuída</b> Séculos IV – II a.C.</p> <p><b>Depósito / Colecção / N° Inv.</b> Museu Nacional de Arqueologia.</p> <p><b>Contexto Arqueológico</b> Necrópole</p> <p><b>Bibliografia</b> Schule (1969, est 99, p. 105).</p>	 <p><b>Escala 1:3</b></p>
--	--

<p><b>Tipo de Arma</b> Lâmina de falcata</p> <p><b>Procedência</b> Alcácer do Sal</p> <p><b>Descrição</b> Fragmento de lâmina.</p> <p><b>Decoração</b> Linha longitudinal, paralela ao dorso</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento total – 346 Largura máxima - 60</p> <p><b>Cronologia Atribuída</b> Séc IV – II a.C.</p> <p><b>Depósito / Colecção / N° Inv.</b> Museu Nacional de Arqueologia.</p> <p><b>Contexto Arqueológico</b> Necrópole</p> <p><b>Bibliografia</b> Schule (1969, est 99, p. 105).</p>	 <p><b>Escala 1:3</b></p>
---	--

<p><b>Tipo de Arma</b> Lâmina de falcata</p> <p><b>Procedência</b> Alcácer do Sal</p> <p><b>Descrição</b> Fragmento de lâmina.</p> <p><b>Decoração</b> Linha longitudinal, paralela ao dorso</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento total – 380 Largura máxima - 48</p> <p><b>Cronologia Atribuída</b> Séculos IV – II a.C.</p> <p><b>Depósito / Colecção / N° Inv.</b> Museu Nacional de Arqueologia</p> <p><b>Contexto Arqueológico</b> Necrópole</p> <p><b>Bibliografia</b> Schule (1969, est 99, p. 105).</p>	 <p><b>Escala 1:3</b></p>
--	--

<p><b>Tipo de Arma</b> Falcata Tipo A</p> <p><b>Procedência</b> Alcácer do Sal, sepultura nº18</p> <p><b>Descrição</b> Falcata completa, dobrada em duas partes. Apresenta punho com figura zoomórfica, e três rebites. Restos de bainha.</p> <p><b>Decoração</b> Duas linhas verticais a acompanhar o dorso.</p> <p><b>Punho</b> Cabeça de ave, Tipo A.</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo - 568 Comprimento total do punho - 120</p> <p><b>Cronologia Atribuída</b> Séculos IV- II a.C.</p> <p><b>Depósito / Colecção / N° Inv.</b> Instituto Arqueológico de Coimbra</p> <p><b>Contexto arqueológico</b> Associada a duas pontas de lança, uma cumprida e outra pequena, duas fíbulas, urna, pote e duas contas.</p> <p><b>Bibliografia</b> Schule (1969, est 90, p. 99).</p>	 <p><b>Escala 1:3</b></p>
--	--

<p><b>Tipo de Arma</b> Falcata Tipo C</p> <p><b>Procedência</b> Castro de Frades, Montalegre</p> <p><b>Descrição</b> Lâmina com gume arredondado, e dorso plano, ausência de extremidade. Fragmento de empunhadura</p> <p><b>Decoração</b> Canelura com secções paralelas. Junto ao dorso.</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo - 510 Largura máxima – 70 Peso – 668 gr</p> <p><b>Cronologia Atribuída</b> Séculos IV – II a.C.</p> <p><b>Depósito / Coleção / N° Inv.</b> Câmara Municipal Montalegre</p> <p><b>Contexto arqueológico</b> Achado ocasional, fora das muralhas do Castro de Frades, junto a raízes de árvore, a poucos centímetros de profundidade.</p> <p><b>Bibliografia</b> Registo fotográfico Catálogo, Exposição Internacional “Boticas no tecto do mundo”, Manifestações artísticas da II Idade do Ferro, Séc IV/ V a. C. ao Séc. I, Câmara Municipal de Boticas, 2009.</p>	 <p><b>Escala 1:3</b></p>
--	--

<p><b>Tipo de Arma</b> Falcata Tipo C</p> <p><b>Procedência</b> Monte da Cardeira, Alandroal</p> <p><b>Descrição</b> Lâmina com gume arredondado, e dorso plano, ausência de extremidade. Fragmento de empunhadura.</p> <p><b>Decoração</b> Vestígios de duas nervuras na lâmina, paralelas ao dorso.</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo - 500 Largura máxima – 41</p> <p><b>Cronologia Atribuída</b> Séculos IV- III a.C.</p> <p><b>Depósito / Colecção / N° Inv.</b> ---</p> <p><b>Contexto arqueológico</b> Necrópole</p> <p><b>Bibliografia</b> Fabião (1997, est. 34).</p>	 <p><b>Escala 1:3</b></p>
---	--



#### **4.4. Espadas de La Tène**

##### **4.4.1 - Estudos anteriores**

No contexto ibérico, o Marqués de Cerralbo (1916) e H. Sandars (1913) são os autores dos primeiros trabalhos que referem as espadas de tipo La Tène, descobertas na necrópole de Arcóbriga (Meseta). Parte significativa destas espadas perdeu-se e nunca chegou a ser alvo de estudo (Jiménez, 2006, p. 42).

Fora do contexto ibérico, o trabalho de J. Déchelette (1914) foi dos mais importantes relativamente às espadas de La Tène, criando as primeiras tipologias (La Tène I, II e III), termos que foram sendo usados no decorrer do século XX, por diversos autores.

Os critérios utilizados para a elaboração daquela tipologia assentavam na forma da folha e seu tamanho, nas duas extremidades (ponta e espiga) e respectivas formas, inserindo-os em intervalo cronológico entre os séculos IV a.C. e I a.C.

J. M. de Navarro (1972) realizou estudo tipológico sobre cento e vinte espadas provenientes do lago de Neuchâtel (Suíça) ainda em excelente estado de conservação. Na década de 80, da passada centúria, I.M. Stead (1983) e J.G. Rozoy (1987), trataram as espadas das necrópoles do Marne (França). André Rapin (1999), P. Stary (1994) e T. Lejars (1994) também elaboraram importantes trabalhos sobre as espadas de La Tène. Lejars estudando mais de cento e oito bainhas de espadas de tipo La Tène, provenientes do santuário de Gorunay-sur-Aronde (França).

Igualmente importantes são os trabalhos de W. Schule (1969), Quesada Sanz (1997) e, mais recentemente, G. Jiménez (2006).

Em todas aquelas investigações o espólio proveniente da necrópole da Herdade das Casas (Redondo), foi pouco estudado, mesmo nos trabalhos mais recentes. Coube a Berrocal-Rangel (1992, p. 158) e Mário Varela Gomes (1992, p. 176) algumas referências a este achado, recolhido, à superfície e com atribuição cronológica nos séculos IV a.C. – III a.C.

Para além do exemplar proveniente do Redondo, nos inícios dos anos noventa foi descoberta ocasionalmente uma espada com características de La Tène, no povoado da Tapada das Argolas (Fundão), do qual resultam alguns estudos elaborados principalmente por Raquel Vilaça (2003, pp. 175-197).

Existe, ainda, em Portugal, mais dois casos de armas com características morfológicas que se assemelham aos modelos de La Tène, uma procedente do acampamento romano da Lomba do Canho e outra de origem desconhecida, que se encontra exposta no Museu Arqueológico José Monteiro, no Fundão. Importa referenciar ainda, outro exemplar de espada de ferro, procedente do povoado de Monte Mozinho, concelho de Penafiel, que tem sido considerado como romano (Ferreira Almeida, 1975, p. 24).

#### **4.4.2 - As tipologias**

A espada de La Tène é de ferro, com dois gumes e uma ponta. A espiga é parte integrante da folha e entre a folha e a espiga encontram-se os ombros, que podem ser curvos ou arqueados. O punho era composto por materiais orgânicos que desapareceram (Jiménez, 2006, p. 109).

A tipologia criada por Gustavo García Jiménez (2006) apresenta-se hoje como a mais descritiva e completa, para as espadas de La Tène. Jiménez procurou em primeiro lugar definir as características básicas daquela arma, criando depois conjunto de critérios que permitiram definir diferentes tipos (I, II, III, IV, V, VI, VII e VIII).

Conjugando uma série de elementos pode-se caracterizar mais detalhadamente e diferenciar as espadas de La Tène, resultando num conjunto de novos dados que resultam em melhor compreensão desta arma.

A partir da folha é possível tirar elementos caracterizadores da espada de La Tène, designadamente a partir do comprimento e a largura da lâmina. Também as formas são parte descritiva da espada. Gustavo Jiménez (2006) atribuiu quatro possibilidades à forma das lâminas (paralela, semiparalela, progressiva e pistiliforme) e para a sua secção cinco, (acanelada, lenticular, lenticular plana, com nervo, quatro mesas), procurando assim esquematizar diversas variantes. Juntamente com estes dados, inseriu outros elementos, como a espiga, com secção quadrangular, rectangular ou circular, e fechada ou não, com botões de diferentes formas. As pontas observadas podem ser indeterminadas, estreitas, redondas ou medianamente estreitas, e os ombros rectos, semirectos, caídos ou mistos.

Importa salientar que em grande medida os modelos La Tène, encontrados na Península Ibérica, representam aspecto próprio do La Tène Ibérico, uma produção local, com características um pouco diferentes dos seus protótipos continentais. Estas são observadas essencialmente nas bainhas, bem como na suspensão das mesmas, que para os achados mais a ocidente não é possível valorizar, dado tratarem-se apenas de fragmentos de lâmina e espiga, sem a presença de tais elementos.

#### **4.4.3 - Contextos arqueológicos**

A presença de espadas do tipo La Tène em Portugal, verifica-se em dois contextos diferentes, necrópole e povoado, estando o primeiro inserido no concelho alentejano do Redondo, e o segundo, no concelho beirão do Fundão.

Para a Herdade das Casas (Redondo) a ausência de trabalhos publicados sobre o sítio arqueológico, limita a interpretação dos seus achados. Ainda assim, é possível retirar dados importantes das particularidades do seu espólio, pois as espadas de antenas, espada La Tène e fíbula zoomórfica tipo “cavalinho”, evidenciam paralelos com algumas necrópoles de ambiente marcadamente continental, permitindo algumas interpretações (ver capítulo. 4.4.4).

O povoado da Tapada das Argolas, também denominado por Vila Velha, fica situado na freguesia da Capinha, concelho do Fundão, distrito de Castelo Branco. A uma cota de 649 m (*Carta Militar de Portugal*, na escala de 1:25000, nº 236, 1970).

As vertentes daquele assentamento são bastante íngremes conferindo-lhe elemento defensivo natural, assim como a possibilidade de grande grau de visibilidade sobre a paisagem envolvente, desde a Serra da Estrela à Gardunha, bem como do "corredor" N.-S., entre a Gardunha e a Malcata (Vilaça, 2003, p. 177).

O povoado encontra-se bastante degradado, quer por motivos agrícolas, como pelo aproveitamento da pedra para novas construções. Segundo Sebastião Ramos (1999, p. 141) algumas dessas pedras foram reutilizadas na construção da via que liga a Capinha a Perôviseu.

Os achados efectuados na Tapada das Argolas, permitem cronologia muito alargada, que vai desde o Calcolítico ao período Romano, ainda que o maior número de objectos corresponda à Idade do Bronze Final, como à I e II Idades do Ferro.

Quanto aos objectos metálicos e em particular as armas, foram identificadas duas pontas de lança, de bronze, lâmina de espada e de punhal de bronze, espada de ferro e conto de lança, também de ferro. Para além destas armas, contam-se outros objectos, como duas fíbulas e fecho de cinturão de bronze; estes frequentemente relacionados com o armamento.

São desconhecidas as condições de deposição e de contexto estratigráfico dos achados referidos, tratando-se de ocorrências procedentes de áreas distintas das imediações do povoado. A possível determinação de enquadramentos cronológicos e culturais tem por base classificação com critérios essencialmente tipológicos, morfológicos e decorativos (Vilaça, 2003, p. 175).

No sítio arqueológico da Lomba do Canho, concelho de Arganil, actualmente reconhecido como acampamento Romano, foi identificado fragmento de espada que apesar das características morfológicas se assemelharem aos modelos de La Tène. O seu contexto arqueológico remete-nos para um tipo de espada mais tardio, pertencente já a modelo romano republicano (Nunes, Fabião e Guerra, 1998, p. 16).

A diferença entre modelos de La Tène e modelos romanos republicanos denominados *gladius hispaniensis*, bem como a origem dos mesmos, é um tema ainda em debate. Quesada Sanz (1997, pp. 260-270) e Gustavo Jimenez (2006 pp. 164-168) defendem a *gladius hispaniensis* como protótipo de espada celtibérica, modelo de La Tène ou espadas de antenas mais tardias, tipo VI (Arcóbriga).

André Rapin (2001, p. 40) pugna pela origem grega para aquela espada romana, acrescentando que o termo *hispaniensis* se deve à qualidade da lâmina e não à sua origem, estando assim associada a uma questão propagandística da época.

Classificar e diferenciar uma espada La Tène de uma *gladius hispaniensis* é em alguns casos quase impossível. Para Gustavo Jimenez (2006, p. 165) o seu tipo VII, tanto pode representar uma como a outra, dadas as semelhanças morfológicas.

Parece-nos exemplificar o que acabamos de mencionar alguns casos no actual território português, um referente à Lomba do Canho e outro ao povoado de Monte Mozinho, mais fáceis de identificar como *gladius hispaniensis*, dado os seus contextos arqueológicos marcadamente romanos. No entanto por se tratar de fragmentos de espada, carecem de dados como; bainha, modo de suspensão e comprimento total.

A espada ou punhal conservado no museu arqueológico José Monteiro no Fundão, é um pouco mais difícil de identificar, dada a total ausência de contexto. O comprimento máximo da peça pode-nos remeter para punhal, no entanto, o estado de corrosão superficial que apresenta, especialmente na zona da ponta, bem como a dimensão da espiga e a largura máxima, demonstram tratar-se provavelmente de modelo de maiores dimensões.

#### **4.4.4 – Discussão**

As características tipológicas e a procedência em ambiente marcadamente indígena, concedem aos dois achados da Herdade das Casas e da Tapada das Argolas a categoria de constituírem os testemunhos mais ocidentais de duas espadas do tipo La Tène.

A ausência de publicação sobre a escavação da necrópole da Herdade das Casas (Redondo) e a ocasionalidade do achado do povoado da Tapada das Argolas, limitam, em grande medida, o conhecimento dos contextos arqueológicos em que aquelas armas estavam inseridas, dificultando possíveis conclusões.

Partindo dos dados conhecidos, o espólio que apresenta elemento mais caracterizadores na Herdade das Casas (Redondo) circunscreve-se a fíbula zoomórfica, as espadas curtas de antenas e à espada de tipo La Tène. Estes achados deixam conferir, paralelismos com necrópoles celtibéricas de Atance (Rangel, 1992 p. 158). Esta semelhança permite supor, pelo menos, a presença de um “celtiber” ali sepultado, bem como da eventual deslocação para ocidente de populações vindas daquela região da Meseta (Fabião, 1997, p. 138).

Outra necrópole com espólio muito idêntico ao da Herdade das Casas, é a necrópole “El Romanzal I” em Cáceres, com várias fíbulas do tipo “cavalinho”, fechos de cinturão, espadas de La Tène e de antenas atrofiadas (Hernandez e Hernandez e Galan Domingo, 1996, p.116).

No que respeita ao povoado da Tapada das Argolas, não possuímos dados suficientes para reconhecer a associação entre a espada de La Tène e a fíbula tipo “cavalinho”. No entanto, a relação entre ambos os testemunhos não deve deixar de ser considerada (Vilaça, 2003, p.193).

As fíbulas tipo “cavalinho”, marcadamente pertencentes a ambientes culturais de matriz continental ou celtibérica, atestam em conjunto com tantos outros dados, área de influência, para além das fronteiras da Meseta, que se estendia para ocidente e para sul.

No contexto de necrópole, é possível observar diferentes objectos associados a cavalos e a armamento, testemunhando ligação muito próxima entre guerreiro e o cavalo (ver capítulo 5.4).

As características morfológicas das duas espadas mencionadas, permitem identificação com os modelos de La Tène, ainda que seja difícil uma descrição tipológica mais segura, dado o carácter arqueológico pouco preciso, ausência de bainhas e de elementos de suspensão das mesmas, detalhes utilizados frequentemente pelos investigadores que elaboraram tipologias. Trata-se, provavelmente, de exemplares de modelo celtibérico posterior aos centro-europeus e de cronologias mais recuadas.

Ambas espadas dobradas na zona medial pelo efeito do fogo, revelam inutilização, aspecto recorrente em contextos de necrópole (ver capítulo 5.3).

No caso da Tapada da Argolas, e por se tratar de povoado, a presença de espada dobrada pelo efeito do fogo, revela a possibilidade de estarmos nas imediações de necrópole ou de deposição ritual. *“O achado ainda que ocasional, terá ocorrido no início da vertente noroeste da serra, junto aos restos do talude de pedra, em zona limítrofe e de fronteira em termos de concepção do espaço.”* (Vilaça, 2003, p. 193).



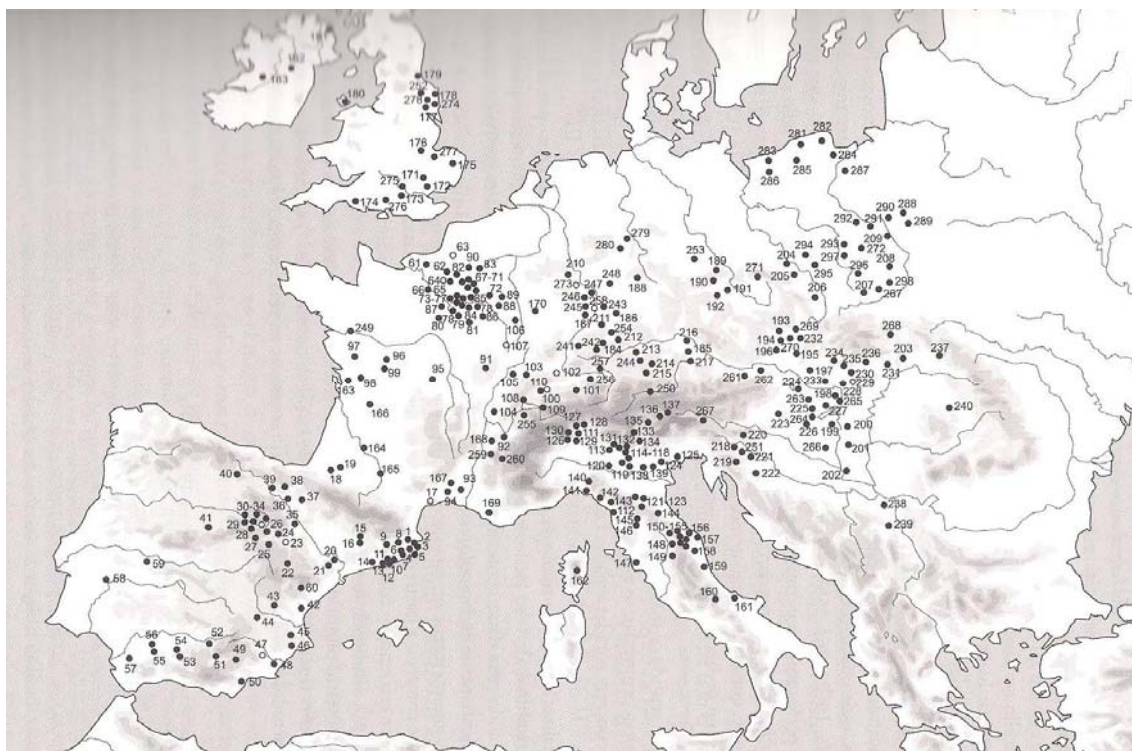


Figura 32 – Mapa de distribuição das espadas de tipo La Tène (Seg. Jimenez , 2006, p. 23)

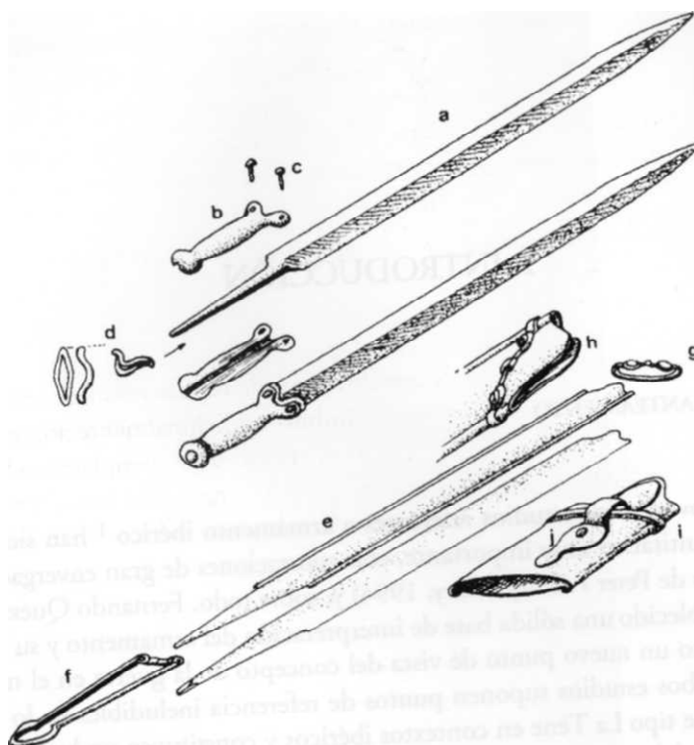


Fig 33- Espada e bainha de tipo La Tène, (Seg. André Rapin a: folha; b: empunhadura de madeira; c: rebites; d: guarda metálica; e: placas da bainha; f: ponteira; g: reforço; h: embocadura (anverso); j: anel de suspensão, (Seg. Jimenez, 2006, p. 20).



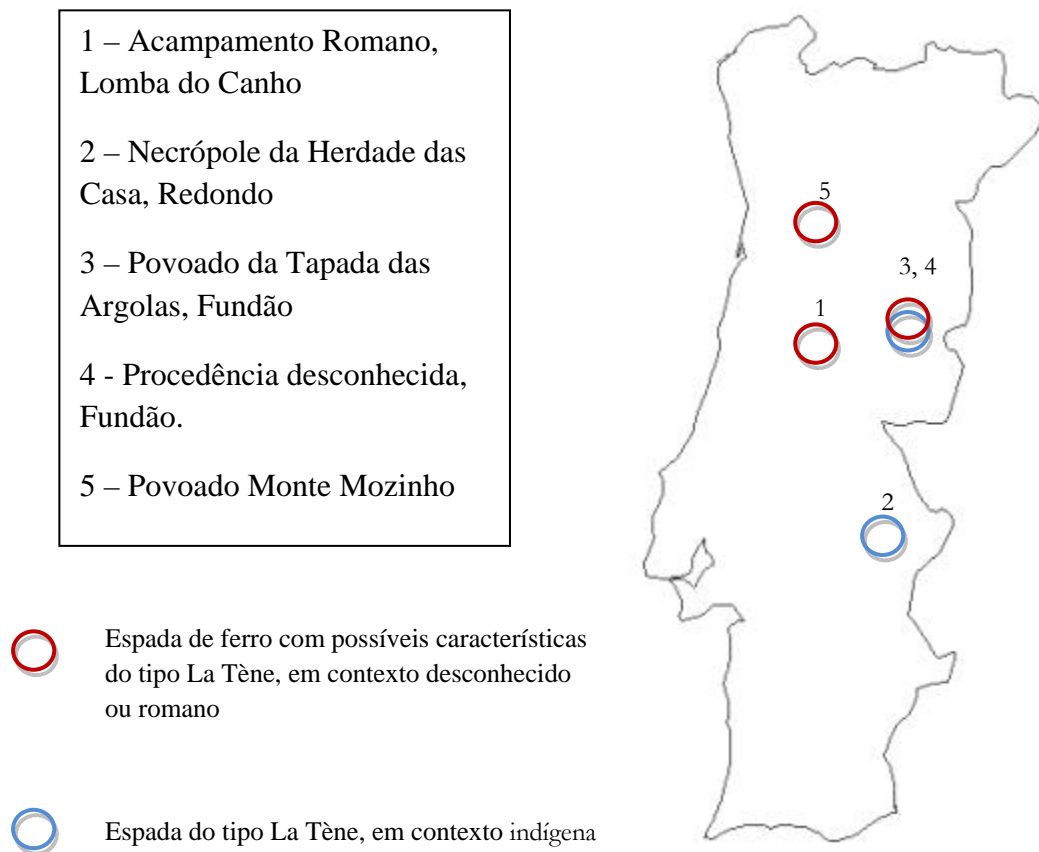



Figura 34 – Distribuição geográfica das espadas com características de tipo La Tène

#### 4.4.5 – Testemunhos arqueológicos (Catálogo)

<p><b>Tipo de Arma</b> Espada de La Tène</p> <p><b>Procedência</b> Tapada das argolas, Fundão</p> <p><b>Descrição</b> Espada de ferro de gumes paralelos, com ombros caídos e espiga de secção quadrangular. Dobrada na zona medial.</p> <p><b>Decoração</b> Ausente</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo - 500 Largura máxima – 45 Espessura- 15</p> <p><b>Cronologia Atribuída</b> Séculos IV – III a.C.</p> <p><b>Depósito / Colecção / N° Inv.</b> Museu Arqueológico José Monteiro, Fundão.</p> <p><b>Bibliografia</b> Vilaça (2003, fig. 9, p. 187).</p>	 <p><b>Escala 1:3</b></p>
--	--

**Tipo de Arma**

Espada de La Tène

**Procedência**

Necrópole da Herdade das Casas,  
Redondo.

**Descrição**

Espada de ferro de gumes paralelos,  
com ombros caídos e espiga de secção  
quadrangular.

A secção da lâmina mostra nervura  
central.

**Decoração**

Ausente

**Dimensões (em mm)**

Comprimento máximo - 660

Largura máxima – 40

Espessura- 6

**Cronologia Atribuída**

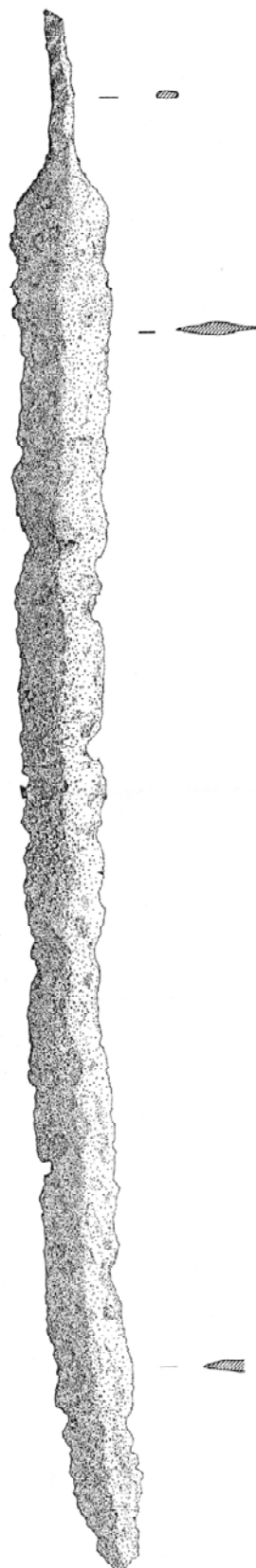
Séculos IV – III a.C.

**Depósito / Colecção / N° Inv.**

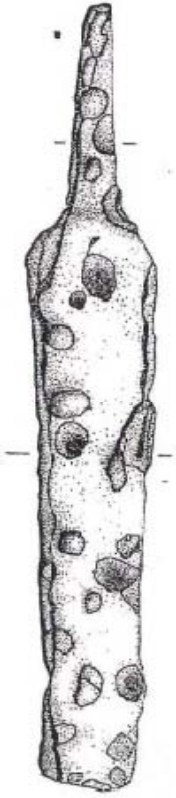
Museu de Évora nºcat.009

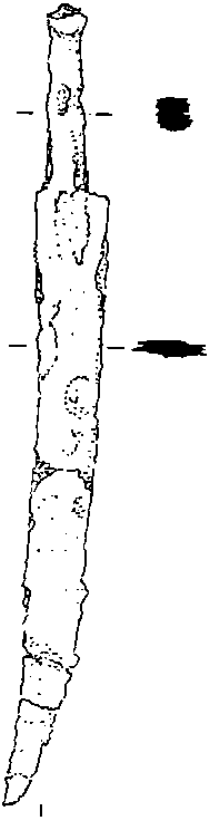
**Bibliografia**


Inédito, desenho gentilmente cedido  
pelo Professor Mário Varela Gomes



**Escala 1:3**

<p><b>Tipo de Arma</b> Espada de La Tène?/ <i>gladius hispaniensis</i></p> <p><b>Procedência</b> Lomba do Canho, acampamento militar romano, Arganil.</p> <p><b>Descrição</b> Fragmento de espada de ferro de gume paralelos, com ombros caídos e espiga de secção quadrangular.</p> <p><b>Decoração</b> Ausente</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo - 320 Largura máxima – 60</p> <p><b>Cronologia Atribuída</b> Séculos III – I a.C.</p> <p><b>Depósito / Colecção / N° Inv.</b> ---</p> <p><b>Bibliografia</b> Fabião (2006, fig. 4, p.116)</p>	 <p><b>Escala 1:3</b></p>
---	--

<p><b>Tipo de Arma</b> Espada de La Tène?/ <i>gladius hispaniensis</i> /</p> <p><b>Procedência</b> Castro Monte Mozinho, Penafiel.</p> <p><b>Descrição</b> Fragmento de espada de ferro de gume paralelos, com ombros rectos e espiga de secção quadrangular.</p> <p><b>Decoração</b> Ausente</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo - 325 Largura máxima – 50</p> <p><b>Cronologia Atribuída</b> Séculos II – I a.C.</p> <p><b>Depósito / Colecção / N° Inv.</b> Museu Municipal de Penafiel</p> <p><b>Bibliografia</b> Ferreira de Almeida (1975, Est. III, 1)</p>	 <p><b>Escala 1:3</b></p>
--	--

<p><b>Tipo de Arma</b> Espada de La Tène?/<i>gladius hispaniensis</i></p> <p><b>Procedência</b> Desconhecida</p> <p><b>Descrição</b> Espada de ferro de gume paralelos, com ombros caídos e espiga de secção quadrangular. A secção da lâmina mostra nervura central.</p> <p><b>Decoração (em mm)</b> Ausente</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo - 370 Largura máxima – 42 Comprimento lâmina - 26 Comprimento espigão - 11</p> <p><b>Cronologia Atribuída</b> Séculos III- I a.C.</p> <p><b>Depósito / Colecção / N° Inv.</b> Museu Arqueológico José Monteiro, Fundão</p> <p><b>Bibliografia</b> Inédito, gentilmente cedido pelo Museu Arqueológico José Monteiro, Fundão</p>	 <p><b>Escala 1:3</b></p>
--	--

## **4. 5 – Pontas de lança**

### **4.5.1 - Estudos anteriores**

Como sucede com as restantes armas, o estudo das pontas de lança foi sendo desenvolvido, no decorrer do século XX, pelos mesmos autores que analisaram o restante armamento pré-romano da Península Ibérica.

Na realização das tipologias é de salientar as dificuldades referidas por vários desses investigadores, pois as pontas de lança apresentavam muitas semelhanças entre si e poucos traços particulares.

O Marquês de Cerralbo (1911) e A. Schulten (1914) procuraram diferenciar alguns grupos de pontas de lança com base nas dimensões. Coube, no entanto, a J. Cabré, E. Cabré Morán e Molinero, a autoria, em 1950, de estudo com pelo menos várias distinções possíveis entre as pontas de lança da Idade do Ferro. As particularidades podiam ser observadas na secção central, nas caneluras e na forma. Também W. Schule (1969) estudou as pontas de lança encontradas em Alcácer do Sal, classificando-as com aquele topónimo.

Brunaux e Rapin (1988) desenvolveram tipologias para pontas de lança encontradas em Gournay (França), embora seja Quesada Sanz (1997) quem apresenta a tipologia com maior número de elementos caracterizadores, relacionando a forma, com a secção e a proporção.

Em Portugal, para a região Norte, Armando C. F. de Silva (1986, pp. 178,179) identificou e descreveu conjunto de pontas de lança e de contos, procedentes de diferentes povoados. Entre o Douro e o Tejo, o trabalho de Carlos Batata (2006) refere também algumas pontas de lança ali encontradas.

A sul do Tejo existe conjunto de investigadores (Gomes, 1992; Beirão e Correia, 1994; Fabião, 1998; Arruda, 2001) que referem a presença de pontas de lança e de contos, principalmente em contexto de necrópole, desde a I Idade do Ferro até à Romanização.



#### 4.5.2 – As tipologias

Conforme atrás mencionámos, a tipologia de Quesada Sanz (1997) analisa a correspondência entre os grandes elementos caracterizadores da ponta de lança.

Quanto à morfologia identificou variantes a que atribui numeração romana de I a XVI, apresentando esquema com a evolução daquela.

A proporção, obtida através da divisão do comprimento máximo pela largura máxima da folha, conduz a valor que é inserido em três grupos (A, B e C). Ao grupo A, correspondem índices maiores que 10, ao B, valores entre 5 e 10 e no C, valores menores que 5.

A secção apresenta doze tipos, ou variantes (ver figura 35).

A conjugação dos dados apresentados permite obter variantes tipológicas, para as pontas de lança. As de Alcácer do Sal, podem ser inseridas nos sub-tipos IA, IB, IIA, IIB, IIIA, IIIB, VA, VIA, VIB e VIIA, correspondendo assim a diferentes formas, tamanhos e secções (Quesada Sanz, 1997, p. 353).

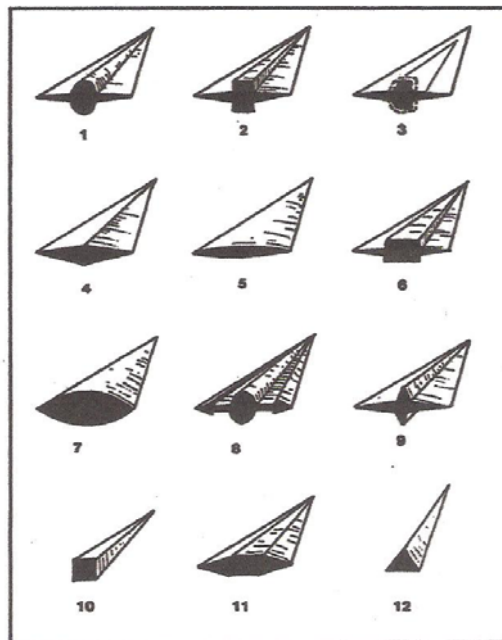


Figura 35 - Tipos de secção de lanças (Seg. Quesada Sanz, 1997, p. 357)

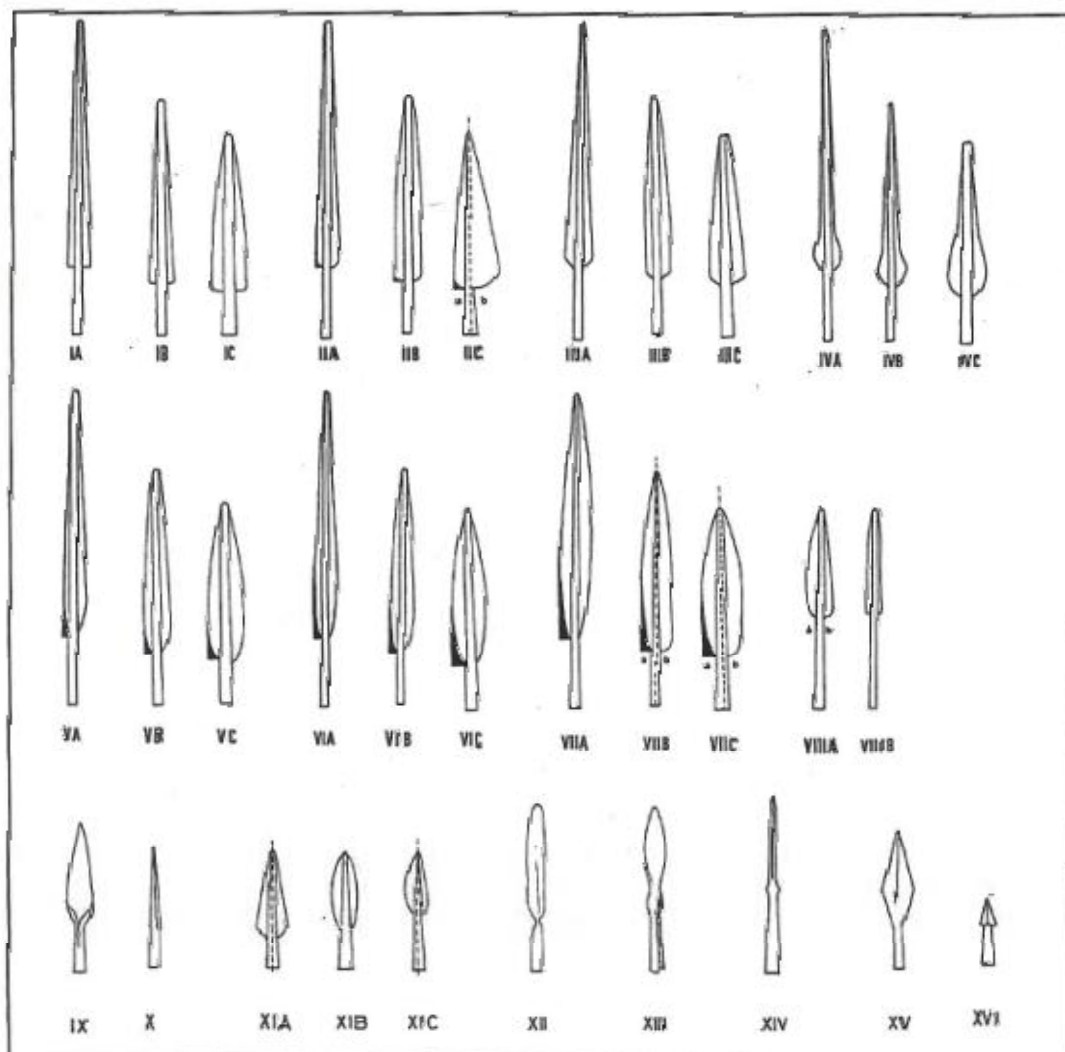


Figura 36 - Variantes da forma da folha de lanças (Seg. Quesada Sanz, 1997, p. 358)

#### 4.5.3 - Contextos arqueológicos

Do estudo sobre o armamento da II Idade do Ferro no Ocidente Peninsular, as pontas de lança apresentam o maior número de achados, possuindo cronologias mais alargadas. Algumas delas correspondem às armas com datação mais antiga deste trabalho, sendo em muitos casos difícil de distinguir em termos tipológicos, as diferenças da I para a II Idade do Ferro.

Dado o elevado número de achados, foi feita divisão em três grupos (Norte, Centro e Sul) com o objectivo de melhor contextualizar cada um dos casos. Esta divisão realizou-se a partir dos rios Douro e Tejo, não correspondendo a divisão cultural ou fronteira, senão a um método de estudo.

Contudo, alguns factores civilizacionais, distinguem as sociedades da II Idade do Ferro do Norte e do Sul, no domínio da metalurgia. A Norte continuam a ser utilizadas armas de bronze, em particular as lanças, quando a Sul, o ferro é já muito recorrente.

Em termos de contexto arqueológico aquelas diferenças também são evidenciadas pela presença a Norte de rituais fúnebres dentro dos povoados, bem diferente dos contextos particulares das necrópoles do Sul, algumas das quais de grandes dimensões.

## A NORTE

Na Região Norte existe carência de testemunhos relativos às lanças de ferro, o que poderá explicar-se pela escassez de áreas escavadas, ou pela continuidade de utilização do bronze, mesmo quando já se possuía os conhecimentos relativos à metalurgia do ferro (Silva, 1986, p. 179).

Todos os achados na região Noroeste de Portugal têm origem em povoados ou nas suas imediações.

A presença de pontas de lança, segundo Armando C. F. de Silva (1986) verificou-se nos povoados de Santo Estêvão da Facha (concelho de Ponte de Lima), Castro Máximo (concelho de Braga), Citânia de Briteiros (concelho de Guimarães), Castro Cidadelhe (concelho de Vila Real), Castro de Carvalhelhos (concelho de Boticas) e Castro de S. Julião (concelho de Vila Verde).

**Castro Santo Estêvão da Facha** - Povoado com vestígios de ocupação desde o século VII a.C., tendo sido identificados materiais como “taças carenadas tipo Alpiarça”. Possuiu maioritariamente casas de planta circular e apenas se descobriu uma rectangular. Situa-se em planalto, não muito elevado, com visão privilegiada sobre a paisagem envolvente, na freguesia de Facha, concelho de Ponte de Lima.

Nos primeiros anos da década de 80 do século XX, foram realizadas sondagens pelos arqueólogos Carlos A. Ferreira de Almeida e Carlos A. Brochado, com a colaboração de Teresa Soeiro e do Padre António José Batista. Destes estudos resultou, em 1981, a publicação do artigo “Escavações arqueológicas em Santo Estêvão da Facha.”

No que concerne ao armamento, foi identificada ponta de lança, de ferro, com secção central subrectangular e encabamento em alvado.

**Castro Máximo** – Povoado identificado desde a década de 30, por Carlos Teixeira (1932), que referiu a existência de vestígios de habitações circulares de pedra, duas linhas de muralha, que no entanto, encontravam-se já muito destruídas devido à presença de pedreiras. Um dos seus pontos mais elevados (cota máxima 198 m) dominava a norte, o vale do rio Cávado. Situa-se na periferia da área urbana da cidade de Braga, freguesia de São Vicente, concelho de Braga.

Em 1977, a partir de sondagem levada a cabo pelo Sector de Arqueologia da Universidade do Porto e Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho (Silva, 1986, p. 180), foi identificada a presença de cerâmica romana, nomeadamente fragmentos de ânforas e de moedas, assim como de ponta de lança, de ferro, com secção biconvexa e encabamento em alvado.

Alguns dos vestígios do povoado foram destruídos (2003) após a construção de recinto desportivo.

**Citânia de Briteiros** – Povoado fortificado de grandes dimensões, com quatro linhas de muralhas, planta aproximadamente oval, localizado em ponto alto com domínio sobre a paisagem e com cronologia entre os séculos II a.C e I a.C. Situa-se na freguesia de São Salvador de Briteiros, concelho de Guimarães.

A Citânia de Briteiros, pela área que tem vindo a ser escavada desde os finais do século XIX, apresenta-se como um dos povoados castrejos melhor conhecidos, possuindo conjunto de características muito importantes, a nível arquitectónico e simbólico, para a compreensão da Cultura Castreja.

Do espólio proveniente deste povoado, podem-se observar utensílios de pedra, vidro, cerâmica indígena e romana, moedas e diversos artefactos metálicos. Dentro dos metais, algumas pontas de lança de ferro, constituem até ao presente momento os únicos achados referentes a armamento, dos quais Armando C. F. de Silva (1986) descreve exemplares com folha de secção losângica e encabamento em alvado.

**Castro Cidadelhe** – Povoado fortificado, situado na freguesia de Mesão Frio, concelho de Vila Real.

Data de 1983 a mais importante intervenção arqueológica realizada neste castro, sob a responsabilidade de Armando C. F. da Silva, A. Baptista Lopes e Manuel Tuna. A principal fonte de informação sobre este povoado encontra-se na obra “A Cultura Castreja no Noroeste de Portugal”, de Armando C. F. da Silva (1986).

Identificaram-se duas linhas de muralhas em xisto, estando a mais externa em melhor estado de conservação. Foram, também, detectadas estruturas habitacionais de planta circular. Alguns dos resultados destas sondagens encontram-se por publicar.

**Castro de Carvalhelhos** – Povoado fortificado com vários dispositivos defensivos ainda bem preservados, possuindo três linhas de muralhas, fossos, pedras fincadas e rampas de acesso.

A primeira muralha delimitava o espaço central, apresentando ainda bom estado de conservação, em grande medida devido ao trabalho de restauro que foi sendo feito ao longo das intervenções arqueológicas aí realizadas. Desta muralha parte uma segunda que está colocada paralelamente à primeira e acompanha o declive do relevo. A terceira linha de muralhas, situada no plano baixo do povoado, acompanha o correr de ribeira.

Junto com estas muralhas detectaram-se vestígios de fossos, estando um bem identificado a sudoeste, e a presença de pedras fincadas, constituindo mais um importante elemento de defesa.

No sector norte, o povoado está assente em relevo com forma de esporão, que oferece condições naturais de defesa. Foram identificadas onze estruturas habitacionais, cinco com planta circular e quatro com planta rectangular.

Desde 1952 que existiram várias intervenções arqueológicas, sob a responsabilidade de José Rodrigues dos Santos Júnior, que publicou ao longo de três décadas vários artigos sobre os trabalhos realizados, designadamente, em 1984, “Trinta anos de escavações no Castro de Carvalhelhos (Boticas - Vila Real)”.

Entre o vasto espólio, pode observar-se, fíbulas, fragmentos cerâmicos de tipologia castreja e duas pontas de lança de ferro. Também se exumou quantidade significativa de escória de ferro.

**Citânia de São Julião** – Povoado fortificado, situado na freguesia de Pontes, concelho de Vila Verde e distrito de Braga. Ocupa ponto elevado, com domínio sobre a paisagem envolvente. Foram identificadas, pelo menos, dez habitações de pedra e

materiais perecíveis, de planta circular ou ovalada. Também se encontra associado a este povoado estátua de guerreiro, de granito. De entre o espólio metálico proveniente do castro, Armando C. F. da Silva faz referência a um conto de lança de ferro (Silva, 1986, p. 179).

**Citânia de Sanfins**, - Povoado castrejo de grandes dimensões, com forte sistema defensivo, composto por várias recintos amuralhados. Situa-se na freguesia de Sanfins de Ferreira, concelho de Paços de Ferreira, distrito do Porto.

Tem vindo a ser alvo de várias escavações e juntamente com a Citânia de Briteiros representa um dos povoados mais estudados em Portugal.

É ali visível conjunto de cento e sessenta habitações de planta circular ou quadrangular, associando-se também a este povoado estátua de guerreiro e monumento destinado a banhos públicos.

No que respeita a armamento, exumaram-se contos, punhais afalcatados e espigão de capacete, de bronze.

## REGIÃO CENTRO

Para o estudo da II Idade do Ferro, nesta região do actual território português, os trabalhos de Maria Amélia Horta Pereira (1970), Raquel Vilaça (1995), Carlos Batata (2001) e, recentemente, Ricardo da Silva (2005), constituam importantes contributos, apresentando conjunto de dados, de diferentes sítios arqueológicos, com descrições e referências a armas de ferro.

Dos vários locais descritos, foram identificadas algumas armas de ferro, como em Conheira dos Touros, São Pedro do Castro, Castro de São Miguel da Amêndoa, referenciando-se, pelos menos, uma ponta de lança.

No Porto do Concelho, concelho de Mação, foi reconhecido material arqueológico associado a três pontas de lança de ferro (Pereira, 1970, pp. 187-191), com correspondência cronológica à Idade do Bronze Final. Na obra “*Monumentos Históricos do Concelho de Mação*” (1970), de Maria Amélia Horta Pereira, menciona-se este importante sítio arqueológico.

**Conheira dos Touros** - Conheira de grandes dimensões, perto da ribeira de Codes, à cota máxima de 160 m, situada na freguesia e concelho de Vila de Rei, distrito de Castelo Branco.

A ponta de lança de ferro, tem as iniciais M.A.F, que pode corresponder a armamento militar romano. Carlos Batata refere que foi descoberta numa prospecção, pelo Sr. Vicente José da Silva, em 2001.

**São Pedro do Castro** - corresponde a povoado fortificado, instalado em elevação com cota máxima de 212 m, rodeado por duas ribeiras, a norte e sul, e a nascente pelo rio Zêzere. Situa-se na freguesia e concelho de Ferreira do Zêzere, distrito de Santarém.

As primeiras referências para os achados deste sítio arqueológico, ocorreram em 1733. No entanto, sobre a ponta de lança, apenas Leite de Vasconcellos lhe fez alusão, em 1917.

**Castro de São Miguel da Amêndoa** - povoado fortificado com ocupação desde a Idade do Ferro, situado na freguesia de Amêndoa, concelho de Mação, distrito de Santarém.

Descoberto em 1751, pelo Pe. Manuel da Silva e Azevedo, foi objecto no decorrer do século XX, de conjunto de estudos, onde se identificaram várias estruturas habitacionais e diferentes materiais, provindo ponta de lança de ferro e punhal inicialmente identificado como falcata (Pereira, 1970, pp. 244-251).

**Tapada das Argolas** – Povoado fortificado, com vestígios arqueológicos correspondente a cronologia entre o período Calcolítico e o Romano, situado na freguesia de Capinha, concelho do Fundão, distrito de Castelo Branco.

Deste povoado provêm duas lâminas de espada de bronze, uma espada de tipo La Tène e um conto de lança de ferro, com alvado de secção subcircular.



## SUL DO TEJO

As pontas de lança associadas a falcatas permitem atribuir-lhes cronologia entre os séculos V e III a.C. No entanto, a tradição daquele tipo de armas parece remontar à Idade do Bronze Final e I Idade do Ferro, pois têm sido identificadas, em contexto de necrópole, pontas e contos de ferro nas necrópoles da I Idade do Ferro como Mealha Nova, Chada, Pardieiro, Vinha das Calijas, Cinco Reis, Mouriços e Gregórios.

As necrópoles da Abóbada, Herdade do Pêgo, Fonte Santa, Carlota e Neves 4, apresentam indícios de reutilização ou continuidade na II Idade do Ferro, contento urnas com incinerações nas zonas periféricas.

A necrópole da Herdade do Pêgo, situada no concelho de Ourique, distrito de Beja, era composta pelo menos por trinta e cinco monumentos funerários, tendo sido escavadas seis sepulturas.

Na sepultura IV, foi encontrada uma ponta de lança de ferro, juntamente com taça de cerâmica, faca de ferro, conta de colar cilíndrica, de pasta vítrea, e conta de colar de ouro (Dias, Beirão e Coelho, 1970). Estava associada a esta sepultura lápide com escrita do Sudoeste.

Também no concelho de Ourique, a necrópole da Fonte Santa, evidenciou dezassete monumentos funerários, nos quais maioritariamente se observou a prática de inumação, existindo um único caso de incineração. Ali exumaram vários objectos de adorno tais como contas de colar, fíbulas, braceletes e anéis, de prata ou bronze, bem como ponta de lança, de ferro.

As Necrópoles da Carlota (Beja) e Neves 4 (Castro Verde), guardavam, ainda, lanças de ferro, associadas a incinerações, situadas à margem dos recintos funerários com inumações da I Idade do Ferro.

Na necrópole da Abóbada (Almodôvar) a estela decorada com “guerreiro heroicizado”, ilustra a reutilização do espaço da I Idade do Ferro para a II Idade do Ferro, servindo como tampa de urna de incineração (Gomes, 1990, p. 30).

A recente apresentação de alguns dados das duas campanhas arqueologias 2008-2009 e 2010-2011, levadas a cabo pelo “Projecto Estela”, divulgou formas de enterramento que podem corresponder a cronologias da I e II Idades do Ferro, revelando, mais uma vez, a ideia de continuidade na utilização das necrópoles durante

largo espaço de tempo. Ossos cremados e colocados directamente em covachos e covacho com urna de incineração, demonstram diferentes processos rituais, de diferentes fases, e em muito semelhante às necrópoles revistas anteriormente.

Num covacho anexo ao sítio onde estaria localizada a estela do “guerreiro heroicizado”, na necrópole da Abóbada, foi descoberta ponta de lança de ferro (ver figura 37), que pelo seu contexto e morfologia pode ter cronologia situada entre os séculos VI e IV a.C.



Figura 37 – Necrópole da Abóbada, covacho com ponta de lança (foto retirada do site [www.sulinformação.com](http://www.sulinformação.com))

**Necrópole do Monte da Cardeira** - Achado ocasional, de que resultou como já foi referido anteriormente, uma falcata e ponta de lança de ferro. O espólio foi posto a descoberto por trabalhos agrícolas, efectuados em 1950 (Viana e Deus, 1950, pp. 69,70).

A associação, de lança com a falcata, permite conferir aquela primeira arma, cronologia entre os séculos IV e III a.C. A presença da ponta de lança, de grandes dimensões, associada a falcata, pode remeter-nos para o mundo ibérico, ainda que tais elementos não sejam suficientes para atribuir à necrópole características ibéricas, pois o reduzido número de dados dificulta a percepção da possível difusão cultural continental ou ibérica, defendida por alguns investigadores.

**Necrópole da Chaminé** - Situa-se na freguesia de Vila Fernando, concelho de Elvas, distrito de Portalegre. Foi descoberta na sequência de trabalhos agrícolas, entre 1948 e 1949. Como referimos anteriormente, do armamento presente nesta necrópole foi possível observar espada de antenas completa, possuindo empunhadura com

vestígios de antenas, duas pontas de lanças curtas e vários outros objectos enquadrados na panóplia de guerreiro, como arreios de cavalo. Juntamente com este espólio identificaram-se onze fragmentos ou fíbulas completas, pertencentes a diferentes tipos, desde o tipo La Tène às anulares hispânicas, estudadas e descritas por Salete da Ponte (1986).

Para além do espólio metálico, esta necrópole ofereceu conjunto de cerâmicas montadas a torno lento e rápido, estudadas principalmente por J. Nolen (1985) e correspondendo a grande diversidade de pastas e fabricos com diferentes influências culturais, designadamente modelos de origem continental, de tipo ibero-turdetano ou de tradição mais meridional. Para além das diferentes influências presentes nesta necrópole, também a cronologia oferecida pelos materiais sugere intervalo entre os séculos IV e I a.C.

Na Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal o seu vasto conjunto de pontas de lanças corresponde a diferentes tipologias e cronologias, indo ao encontro do próprio alargamento temporal da jazida.

Os dados resultantes das escavações de Cavaleiro Paixão, (1980) demonstram que as sepulturas que continham lanças surgem em contexto de incineração *in situ* do cadáver. Estas pontas de lança encontravam-se sobre a rocha do fundo, numa zona intermédia, tendo tombado após a combustão do corpo, evidenciando a sua deposição junto do mesmo (Paixão, 1970, p. 80).

Também a referência para outros artefactos encontrados nas sepulturas (fíbulas anulares, fechos de cinturão, xorcas e escaravinhos de faiança) permitem datação a partir do século VII a.C. até ao século V a.C. (Silva e Gomes, 1992, p.147).

Algumas das pontas de lança de Alcácer do Sal, descobertas por Virgílio Correia, estavam associadas a falcatas e espadas de antenas, o que permite atribuir-lhes cronologia mais tardia, entre os séculos IV e III a.C.

Naquelas escavações (1925) foram identificadas, conforme já referimos, quatro tipos de sepulturas, sendo definidas por de cremações *in situ* (3º e 4º tipos) e as outras por cremação e deposição secundária (1º e 2º tipos), estando algumas das pontas de lança identificadas em sepulturas do 1º tipo. As sepulturas nº9 e nº18 são as mais específicas sobre a presença deste tipo de armamento (Correia, 1925a, pp. 163, 164).

Leandro Saudan Tristão

Na sepultura nº 9 foram encontradas duas pontas de lança, uma pega de escudo, duas fíbulas anulares, dois fechos de cinturão, uma urna, duas *cráteras* de figuras vermelhas, duas facas afalcatadas, uma falcata e arreios de cavalo. Já a sepultura nº18 apresentava quatro urnas, dois vasos pequenos, uma falcata, um *soliferreum* dobrado, uma pega de escudo e duas lanças (uma grande e uma pequena).

Aquele espólio juntamente com as características das sepulturas, pode estar associado a uma área ibérica, ideia defendida por Quesada Sanz (1997, pp. 128, 129) e também Cabré Morán (1979, pp. 768-770), aproximando-as do ambiente cultural da Alta Andaluzia, embora com incorporações locais.

Em contextos de povoado surgem alguns fragmentos de armas de ferro, ainda que em número reduzido. De registar pontas de lança de Castro Marim, as pontas de lança e contos no povoado da Cabeça de Vaiamonte, concelho de Monforte, e ponta de lança no povoado de Mesas de Castelinho. Todavia, em alguns casos surgem armas de tipos já contemporâneos da presença romana, como sucede com os capacetes e espigões de Vaiamonte (Fabião, 1998, p. 140).

Alguns fragmentos de lanças, em avançado estado de corrosão, não permitem reconhecimento tipológico esclarecedor.

Importa, no entanto, referir a presença de encabamento com alvado e lâminas de dimensões reduzidas, possuindo uma de Mesas do Castelinho ainda secção central, eventualmente enquadrada no tipo 4 de Quesada Sanz (1997). O contexto arqueológico deste espólio também não oferece melhor esclarecimento, pois trata-se de recolhas de superfície.

Em Castro Marim, no denominado sitio arqueológico do Cerro do Castelo, existem testemunhos de povoado com ocupação desde a Idade do Bronze Final até à Idade Moderna. No recente trabalho de Teresa Rita Pereira, *“Artefactos Metálicos do Castelo de Castro Marim na Idade do Ferro e em Época Romana, Metalurgia em transição: a amostra numa análise de conjunto”* (2008), são analisadas peças de armamento da Idade do Ferro, das quais cinco são pontas de lança de ferro. Estes objectos resultam de escavações arqueológicas efectuadas entre 1983 e 2003. As pontas de lança foram encontradas em contextos variáveis, entre os finais do século V e os inícios do século II a.C. (Pereira, 2008, p. 64).

A morfologia daquelas armas permite estabelecer paralelismo com outras pontas de lança, procedentes das necrópoles do Sudoeste Peninsular, já fortemente influenciadas por ambientes culturais externos.

Sobre os contextos arqueológicos, importa salientar que desde o início da construção do sistema de regadio da barragem do Alqueva, têm sido realizadas escavações de emergência, das quais provêm algumas pontas de lança de ferro. É de prever que, num futuro próximo, novos dados possam a vir ser revelados (agradecemos a Samuel Melro e Pedro Barros, a informação disponibilizada).

#### **4.5.4. Discussão**

Remonta ao século VII a.C. a presença de pontas de lança de ferro, em contexto de necrópole. Para estas lanças de cronologia mais recuada, a presença de folha longa é comum em diferentes ambientes geográficos da Península Ibérica. Não esqueçamos que existiu uma rede de relações herdada da Idade do Bronze Final que terá, depois, suscitado diferentes respostas (Fabião, 1998, p. 129).

No Sudoeste Peninsular, a presença de pontas de lança é bastante significativa, principalmente em contexto de necrópole. Todavia, as pontas de lança de ferro não permitem atribuição muito precisa em termos cronológicos. A ausência de contextos arqueológicos ou de outros objectos associados, contribuem para esta imprecisão na sua datação.

Conforme sucede com as restantes armas, em contexto de necrópole, também as pontas de lança estavam, quase sempre inseridas em panóplia de objectos de grande valor simbólico, social e religioso, para o indivíduo ou a comunidade que as possuía. A presença de pontas de lança em número par, pode remeter-nos para campo cognitivo, indicando, ligação entre o masculino e o feminino, ou a carácter simbólico da protecção solar e lunar.

Algumas das lanças possuíam ainda orifício no encabamento, podendo servir para melhor fixação à haste de madeira. Também é visível, em certos exemplares um ou mais anéis na extremidade do encabamento (ver figura 38), desempenhando papel funcional, reforçando aquele, ou de carácter simbólico. Esta zona da arma pode, em alguns casos, apresentar decorações, como é visível na ponta de lança da sepultura nº19 da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal, onde se observa pequena espiral.

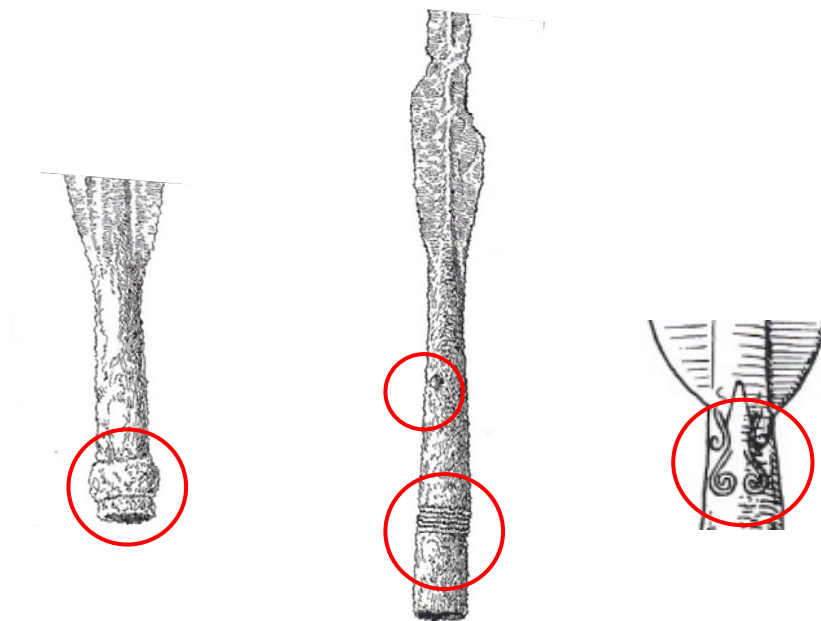


Figura 38 – Detalhes e decorações de encabamentos em lanças de Alcácer do Sal (Seg. W.Schule, 1969)

Virgílio Correia, testemunhou a presença de lanças em número par, bem como, a diferença de tamanho entre elas (Correia, 1928, p. 173).

A presença de uma lança de grandes dimensões e outra de dimensões mais reduzidas, pode também ilustrar a funcionalidade para que serviriam em contexto de luta, sendo a mais pequena de arremesso inicial, e a maior de combate de maior proximidade. A utilização de lanças de grandes dimensões na luta corpo a corpo, é identificada, em larga escala, nos diferentes tipos de cerâmica helénica, com ilustrações de cenas de luta, onde inclusive é possível observar a utilização da espada, só após a quebra e inutilização da lança. As lanças são também as armas mais representadas e associadas a heróis e divindades.

Em contexto arqueológico, a pontas de lança também surgem em muito maior número no Ocidente Peninsular, bem como, com uma vasta distribuição geográfica, desde a região do Algarve até ao Minho, em zonas mais litorais ou mais interiores. Destaca-se, pelo número de achados, a necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal, com pontas de lança de diferentes cronologias e influências culturais, o que atesta, mais uma vez, o carácter ibérico e continental desta paradigmática necrópole.

Tendo por base as tipologias de Quesada Sanz (1997, p. 357.), foi possível observar nas armas procedentes de Alcácer do Sal, maior presença dos tipos (4, 6 e 1) de secção em losângulo, rectangular e circular, bem como a relação



comprimento/largura, possuir na maioria dos casos índice maior que 10, ou entre 5 e 10 (ver figuras 39 e 40).

### Tipologias de Pontas de lança de Alcácer do Sal

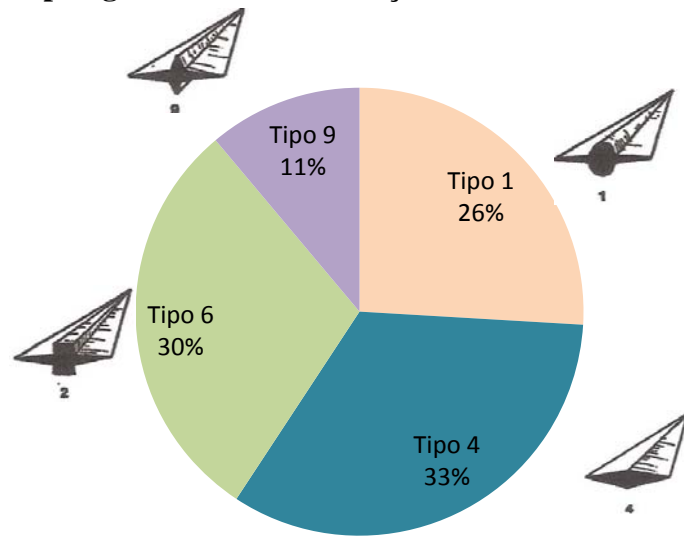


Figura 39 - Gráfico representativo da percentagem de tipologias de secção de pontas de lança (seg. Quesada Sanz 1997, p. 357)

### Proporção das pontas de lança de Alcácer do Sal

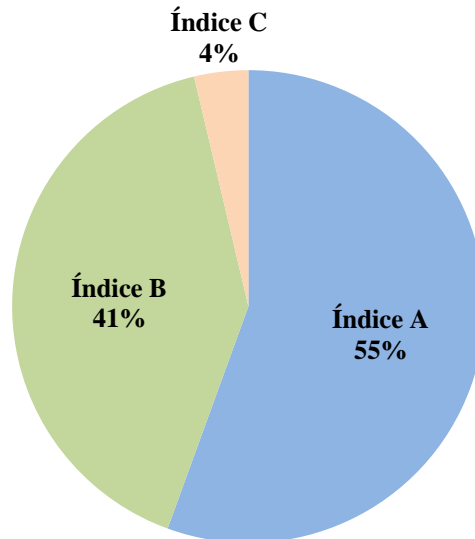






Figura 40- Gráfico representativo da percentagem de índices de tamanho (comprimento máximo da folha dividir pela largura máxima) das pontas de lança. (Seg. Quesada Sanz 1997, p. 357)

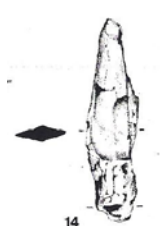



#### 4.4.4 – Testemunhos arqueológicos (Catálogo)


<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Castro de Santo Estevão da Facha, Ponte de Lima.</p> <p><b>Folha</b> Triangular, com secção central</p> <p>Tipo IC (Seg. Quesada Sanz, 1997, p. 358)</p> <p><b>Secção</b> Subrectangular</p> <p>Tipo 6 (Seg. Quesada Sanz, 1997, p. 357)</p> <p><b>Encabimento</b> Em alvado</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 197 Largura máxima - 34</p> <p><b>Proporção</b> – Índice entre 5 e 10 (Tipo B)</p> <p><b>Cronologia</b> – Séculos III - II a.C.</p> <p><b>Depósito</b> MTILPL</p> <p><b>Bibliografia</b> Silva (1986, est. XCI, 10, p.203).</p>	 <p>Escala 1:4</p>
<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Citânia de Briteiros, Guimarães.</p> <p><b>Folha</b> – Foliácea</p> <p>Tipo VB (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.358)</p> <p><b>Secção</b> – Losângica</p> <p>Tipo 4 (Seg. Quesada Sanz, 1997, p. 357)</p> <p><b>Encabimento</b> Em alvado</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 221 Largura máxima – 27</p> <p><b>Proporção</b> – Índice entre 5 e 10 (Tipo B)</p> <p><b>Cronologia</b> – Séculos IV- II a.C.</p> <p><b>Depósito</b> Museu da Sociedade Martins Sarmento, Guimarães.</p> <p><b>Bibliografia</b> Silva (1986, est. XCI, 11 p. 204).</p>	 <p>Escala 1:4</p>


<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Citânia de Briteiros, Guimarães.</p> <p><b>Folha</b> – Foliácea</p> <p>Tipo VC (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.358)</p> <p><b>Secção</b> – Sem nervura central, Tipo 5(Seg. Quesada Sanz, 1997, p. 357)</p> <p><b>Encabamento</b> Em alvado</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 240 Largura máxima - 27</p> <p><b>Proporção</b> – Índice entre 5 e 10 (Tipo B)</p> <p><b>Cronologia</b> – Séculos IV- II a.C.</p> <p><b>Depósito</b> Museu da Sociedade Martins Sarmiento.</p> <p><b>Bibliografia</b> Silva (1986, est. XCI, 12 p. 204).</p>	 <p><b>Escala 1:4</b></p>
---	---


<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Citânia de Briteiros, Guimarães.</p> <p><b>Folha</b> – Indeterminado</p> <p><b>Secção</b> – Losângica</p> <p>Tipo 4 (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.357)</p> <p><b>Encabamento</b> Em alvado</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 110 Largura máxima – 35</p> <p><b>Cronologia</b> – Séculos IV- II a.C.</p> <p><b>Depósito</b> Museu da Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães.</p> <p><b>Bibliografia</b> Silva (1986, p. 204, est. XCI, 13).</p>	 <p><b>Escala 1:4</b></p>
---	--


<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Castro de Cidadelhe, Mesão Frio.</p> <p><b>Folha</b> – foliácea</p> <p>Tipo VC (Seg. Quesada Sanz, 1997, p. 358)</p> <p><b>Secção</b> – Losângica</p> <p>Tipo 4 (Seg. Quesada Sanz, 1997, p. 357)</p> <p><b>Encabamento</b> Em alvado, muito corroído.</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 119 Largura máxima – 30</p> <p><b>Proporção</b> – Índice &lt; 5 (Tipo C)</p> <p>Cronologia - Séculos IV- II a.C.</p> <p><b>Depósito</b> Câmara Municipal de Mesão Frio.</p> <p><b>Bibliografia</b> Silva (1986, p. 204, est. XCI, 14).</p>	 <p><b>Escala 1:4</b></p>
--	---

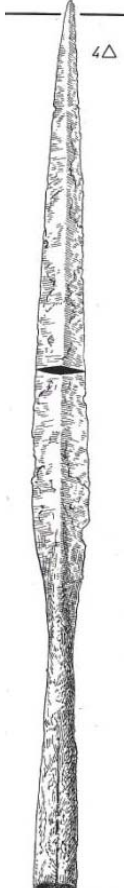
<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Castro de Carvalhelhos, Boticas.</p> <p><b>Folha</b> – Indeterminado</p> <p><b>Secção</b> – Indeterminado</p> <p><b>Encabamento</b> – Em alvado.</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 127 Largura máxima (cabo) – 27</p> <p><b>Cronologia</b> – Séculos IV- II a.C.</p> <p><b>Depósito</b> MRF.</p> <p><b>Bibliografia</b> Silva (1986, p. 204, est. XCI, 16).</p>	 <p><b>Escala 1:4</b></p>
--	---


<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Castro de Carvalhelhos, Boticas.</p> <p><b>Folha</b> – Indeterminado</p> <p><b>Secção</b> – Indeterminado</p> <p><b>Encabamento</b> – Em alvado, com rasgo lateral.</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 134 Largura máxima (cabo) – 29</p> <p><b>Cronologia</b> – Séculos IV- II a.C.</p> <p><b>Depósito</b> MRF.</p> <p><b>Bibliografia</b> Silva (1986, p. 204, est. XCI, 17).</p>	 <p><b>Escala 1:4</b></p>
---	---


<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Alcácer do Sal</p> <p><b>Folha</b> Formato oblongo, Tipo VIA (Seg. Quesada Sanz, p.358).</p> <p><b>Secção</b> Losângica, Tipo 4 (Seg. Quesada Sanz, 1997, p 357)</p> <p><b>Encabamento</b> Em alvado</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 380 Largura máxima – 28</p> <p><b>Proporção</b> – Índice &gt; 10 (Tipo A)</p> <p><b>Cronologia</b> – Séculos VI- III a.C.</p> <p><b>Depósito</b> Museu Nacional de Arqueologia</p> <p><b>Bibliografia</b> Schule (1969, est. 104, 1).</p>	 <p><b>Escala 1:4</b></p>
---	---


<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Alcácer do Sal</p> <p><b>Folha</b> Formato oblongo, Tipo VIA (Seg. Quesada Sanz, p.358).</p> <p><b>Secção</b> Losângica, Tipo 4 (Seg. Quesada Sanz, 1997, p 358).</p> <p><b>Encabamento</b> Em alvado</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 162 Largura máxima – 20</p> <p><b>Proporção</b> – Índice entre 5 e 10 (Tipo B)</p> <p><b>Cronologia</b> – Séculos V- III a.C.</p> <p><b>Depósito</b> Museu Nacional de Arqueologia</p> <p><b>Bibliografia</b> Schule (1969, est. 104, 2).</p>	 <p>Escala 1:4</p>
--	---

<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Alcácer do Sal</p> <p><b>Folha</b> Formato oblongo, muito corroída. Tipo VIIA (Seg. Quesada Sanz, p.358).</p> <p><b>Secção</b> Losângica, Tipo 4 (Seg. Quesada Sanz, 1997, p 358).</p> <p><b>Encabamento</b> Em alvado</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 356 Largura máxima – 30</p> <p><b>Proporção</b> – Índice &gt; 10 (Tipo A)</p> <p><b>Cronologia</b> – Séculos V- III a.C.</p> <p><b>Depósito</b> Museu Nacional de Arqueologia</p> <p><b>Bibliografia</b> Schule (1969, est. 104, 3).</p>	 <p>Escala 1:4</p>
--	---


<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Alcácer do Sal</p> <p><b>Folha</b> Formato oblongo, Tipo VIA (Seg. Quesada Sanz, p.358).</p> <p><b>Secção</b> Losângica, Tipo 4 (Seg. Quesada Sanz, p.357).</p> <p><b>Encabamento</b> Em alvado</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 480 Largura máxima – 30</p> <p><b>Proporção</b> – Índice &gt; 10 (Tipo A)</p> <p><b>Cronologia</b> – Séculos VI- III a.C.</p> <p><b>Depósito</b> Museu Nacional de Arqueologia</p> <p><b>Bibliografia</b> Schule (1969, est. 104, 4).</p>	 <p>Escala 1:4</p>
--	--


<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Alcácer do Sal</p> <p><b>Folha</b> Formato oblongo, Tipo VIB (Seg. Quesada Sanz, p.358).</p> <p><b>Secção</b> Losângica, Tipo 4 (Seg. Quesada Sanz, p.357).</p> <p><b>Encabamento</b> Em alvado.</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 320 Largura máxima – 32</p> <p><b>Proporção</b> – Índice entre 5 e 10 (Tipo B)</p> <p><b>Cronologia</b> – Séculos V- III a.C.</p> <p><b>Depósito</b> Museu Nacional de Arqueologia</p> <p><b>Bibliografia</b> Schule (1969, est. 104, 5).</p>	 <p>Escala 1:4</p>
---	---


<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Alcácer do Sal</p> <p><b>Folha</b> Formato oblongo, Tipo VIA (Seg. Quesada Sanz, p.358).</p> <p><b>Secção</b> Losângica, Tipo 4 (Seg. Quesada Sanz, p.357).</p> <p><b>Encabamento</b> Em alvado.</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 316 Largura máxima – 26</p> <p><b>Proporção</b> – Índice &gt; 10 (Tipo A)</p> <p><b>Cronologia</b> – Séculos V- III a.C.</p> <p><b>Depósito</b> Museu Nacional de Arqueologia</p> <p><b>Bibliografia</b> Schule (1969, est. 104, 6)</p>	 <p><b>Escala 1:4</b></p>
---	--


<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Alcácer do Sal</p> <p><b>Folha</b> Formato oblongo, Tipo VIA (Seg. Quesada Sanz, p.358).</p> <p><b>Secção</b> Losângica, Tipo 4 (Seg. Quesada Sanz, p.357).</p> <p><b>Encabamento</b> Em alvado.</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 324 Largura máxima - 32</p> <p><b>Cronologia</b> – Séculos V- III a.C.</p> <p><b>Depósito</b> Museu Nacional de Arqueologia</p> <p><b>Bibliografia</b> Schule (1969, est. 104, 7).</p>	 <p><b>Escala 1:4</b></p>
--	--





<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Alcácer do Sal</p> <p><b>Folha</b> Formato oblongo, Tipo VIA (Seg. Quesada Sanz, p.358).</p> <p><b>Secção</b> Losângica, Tipo 4 (Seg. Quesada Sanz, p.357).</p> <p><b>Encabamento</b> Em alvado.</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 300 Largura máxima – 22</p> <p><b>Proporção</b> – Índice &gt; 10 (Tipo A)</p> <p><b>Cronologia</b> – Séculos V- III a.C.</p> <p><b>Depósito</b> Museu Nacional de Arqueologia</p> <p><b>Bibliografia</b> Schule (1969, est. 104, 8).</p>	 <p>8Δ</p> <p>Escala 1:4</p>
--	---


<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Alcácer do Sal</p> <p><b>Folha</b> Formato oblongo, Tipo VIA (Seg. Quesada Sanz, p.358).</p> <p><b>Secção</b> Losângica, Tipo 4 (Seg. Quesada Sanz, p.357).</p> <p><b>Encabamento</b> Em alvado.</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 286 Largura máxima – 28</p> <p><b>Proporção</b> – Índice &gt; 10 (Tipo A)</p> <p><b>Cronologia</b> – Séculos V- III a.C.</p> <p><b>Depósito</b> Museu Nacional de Arqueologia</p> <p><b>Bibliografia</b> Schule (1969, est. 104, 9).</p>	 <p>9Δ</p> <p>Escala 1:4</p>
--	---


<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Alcácer do Sal</p> <p><b>Folha</b> Formato oblongo, Tipo VIA (Seg. Quesada Sanz, p.358).</p> <p><b>Secção</b> Em forma de diamante, Tipo 9 (Seg. Quesada Sanz, p.357)</p> <p><b>Encabamento</b> Em alvado.</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 492 Largura máxima – 30</p> <p><b>Proporção</b> – Índice &gt; 10 (Tipo A)</p> <p><b>Cronologia</b> – Séculos VI- III a.C.</p> <p><b>Depósito</b> Museu Nacional de Arqueologia</p> <p><b>Bibliografia</b> Schule (1969, est. 102, 6).</p>	 <p><b>Escala 1:4</b></p>
---	---


<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Alcácer do Sal</p> <p><b>Folha</b> Simétrica Foliácea, Tipo VIB (Seg. Quesada Sanz, p.358).</p> <p><b>Secção</b> Em forma de diamante, Tipo 9 (Seg. Quesada Sanz, p.357)</p> <p><b>Encabamento</b> Em alvado, com reforço de anilha</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 360 Largura máxima – 40</p> <p><b>Proporção</b> – Índice entre 5 e 10 (Tipo B)</p> <p><b>Cronologia</b> – Séculos V- III a.C.</p> <p><b>Depósito</b> Museu Nacional de Arqueologia</p> <p><b>Bibliografia</b> Schule (1969, est. 102, 7).</p>	 <p><b>Escala 1:4</b></p>
--	--


<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Alcácer do Sal</p> <p><b>Folha</b> Simétrica foliácea, secção central saliente. Tipo VB (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.358).</p> <p><b>Secção</b> Subrectangular, tipo 6 (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.357).</p> <p><b>Encabamento</b> Em alvado</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 300 Largura máxima – 30</p> <p><b>Proporção</b> – Índice entre 5 e 10 (Tipo B)</p> <p><b>Cronologia</b> – Séculos V- III a.C.</p> <p><b>Depósito</b> Museu Nacional de Arqueologia</p> <p><b>Bibliografia</b> Schule (1969, est. 103, 1).</p>	 <p><b>Escala 1:4</b></p>
--	--


<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Alcácer do Sal</p> <p><b>Folha</b> Formato oblongo, secção central salienta, fragmentada nas aletas laterais. Tipo VIA (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.357)</p> <p><b>Secção</b> Subrectangular, tipo 6 (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.357).</p> <p><b>Encabamento</b> Em alvado</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 366 Largura máxima – 30</p> <p><b>Proporção</b> – Índice &gt; 10 (Tipo A) Cronologia – Séculos V- III a.C.</p> <p><b>Depósito</b> Museu Nacional de Arqueologia</p> <p><b>Bibliografia</b> Schule (1969, est. 103, 2).</p>	 <p><b>Escala 1:4</b></p>
---	---


<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Alcácer do Sal</p> <p><b>Folha</b> Formato oblongo, IIB (Seg. Quesada Sanz, 1997, p. 358).</p> <p><b>Secção</b> Subrectangular, tipo 6 (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.357).</p> <p><b>Encabamento</b> Em alvado</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 320 Largura máxima - 32</p> <p><b>Proporção</b> – Índice entre 5 e 10 (Tipo B) Cronologia – Séculos V- III a.C.</p> <p><b>Depósito</b> Museu Nacional de Arqueologia</p> <p><b>Bibliografia</b> Schule (1969, est. 103, 3).</p>	 <p><b>Escala 1:4</b></p>
---	--


<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Alcácer do Sal</p> <p><b>Folha</b> Formato oblongo, secção central saliente. Tipo VIB (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.357).</p> <p><b>Secção</b> Subrectangular, tipo 6 (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.357).</p> <p><b>Encabamento</b> Em alvado</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 300 Largura máxima – 32</p> <p><b>Proporção</b> – Índice entre 5 e 10 (Tipo B)</p> <p><b>Cronologia</b> – Séculos V- III a.C.</p> <p><b>Depósito</b> Museu Nacional de Arqueologia</p> <p><b>Bibliografia</b> Schule (1969, est. 103, 4).</p>	 <p>Escala 1:4</p>
--	---

<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Alcácer do Sal</p> <p><b>Folha</b> Secção central saliente. Muito fragmentada nas aletas e ausência de extremidade.</p> <p><b>Secção</b> Subrectangular, tipo 6 (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.357).</p> <p><b>Encabamento</b> Em alvado</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 240 Largura máxima – 46</p> <p><b>Cronologia</b> – Séculos V- III a.C.</p> <p><b>Depósito</b> Museu Nacional de Arqueologia</p> <p><b>Bibliografia</b> Schule (1969, est. 103, 5).</p>	 <p>Escala 1:4</p>
---	---


<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Alcácer do Sal</p> <p><b>Folha</b> Secção central saliente. Tipo VIB (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.357).</p> <p><b>Secção</b> Subrectangular, tipo 6 (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.357).</p> <p><b>Encabamento</b> Em alvado</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 250 Largura máxima – 30</p> <p><b>Proporção</b> – Índice entre 5 e 10 (Tipo B)</p> <p><b>Cronologia</b> – Séculos V- III a.C.</p> <p><b>Depósito</b> Museu Nacional de Arqueologia</p> <p><b>Bibliografia</b> Schule (1969, est. 103, 6).</p>	 <p>Escala 1:4</p>
---	---


<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Alcácer do Sal</p> <p><b>Folha</b> Formtato, oblongo, secção central saliente. Tipo VA (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.357).</p> <p><b>Secção</b> Subcircular, tipo 1 (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.357).</p> <p><b>Encabamento</b> Em alvado</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 350 Largura máxima – 20</p> <p><b>Proporção</b> – Índice &gt; 10 (Tipo A)</p> <p><b>Cronologia</b> – Séculos V- III a.C.</p> <p><b>Depósito</b> Museu Nacional de Arqueologia</p> <p><b>Bibliografia</b> Schule (1969, est. 103, 7).</p>	 <p>Escala 1:4</p>
---	---

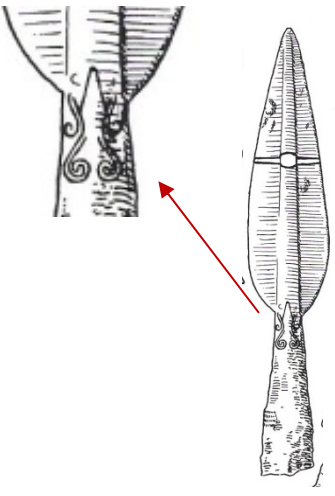
<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Alcácer do Sal</p> <p><b>Folha</b> Secção central saliente. Tipo VIB (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.357).</p> <p><b>Secção</b> Subrectangular, tipo 6 (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.357).</p> <p><b>Encabamento</b> Em alvado</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 220 Largura máxima – 28</p> <p><b>Proporção</b> – Índice entre 5 e 10 (Tipo B)</p> <p><b>Cronologia</b> – Séculos V- III a.C.</p> <p><b>Depósito</b> Museu Nacional de Arqueologia</p> <p><b>Bibliografia</b> Schule (1969, est. 103, 9).</p>	 <p><b>Escala 1:4</b></p>
---	--


<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Alcácer do Sal</p> <p><b>Folha</b> Forma foliácea, secção central saliente. Frgamentada nas aletas laterais, Tipo VC (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.357).</p> <p><b>Secção</b> Subrectangular, tipo 6 (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.357).</p> <p><b>Encabamento</b> Em alvado</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 200 Largura máxima – 46</p> <p><b>Proporção</b> – Índice &lt; 5 (Tipo C)</p> <p><b>Cronologia</b> – Séculos V- III a.C.</p> <p><b>Depósito</b> Museu Nacional de Arqueologia</p> <p><b>Bibliografia</b> Schule (1969, est. 103, 8).</p>	 <p><b>Escala 1:4</b></p>
---	--





<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Alcácer do Sal</p> <p><b>Folha</b> Formato oblongo, secção central saliente. Tipo VA (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.357).</p> <p><b>Secção</b> Subcircular, tipo 1 (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.357).</p> <p><b>Encabamento</b> Em alvado</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 370</p> <p><b>Largura máxima</b> – 18</p> <p><b>Proporção</b> – Índice &gt; 10 (Tipo A)</p> <p><b>Cronologia</b> – Séculos V- III a.C.</p> <p><b>Depósito</b> Instituto Arqueológico de Coimbra</p> <p><b>Bibliografia</b> Schule (1969, est. 96, 7).</p>	 <p>Escala 1:4</p>
--	--


<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Alcácer do Sal</p> <p><b>Folha</b> Secção central saliente. Tipo VB (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.357).</p> <p><b>Secção</b> Subrectangular, tipo 9 (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.357).</p> <p><b>Encabamento</b> Em alvado</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 210</p> <p><b>Largura máxima</b> – 22</p> <p><b>Proporção</b> – Índice entre 5 e 10 (Tipo B)</p> <p><b>Cronologia</b> – Séculos V- III a.C.</p> <p><b>Depósito</b> Instituto Arqueológico de Coimbra</p> <p><b>Bibliografia</b> Schule (1969, est. 96, 7).</p>	 <p>Escala 1:4</p>
---	---

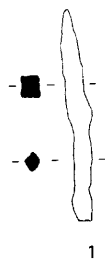
<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Alcácer do Sal, Sepultura nº19</p> <p><b>Folha</b> Forma foliácea, secção central saliente. Bom estado de conservação. Tipo VIB (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.357).</p> <p><b>Secção</b> Subcircular, tipo 1 (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.357).</p> <p><b>Encabamento</b> Em alvado, com decoração em espiral junto à lâmina.</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 230 Largura máxima - 42</p> <p><b>Proporção</b> –Índice entre 5 e 10 (Tipo B)</p> <p><b>Depósito</b> Instituto Arqueológico de Coimbra Contexto arqueológico Sepultura nº18 com falcata associada</p> <p><b>Cronologia</b> - Séculos IV- III a.C.</p> <p><b>Bibliografia</b> - Schule (1969, est. 90, 3).</p>	 <p style="text-align: right;"><b>Escala 1:4</b></p>
---	--

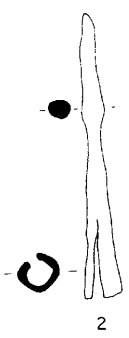
<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Alcácer do Sal, Escavação de Cavaleiro Paixão, 1980. Sepultura 22/80</p> <p><b>Folha</b> Formato oblongo, muito fragmentada, estreita com nervo central. Tipo VA (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.357).</p> <p><b>Secção</b> Subcircular. Tipo 1 (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.357).</p> <p><b>Encabamento</b> Circular preenchido</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 486 Largura máxima - 30</p> <p><b>Proporção</b> –Índice &gt; 10 (Tipo A)</p> <p><b>Depósito</b> Museu Nacional de Arqueologia</p> <p><b>Cronologia</b> Séculos VI – III a.C.</p> <p><b>Bibliografia</b> Paixão (1983, fig. 4, p. 284)</p>	 <p style="text-align: right;"><b>Escala 1:4</b></p>
--	---

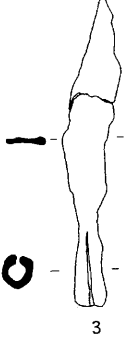
<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Alcácer do Sal, Escavação de Cavaleiro Paixão, 1980. Sepultura 22/80</p> <p><b>Folha</b> Formato oblongo, muito estreita com secção central saliente. Tipo VA (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.357).</p> <p><b>Secção</b> Subcircular. Tipo 1 (Seg. Quesada Sanz, 1997, p. 357).</p> <p><b>Encabamento</b> Em alvado.</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 510 Largura máxima - 32</p> <p><b>Proporção</b> –Índice &gt; 10 (Tipo A)</p> <p><b>Cronologia</b> Séculos VI – III a.C.</p> <p><b>Depósito</b> Museu Nacional de Arqueologia</p> <p><b>Bibliografia</b> Paixão (1983, fig. 4, p. 284)</p>	 <p>Escala 1:4</p>
---	---


<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Alcácer do Sal, Escavação de Cavaleiro Paixão, 1970. Sepultura F11</p> <p><b>Folha</b> Forma foliácea, secção central saliente. Tipo VA (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.357).</p> <p><b>Secção</b> Subrectangular. Tipo 1 (Seg. Quesada Sanz, 1997, p. 357).</p> <p><b>Encabamento</b> Em alvado.</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 300 Largura máxima - 60</p> <p><b>Proporção</b> –Índice entre 5 e 10 (Tipo B)</p> <p><b>Cronologia</b> Séculos V – III a.C.</p> <p><b>Depósito</b> Museu Nacional de Arqueologia</p> <p><b>Bibliografia</b> Paixão (1970, est. 2, fig. 1).</p>	 <p>Escala 1:4</p>
---	---


<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Alcácer do Sal</p> <p><b>Folha</b> Muito estreita com secção central saliente.</p> <p>Secção central saliente. Tipo VA (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.357).</p> <p><b>Secção</b> Subrectangular. Tipo 1 (Seg. Quesada Sanz, 1997, p. 357).</p> <p><b>Encabamento</b> Em alvado.</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 480 Largura máxima - 33</p> <p><b>Proporção</b> –Índice &gt; 10 (Tipo A)</p> <p><b>Depósito</b> ---</p> <p><b>Cronologia</b> Séculos VI – III a.C.</p> <p><b>Bibliografia</b> Paixão (1970, est. 2, fig 2).</p>	 <p><b>Escala 1:4</b></p>
---	--

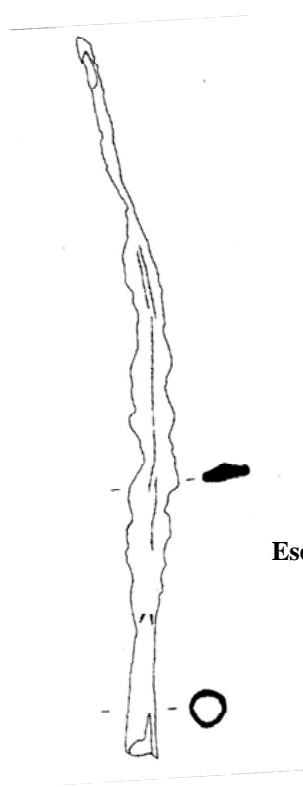
<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Cabeço de Vaiamonte, Monforte</p> <p><b>Folha</b> Simétrica, muito corrida.</p> <p><b>Secção</b> Indeterminada</p> <p><b>Encabamento</b> Indeterminado</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 110 Largura máxima - 15</p> <p><b>Proporção</b> –Índice entre 5 e 10 (Tipo B)</p> <p><b>Depósito</b> Museu Nacional de Arqueologia</p> <p><b>Cronologia</b> - Séculos V- III a.C.</p> <p><b>Bibliografia</b> - Fabião (1998, est. 72, 1).</p>	 <p><b>Escala 1:4</b></p>
---	---

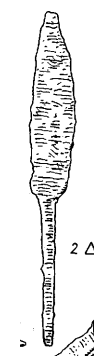
<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Cabeço de Vaiamonte, Monforte</p> <p><b>Folha</b> Indeterminada, muito corrida.</p> <p><b>Secção</b> Indeterminada</p> <p><b>Encabamento</b> Em alvado.</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 150 Largura máxima - 16</p> <p><b>Proporção</b> –Índice entre 5 e 10 (Tipo B)</p> <p><b>Cronologia</b> - Séculos V- III a.C.</p> <p><b>Depósito</b> ---</p> <p><b>Bibliografia</b> Fabião (1998, est. 72, 2).</p>	 <p>2</p> <p>Escala 1:4</p>
--	---

<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Cabeço de Vaiamonte, Monforte</p> <p><b>Folha</b> Indeterminada, muito corrida.</p> <p><b>Secção</b> Indeterminada</p> <p><b>Encabamento</b> Em alvado.</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 165 Largura máxima - 24</p> <p>Proporção –Índice entre 5 e 10 (Tipo B)</p> <p><b>Cronologia</b> - Séculos V- III a.C.</p> <p><b>Depósito</b> ---</p> <p><b>Bibliografia</b> Fabião (1998, est. 72, 3).</p>	 <p>3</p> <p>Escala 1:4</p>
---	---


<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Cabeço de Vaiamonte, Monforte</p> <p><b>Folha</b> Indeterminada, muito corrida.</p> <p><b>Secção</b> Indeterminada</p> <p><b>Encabamento</b> Indeterminado</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 165 Largura máxima - 24</p> <p><b>Proporção</b> –Índice entre 5 e 10 (Tipo B)</p> <p>Cronologia - Séculos V- III a.C.</p> <p><b>Depósito</b> ---</p> <p><b>Bibliografia</b> Fabião (1998, est. 72, 4).</p>	 <p>Escala 1:4</p>
--	--


<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Mesas do Castelinho</p> <p><b>Folha</b> Secção central. Tipo VIB (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.357).</p> <p><b>Secção</b> Indeterminada. Tipo 4 (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.358).</p> <p><b>Encabamento</b> Em alvado</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 140 Largura máxima - 24</p> <p><b>Proporção</b> –Índice entre 5 e 10 (Tipo B)</p> <p>Cronologia - Séculos V- III a.C.</p> <p><b>Depósito</b> ---</p> <p><b>Bibliografia</b> Fabião (1998, est. 74, 2).</p>	 <p>Escala 1:4</p>
---	--

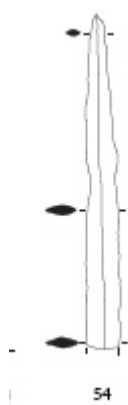
<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Monte da Cardeira, Alandroal</p> <p><b>Folha</b> Secção central. Tipo VA (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.357).</p> <p><b>Secção</b> Indeterminada. Tipo 4 (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.358).</p> <p><b>Encabamento</b> Em alvado</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 345 Largura máxima - 24</p> <p><b>Proporção</b> –Índice &gt; 10 (Tipo A)</p> <p><b>Cronologia</b> - Séculos V- III a.C.</p> <p><b>Depósito</b> ---</p> <p><b>Bibliografia</b> Fabião (1998, est. 34, 2).</p>	 <p>Escola 1:4</p>
---	---


<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Herdade das Casas (Elvas)</p> <p><b>Folha</b> Tipo VB (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.357).</p> <p><b>Secção</b> Indeterminada. Muito corroída.</p> <p><b>Encabamento</b> Em alvado</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 180 Largura máxima - 20</p> <p><b>Proporção</b> –Índice entre 5 e 10 (Tipo B)</p> <p><b>Cronologia</b> - Séculos IV- III a.C.</p> <p><b>Depósito</b> ---</p> <p><b>Bibliografia</b> Schule (1969, est. 111, 2).</p>	 <p>Escola 1:4</p>
--	---




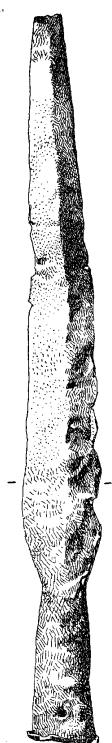
<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Herdade das Casas (Elvas)</p> <p><b>Folha</b> Tipo VB (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.357).</p> <p><b>Secção</b> Indeterminada. Muito corroída.</p> <p><b>Encabamento</b> Em alvado</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 160 Largura máxima - 20</p> <p><b>Proporção</b> –Índice entre 5 e10 (Tipo B) Cronologia - Séculos IV- III a.C.</p> <p><b>Depósito</b> ---</p> <p><b>Bibliografia</b> Schule (1969, est. 111, 3).</p>	 <p><b>Escala 1:4</b></p>
---	--


<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Castro Marim</p> <p><b>Folha</b> Possui um ligeiro alargamento na zona intermédia inferior. Tipo VIIA (Seg. Quesada Sanz, 1997, p. 358).</p> <p><b>Secção</b> Sem nenhum tipo de nervo ou aresta central visível</p> <p><b>Encabamento</b> Ausente</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 58 Largura máxima - 23</p> <p><b>Cronologia</b> Séculos V – III a.C.</p> <p><b>Depósito</b> ---</p> <p><b>Bibliografia</b> Pereira (2008, est. VI, 53).</p>	 <p><b>Escala 1:4</b></p>
---	--


<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Castro Marim</p> <p><b>Folha</b> Quatro faces, aresta central muito viva. Tipo Indeterminado, face a ausência de zona de alargamento junto ao encamento.</p> <p><b>Secção</b> Em losango. Tipo 4 (Seg. Quesada Sanz, 1997, p. 357).</p> <p><b>Encabamento</b> Ausente</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 151 Largura máxima - 15</p> <p><b>Depósito</b> ---</p> <p><b>Cronologia</b> Séculos V – III a.C.</p> <p><b>Bibliografia</b> Pereira (2008, est. VI, 54).</p>	 <p><b>Escala 1:4</b></p>
---	--

<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Castro Marim</p> <p><b>Folha</b> Muito fragmentada nas aletas laterais.</p> <p><b>Secção</b> Subcircular Tipo 1 (Seg. Quesada Sanz, 1997, p. 357).</p> <p><b>Encabamento</b> Em alvado</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 144 Largura máxima - 32</p> <p><b>Depósito</b> ---</p> <p><b>Cronologia</b> Séculos V – III a.C.</p> <p><b>Bibliografia</b> Pereira (2008, est. VI, 56).</p>	 <p><b>Escala 1:4</b></p>
--	---

<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Castro Marim</p> <p><b>Folha</b> Aresta central muito viva, folha estreita. Tipo VIIA (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.358).</p> <p><b>Secção</b> Em losango. Tipo 4 (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.357).</p> <p><b>Encabamento</b> Em alvado</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 398 Largura máxima – 18 Proporção – Índice &gt; 10 (Tipo A)</p> <p><b>Depósito</b> Museu Nacional de Arqueologia</p> <p><b>Cronologia</b> Séculos V – III a.C.</p> <p><b>Bibliografia</b> Pereira (2008, est. VI, 55).</p>	 <p>Escala 1:4</p>
---	--

<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Castro São Miguel de Amêndoa</p> <p><b>Folha</b> Aresta central muito viva, folha estreita. Tipo VIIA (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.358).</p> <p><b>Secção</b> Em losango. Tipo 4 (Seg. Quesada Sanz, 1997, p.357).</p> <p><b>Encabamento</b>- Em Alvado, com orifício.</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 360 Largura máxima - 40 Proporção – Índice entre 5 e 10 (Tipo B)</p> <p><b>Depósito</b> ---</p> <p><b>Cronologia</b> - Séculos V – III a.C.</p> <p><b>Bibliografia</b> Desenho de A. M. Duarte de Almeida, em <i>Monumentos Históricos de Mação</i>, Pereira (1970, fig. 109, p. 249)</p>	 <p>Escala 1:4</p>
--	---

<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Castro Marim</p> <p><b>Folha</b> Muito fragmentada, estreita com nervo central. Secção Subcircular. Tipo 1 (Seg. Quesada Sanz, 1997, p. 357).</p> <p><b>Encabamento</b> Circular preenchido</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 144 Largura máxima - 32</p> <p><b>Depósito</b> ---</p> <p><b>Cronologia</b> - Séculos V – III a.C.</p> <p><b>Bibliografia</b> Pereira (2008, est. VI, 57).</p>	 <p><b>Escala 1:4</b></p> <p>57</p>
---	---

<p><b>Tipo de Arma</b> Ponta de lança</p> <p><b>Procedência</b> Necrópole da Abóbada</p> <p><b>Folha</b> Forma oblonga, com secção central saliente. Tipo VIB (Seg. Quesada Sanz, 1997, p. 358). Secção Subrectangular . Tipo 1 (Seg. Quesada Sanz, 1997, p. 357).</p> <p><b>Encabamento</b> Em alvado</p> <p><b>Dimensões (em mm)</b> Comprimento máximo – 374 Largura máxima – 40 Proporção – Índice entre 5 e 10 (Tipo B)</p> <p><b>Depósito</b> Museu da Escrita do Sudoeste (Almodôvar)</p> <p><b>Cronologia</b> - Séculos VI – IV a.C.</p> <p><b>Bibliografia</b> Inédito, fotografia gentilmente cedida por Samuel Melro</p>	
---	---

## **Capítulo 5 – Armas e sociedade na II Idade do Ferro do Ocidente Peninsular**

### **5.1 - Armas e guerra**

A guerra pode considerar-se como a confronto entre duas ou mais comunidades, grandes ou pequenas, em que uma delas ou ambas pretendem atingir determinado objectivo. O conceito de guerra foi estando mais ou menos presente em diferentes períodos históricos; momentos houve em que a guerra era constante e a paz um mero interregno (Harmand, 1981, p. 23).

Em muitas sociedades proto-históricas a guerra representava fenómeno de grande importância social, provocando profundas implicações culturais e afectando também a própria evolução das armas (Almagro-Gorbea e Lorrio, 2004, p. 74).

A II Idade do Ferro foi marcada por constantes convulsões de carácter sócio-político, que resultariam em sucessivos conflitos bélicos. Algumas evidências arqueológicas demonstram o abandono de povoados no Sul de Portugal, assim como as fontes antigas referem a migração de povos da Meseta e Extremadura para regiões mais a sul. Também os topónimos com sufixo *briga* sugerem influência vinda de raiz cultural continental e a presença de alterações linguísticas e étnicas (Silva e Gomes, 1992, p. 167).

O Sudeste da Península Ibérica também foi palco de conflitos com consequências para toda a Península, opondo Cartagineses a Romanos e resultando em três guerras púnicas. A última destas (149 a.C. – 146 a.C.) haveria de consagrar a vitória esmagadora dos Romanos e conduziu à destruição de Cartago, permitindo, assim, o domínio do Mediterrâneo àqueles segundos e, por consequência, maior capacidade bélica para prosseguirem a guerra contra Lusitanos e Celtiberos.

Os povos indígenas da Península Ibérica possuíam armas e combatiam de forma muito própria, sendo a agilidade uma das capacidades mais referenciadas pelas fontes antigas. Escondiam-se nas florestas, entre os penhascos, preparavam emboscadas, fazendo uma espécie de guerrilha e não guerra organizada. As armas que possuíam correspondiam a esse tipo de combate, não existindo um padrão organizado nos modelos utilizados, comparativamente com os exércitos romanos que usavam forma de combate mais compacta, obrigando a disciplina muito rigorosa na utilização de armamento padronizado, quer tanto defensivo como ofensivo.

As fontes literárias descrevem a utilização de algum armamento por parte de Lusitanos e Celtiberos, podendo estes utilizarem lanças, espadas, punhais, capacetes, assim como escudos, predominando entre os Lusitanos escudos redondos de pequenas dimensões (*caetra*) e lanças de bronze.

Os exércitos romanos, bem organizados mas mais lentos, deslocavam-se sobretudo a pé, demonstrando muitas vezes grande desconhecimento total das regiões por onde passavam e combatiam. Políbio (35, 3, 6) refere o terror que alguns recrutas romanos tinham em combater na Hispânia, dada crueldade e capacidade bélica dos Celtiberos.

A rotina da guerra e o seu desfecho trágico, era para alguns povos da Península Ibérica algo que lhes era incutido na sua cultura. A presença de mercenários Celtiberos e Lusitanos nos exércitos púnicos e romanos demonstra isso mesmo, quando Tito Lívio refere que os primeiros mercenários ao serviço de Roma foram os Celtiberos. As descrições da morte no campo de batalha ou de suicídio perante a ocupação romana, evidenciam o sentimento que essas populações tinham para com a guerra. Na região Norte de Portugal, a identificação de trinta exemplares de estatuária de guerreiros castrejos, talvez representando figuras tutelares, evidência a importância social e religiosa da guerra. É provável que aqueles reflectissem um sugestivo culto a destacados chefes guerreiros, heroicizados, armados com armas ofensivas e defensivas, onde o escudo redondo se encontra em posição de destaque e em concordância com a importância que lhe é conferida nas fontes escritas. É ainda possível observar a presença de torques no pescoço, braceletes nos braços (*viriae*) e decorações no vestuário com formas geométricas, SSS encadeados, ziguezagues e quadriláteros, iconografia que podemos relacionar com as decorações das espadas de antenas de La Osera, por exemplo (Silva, 1986, pp. 92,93).

Recentemente alguns autores (Lock, 2011, p. 355) têm defendido uma Idade do Ferro, não forçosamente ligada em exclusividade à guerra, sendo a violência e conflito armado parte significativa da suas vidas, mas não a dominante. Parece-nos importante realçar, que a Idade do Ferro não tem que corresponder a uma matriz comportamental estanque, e que muitas vezes temos apenas visão centrada em determinados parâmetros de uma sociedade, desvalorizando outros. No entanto, são vários os factores, que demonstram uma sociedade muito ligada às armas e à necessidade de defesa ou ataque, em função das necessidades.

## 5.2 - Armas e ritos entre os vivos

O estudo das sociedades proto-históricas tem vindo a demonstrar comunidades fortemente ligadas à espiritualidade, onde a ritualização religiosa era parte integrante da sua própria existência, permitindo equilíbrio entre o mundo terreno e o sobrenatural, assim como a ligação entre homens, heróis, espíritos, génios ou deuses.

Importa compreender que desde o fabrico de uma arma, existiria grande carga simbólica a ela ligada, pois requeria processo exigente e obedecia metodologia correcta, resultante da fusão entre cinco elementos essenciais: terra, ar, fogo, água e homem.

Da terra provém a matéria-prima, do oxigénio alimenta-se o fogo, que com temperaturas necessariamente altas a transforma num produto novo, o metal. Da água fria o choque térmico que cria dureza e resistência necessária à arma. Mas tudo só será possível através das mãos engenhosas do indivíduo criador da arma, consagrando-lhe, ainda, formas e decorações com simbologia própria, associando-a a determinada entidade sagrada, lugar, indivíduo ou comunidade. Após este processo, carregado de simbolismo, as armas tornar-se-iam em objectos capazes de ditar a vida e a morte no campo de batalha.

Nas fontes clássicas existem importantes testemunhos sobre a interpretação simbólica dada pelos povos indígenas às suas armas.

Sobre os Gauleses, Júlio César (*De Bello Gallico*, VI, 17) descreve o costume de imolar os despojos de guerra num só sítio, em honra a divindade da guerra. Essas armas constituíam troféus dedicados aos deuses, sendo consideradas sagradas, pelo que o seu roubo seria severamente punido. Ritual idêntico era mantido também pelos Romanos, que inicialmente consagravam os melhores despojos de guerra a Júpiter. Todavia, no Período Republicano colocavam-nos em locais públicos, como templos e portas de acesso à cidade, demonstrando assim o seu poder através dos troféus de guerra (*spolia optima*). Já diferentes povos, como os germânicos, consagravam os seus despojos de guerra, às divindades que consideravam existir em meios aquáticos, fontes, lagos e rios, encarados como locais de culto (Martínez, 2004, p. 24).



Heródoto (*Hist.* VII, 54) faz referência a episódio, onde o rei Xerxes oferece ao mar espada (*akinakes*), talvez como agradecimento, homenagem ou forma de apaziguamento das divindades ali existentes.

As lendas medievais do rei Artur e da Excalibur, associam a espada à Dama do Lago e a importância da mesma na predestinação de Artur enquanto rei justo. O mesmo acontecera com os testemunhos do Período Romano tardio sobre Atila, rei dos Hunos, onde se testemunha a crença do mesmo possuir a espada de Marte, deus romano da guerra.

Em termos arqueológicos, a presença de armas em rios, lagos e nas suas margens, tem sido identificada em grande número um pouco por toda a Europa desde a Idade do Bronze Final até à Idade Média (Martinez, 2004, p. 22). Aspecto afim mostram gravuras de armas junto das margens do rio Tejo, que ciclicamente eram cobertas pelas suas águas, representando oferendas às entidades ou divindades que ali residiam (Gomes, 2011, p. 194), ritual idêntico parece testemunhar a espada de bronze procedente de Cacilhas, encontrada nas águas mas junto à margem do rio Tejo. Conhecem-se também, no actual território português, deposições ou oferendas de armas, sob penedos ou nas suas anfractuosidades (Vilaça, 2007, pp. 42-44).

As armas podiam ainda, por si só, representar entidade divina, como a espada (*akinakes*) que surge como objecto de culto. Segundo Heródoto (IV, 62) os Cíctas colocariam sobre altar essa arma representando assim a divindade da guerra e em seu redor eram sacrificados animais e um em cada cem prisioneiros de guerra.

Para Celtiberos e Lusitanos, as fontes clássicas são claras, referindo as armas como elemento tão ou mais importante que a própria vida, constituindo símbolos de resistência e identidade, “*Querem mais a armas que a sua própria vida*” escreveu Justino (44, 2, 5), e Tito Lívio (34, 17); “*Convencidos de que sem as suas armas nada vale as suas vidas*”. A perda das armas podia também ser considerada um infortúnio tão grande como a perda de uma das mãos, segundo Floro (I, 34).

Pelas razões já enunciadas a arma teria um papel carregado de simbolismo e poder, pelo menos desde a Idade do Bronze, aspecto que pode resultar de transição geracional, que na Idade do Ferro no Ocidente Peninsular, se altera, pois as armas eram em geral sacrificadas para não serem profanadas, junto dos restos mortais do indivíduo que as possuía.

Importante aspecto relacionado com a simbologia das armas prende-se com as decorações que muitas delas ostentam.

Conforme anteriormente descrevemos, é possível observar a representação de duas figuras zoomórficas, o cavalo e uma ave (cisne), em cabos de falcatas.

O cavalo representa no seio das comunidades proto-históricas, símbolo de poder, associado à caça, agricultura, comércio e guerra, sendo considerado crucial para determinar o sucesso de determinada acção.

A importância dada ao cavalo na Antiguidade, no campo mágico-religioso, é hoje atestada por alguns achados arqueológicos que têm demonstrado, ritos complexos e sacrifícios, como os recentemente achados (2006) em Mormont, Lausane, Suíça, com cronologia para o final da II Idade do Ferro.

Ali foram identificados vinte e nove cavalos, tendo dezasseis indícios de sacrifício, depois depositados em fossas abertas onde se colocaram, na vertical, com o crânio virado para o solo.

No mesmo ano, foi encontrado em Umm-el-Marra, Síria, uma necrópole com cronologias para o III milénio a.C., onde foram recolhidos os esqueletos de quatro cavalos decapitados, tendo sido observado que os crânios se encontravam depositados em fossas próprias, devidamente identificadas (Quesada Sanz, 2008, p. 148). Sendo este, um dos testemunhos arqueológicos mais antigos desta prática, demonstra a presença ritual em contextos espaço temporais diferentes, e que estão também identificados por várias fontes literárias antigas.

Para a Península Ibérica, Cancho Roano (Badajoz), apresenta pelo menos dezassete cavalos, alguns deles sacrificados e depositados em fosso, juntamente com outros animais. Algumas cabeças estão separadas do resto do esqueleto e depositadas em local próprio, evidenciando a decapitação (Quesada Sanz, 2008, p. 149). Outro achado semelhante ocorreu na cidade de Gadir (Cádiz) onde num contexto cultural fenício, foi encontrado sacrifício de cavalo, depositado num círculo de pedras incompleto, em conexão anatómica e com posição forçada (Quesada Sanz, 2008, p. 148).

Segundo fontes literárias antigas, podemos reter importantes dados, para o tema abordado. No contexto peninsular, Estrabão descreve, entre os Lusitanos, o sacrifício de cavalos, como oferenda a divindades da guerra. Heródoto relata o sacrifício de cavalos entre alguns povos: Massagetas que sacrificavam cavalos a uma entidade solar que adoravam, ou os Cítas, que utilizavam vários animais em sacrifícios, sendo o cavalo um dos animais mais representado, utilizado igualmente como oferenda a divindade da guerra.

A associação do cavalo com o sol, também pode ser observada na famosa escultura de Trundholm, Dinamarca, com cronologia da Idade do Bronze. Esta escultura representa cavalo a puxar carro que carrega grande disco em ouro, constituindo clara alusão ao astro-rei.



Figura 41 - Escultura de Trundholm, Dinamarca (Seg. [www.museumsbutikken.dk](http://www.museumsbutikken.dk))

De igual modo no mundo romano republicano existem testemunhos de rituais que implicam o sacrifício de cavalos e em alguns casos a sua decapitação, existindo mesmo uma celebração “*October equus*”, realizada a 15 de Outubro, em que pelo menos um cavalo era decapitado, estando este sacrifício associado com o ciclo anual da guerra e com a divindade Marte (Quesada Sanz, 2008, p. 147).

Os testemunhos coligidos sobre a importância sacrificial do cavalo, permitem várias atribuições no campo simbólico e a possível interpretação daquele como animal psicopompo, ligado à transição da vida para a morte. Sendo um animal tão importante em vida, também o era após a morte, possuindo para as comunidades que o sacrificavam, relação com o divino e com o mundo da morte, muito particular e próxima.

Outro importante testemunho desta ligação entre o homem o cavalo e a morte, são alguns objectos encontrados em contexto de necrópole, associados a cavalos e que podem evidenciar carácter ideológico e símbolo de estatuto social (Stary, 1994, p. 150).

Entre aqueles objectos destacam-se os arreios, alguns dos quais encontrados em contexto de necrópole. Sobre estes artefactos existe artigo de Quesada Sanz (1998) "*Aristócratas a caballo y la existencia de una verdadera caballería en la cultura ibérica: dos ámbitos conceptuales diferentes*" onde conclui que, na Meseta, a proporção de sepulturas que contêm arreios de cavalo é tripla da conhecida na área ibérica, (ver figura 42); interpretando que, para os contextos ibéricos, o cavalo estava restringido a percentagem reduzida de guerreiros aristocratas (Quesada Sanz, 1998, p. 177).

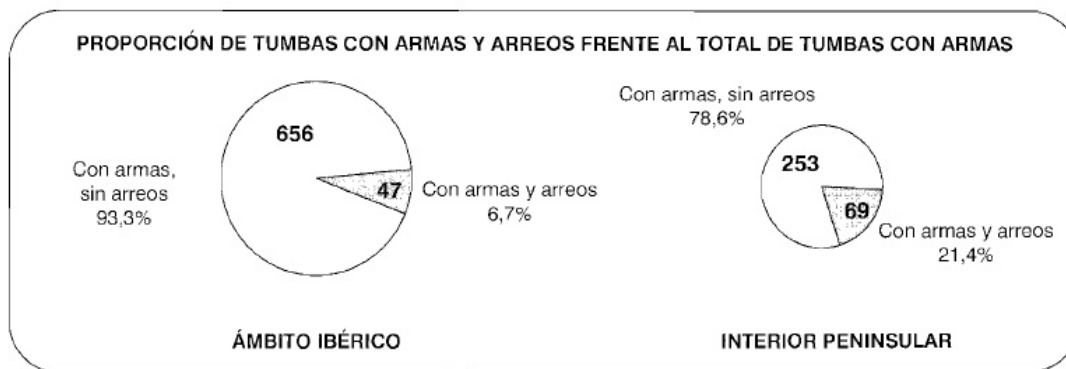


Fig 42 - Arreios de cavalo no mundo ibérico e na Meseta. Percentagem sobre o total de sepulturas com armas (Seg. Quesada Sanz, 1998, p. 175)

O estatuto que os cavalos conferiam não é identificado apenas pela presença de arreios em necrópoles, pois a sua importância a nível utilitário, militar e religioso, atribuía significativo papel e a quem os possuía, constituindo estatuto impar entre os animais domesticados e que permaneceu inalterado durante vários séculos, resultando em profundo elo entre o homem e o animal.

O outro animal representado nas falcatas é o cisne. Uma vez mais o simbólico pode ser evidenciado por testemunhos antigos, principalmente para o mundo mediterrâneo, onde cisnes surgem representados nos escudos de Hércules e Aquiles, testemunhando o elo entre o animal e uma arma.

Na Mitologia os cisnes surgem referenciados como os animais que conduzem Apolo ao país dos Hiperbóreos, lugar repleto de luz e serenidade. Existiu também na Antiguidade outra lenda ligando o cisne à morte e que perdurou até aos nossos dias, reinterpretado sob a forma de música, poesia ou teatro, o denominado “*canto do cisne*” onde perante a fatalidade da morte o cisne começaria a cantar uma bela melodia, imortalizando assim aquele. Este mito era tão popular que mesmo na Antiguidade alguns historiadores procuraram desmistificá-lo, demonstrando que o canto do cisne não passava de lenda.

A importância do cisne surge novamente evidenciada pelo mito dos cisnes de Juno, que avisaram os Romanos da presença de invasores, atribuindo-lhes, assim, mais um papel importante no campo mitológico ou simbólico, representando protecção e predisposição para avisar do perigo, sendo também possível fazer um paralelismo como mensageiros de infortúnio.

Também na cultura nórdica e na epopeia Finlandesa *Kalevala*, surge um mito associando cisnes à morte, onde aquelas aves coabitam no rio “*Tuoni*”, situado no mundo dos mortos “*Tuonela*”.

Para além de todos estes mitos, alguns contextos arqueológicos têm associado representações zoomórficas deste animal, a rituais fúnebres e guerreiros.

Em Chipre, foi identificado vaso (*kalathos*) do túmulo 9 de Palaipaphos (Museu do Chipre), datado de cerca de 1100 a.C., que tem no seu interior representado guerreiro, com capacete de crista, tocando lira, cisnes e suásticas, evidenciando vocabulário iconográfico marcadamente funerário (Gomes, 1990, p. 27).

De igual modo, da necrópole do Cerro do Ouro (Ourique), provém tampa de vaso, representando cisne, denunciando influências do mundo egeu e próximo-oriental (Gomes, 1990, p. 3).

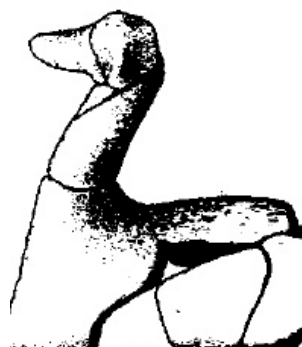


Figura 43 – Tapa orni-morfa do Cerro da Ouro (Ourique) (Seg. Gomes, 1992, p.258)

Importa identificar estes fenómenos simbólicos-religiosos, para tentar interpretar a sua presença em armas. Os papéis que desempenhavam os cavalos e os cisnes devem justificar a sua presença nos cabos de falcatas.

A natureza simbólica, mas também estética, que a presença daqueles animais demonstra, denunciam conotação que ultrapassaria a mera utilidade das armas, uma vez mais remetendo-as para o plano espiritual.

### **5.3 – Armas e ritualização fúnebre**

As armas acompanhavam o indivíduo sepultado, constituindo bens deliberadamente destruídos, tendo em vista o fim simbólico da sua utilização.

As armas, carregadas de simbolismo social e mágico-religioso, eram pertença de homem ou mulher, pelo que representariam, de certo modo, a sua existência e feitos enquanto guerreiro ou herói. Para que arma não continuasse nas mãos de outros, era então enterrada e em alguns casos, dobrada em duas e três partes, não permitindo de modo radical a sua utilização.

Nas fontes literárias da Antiguidade tardia e medieval, surge a alusão da destruição da espada sagrada com o fim do herói, primeiro em Atila, que detinha a espada do deus da guerra e a viu quebrar-se, evidenciando o seu próprio destino, ou a excalibur de Artur, que ficou inutilizada no final da lenda, associando o fim do herói ao fim da arma.

A deposição de armas em sepulturas da Idade do Ferro, tem sido identificada através de achados arqueológicos, principalmente no Sul de Portugal.

O ritual funerário na II Idade do Ferro no extremo do Ocidente Peninsular foi maioritariamente o da incineração. Os restos ósseos eram depositados em urnas de cerâmica, juntamente com armas e adereços de carácter pessoal. As urnas podiam ser soterradas isoladamente, ou em grupos por vezes sobrepostas, tapadas com uma tigela, taça ou simples placa de xisto. Eram depois colocadas em fossas abertas no solo ou no substrato rochoso, sendo seladas por pequenos *tumuli* de pedra, ou monumentos de planta rectangular (Silva e Gomes, 1992, pp. 175,176). Para a Região Norte, o número de sepulturas é muito mais reduzido, conhecendo-se apenas pequenas fossas dentro das casas, ou pequenas cistas de planta rectangular, contendo vasos de cerâmica e algumas jóias (Silva e Gomes, 1992, p. 96).

Os funerais descritos nas fontes históricas, vão ao encontro dos testemunhos arqueológicos, Apiano referindo-se ao funeral de Viriato diz: *“Ataviaram o corpo de Viriato com todo o esplendor e queimaram-no numa pira muito alta, sobre a qual imolaram muitas vítimas em sua honra.”*

Também o testemunho de Júlio César, sobre os funerais gauleses apresenta semelhanças com os ritos fúnebres praticados no Ocidente Peninsular (*De Bello Gallico*, VI, 19): *“Os funerais são magníficos e sumptuosos. Tudo o que se julga que o defunto acarinhou durante a vida é levado para a pira, até os animais. Ainda há pouco tempo quando a cerimónia fúnebre era completa, queimavam com ele os escravos e os clientes que eram queridos”*.

## Capítulo 6 - Conclusões

Após inventariação e análise técnica e contextual, de peças de armamento da II Idade do Ferro no Ocidente Peninsular, foi possível verificar, algumas particularidades de carácter tipológico, bem como, as suas diversas vertentes, quer de aspectos utilitários como simbólicos.

A singularidade dos capacetes de Castelo do Neiva e de Lanhoso, como dos fragmentos de Briteiros e os espigões de Resende e Sanfins, representam para a Região

Leandro Saudan Tristão



Norte, identidade própria, dentro do tipo de capacete Montefortino, claramente associados aos elementos decorativos presentes em diferentes contextos da Cultura Castreja (cerâmica, ourivesaria e estruturas arquitectónicas), demonstrando especificidades regionais que provinham já de períodos anteriores.

A utilização simbólica daquelas armas, pode ser ainda detectada pela utilização de penachos. No Período Romano, alguns generais utilizaram capacetes de parada militar, que no topo mostravam crinas de cavalo, como sinal de ostentação e supremacia militar, que pode ter tido como antecedentes, prática comum às elites guerreiras das comunidades indígenas da Idade do Ferro.

Mais a Sul, os capacetes encontrados, possuem elementos morfológicos que sugerem correspondência com o exército romano republicano.

Ainda no contexto das armas defensivas, é possível observar nas esculturas de guerreiros, escudos circulares, constituindo, conforme as descrições das fontes clássicas, um dos elementos que compunha o armamento de Lusitanos e Galaicos.

Existe apenas um umbo de escudo oval, encontrado no actual território português. Dada ausência de mais elementos, a sua associação pode ser feita, a modelo La Tène, ou a modelos do Período Romano Republicano

Constituíam os escudos um dos factores chave no desenrolar de conflitos armados. A sua utilização padronizada, permitiu o avanço progressivo de grandes grupos de soldados no campo de batalha, como algumas formações romanas o demonstram (formação em cunha, protecção em círculo e tartaruga). A grande eficácia que o escudo conferia tornou-a numa arma significativamente importante para aqueles exércitos.

Para as comunidades indígenas, que valorizavam a mobilidade a utilização de escudos não obrigava a padrão restrito, sendo referido, pelas fontes clássicas, que alguns guerreiros se faziam apresentar, protegidos por escudos redondos ou ovais.

No que respeita às armas ofensivas, as espadas representam elemento muito diverso nas comunidades da II Idade do Ferro. Existem três grandes tipos; de antenas, de tipo La Tène e as falcatas. As espadas de antenas, tiveram no Centro da Europa as suas produções mais recuadas, chegando a sua influência à Península Ibérica, em diferentes contextos e cronologias. Para a realidade do Noroeste Peninsular, existem vários punhais de antenas que atestam princípios construtivos, com difusão atlântica,

herdada da Idade do Bronze Final e que perdurou até à Idade do Ferro. Nas regiões da Meseta e do Sudoeste Peninsular, a difusão parece ser mais tardia e os sentidos daquela parecem ainda não muito claros. Mais evidente é a assimilação dada pelas comunidades locais às influências continentais, trazidas por comerciantes ou por mercenários, e desenvolvidas pelas elites locais, representado a posse de tais armas um sinal de estatuto elevado no seio da comunidade.

As falcatas, correspondem a outro tipo de arma, com representação bastante significativa no Sudoeste da Península Ibérica. De origem orientalizante, teve no Sul da Península Ibérica os seus modelos mais recuados. Para o Ocidente Peninsular, a presença expressiva de falcatas, tem demonstrando a vasta área de influência ibérica. A necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal, representa o maior número de achados deste tipo de arma. O caso singular da falcata de Montalegre, demonstra que a influência ibérica, ainda que muito reduzida, podia chegar a contextos geográficos muito a norte, onde predominavam influências culturais distintas.

Ainda que exista um perfil de preferência, de umas armas em detrimento de outras, marcado nas elites locais, pelo gosto pessoal, e nos mercenários ou senhores da guerra pelo pragmatismo da eficácia, bem como da matriz cultural de onde provinham, não nos parece que a panóplia dos guerreiros constituísse matriz rígida e padronizada, como acontecia, por exemplo, nos exércitos republicanos. Definir a exclusividade de um ambiente cultural continental ou ibérico nas armas parece-nos, para o Ocidente Peninsular, muito difícil.

A vida num povoado ou numa cidade, durante a II Idade do Ferro, terá tido diferentes influências em conformidade com diversos períodos de tempo e com presença mais ou menos significativa de elementos externos, quer fossem pacíficos ou violentos.

Alcácer do Sal, representa bem a complexidade cultural presente no Ocidente Peninsular. Cavaleiro Paixão (1970) na sua monografia sobre a necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, descreveu: “(...) *em suma na necrópole do Senhor dos Mártires, confluem dados, que demonstram a presença activa, no extremo ocidental da península, de influência directa ou indirecta, Fenícia, Grega e Céltica (...)*”.

Existe ainda outro modelo de espada, presente no território nacional, a designada espada de tipo La Tène. De dimensões maiores que qualquer uma das armas anteriormente referidas, esta constitui o modelo mais representativo de ambiente cultural céltico ou continental.

Segundo Quesada Sanz (1997), aquelas armas correspondem, na Península Ibérica, quase sempre a modelos de matriz própria, diferentes dos originais da zona centro-europeia, mas de características muito semelhantes. Para distinguir uma produção local, de uma importação é necessário um conjunto de elementos, como as bainhas ou tipo de suspensão utilizada, pelo que tal não foi possível em nenhuma das encontradas em Portugal.

A associação com outros objectos, também de matriz continental permite reforçar a ideia da presença de dois sítios arqueológicos, com fortes traços de matriz celtibérica em Portugal.

Outro tipo de arma, e a mais frequente em contexto de necrópole na Península Ibérica, é a lança. Esta arma podia ser de arremesso ou de confronto directo, possuindo grande amplitude cronológica, tendo a técnica da sua construção em bronze, sido mantida e adaptada ao ferro.

As primeiras lanças de ferro, podem ser observadas, nas necrópoles da I Idade do Ferro, no Sul de Portugal. Todavia, as pontas de lança encontradas isoladas, não permitem estabelecer, com rigor, cronologias precisas, pois diferentes tipologias foram sendo utilizadas, em diferentes períodos cronológicos.

As armas na II Idade do Ferro do Ocidente Peninsular, ajudam a traçar alguns perfis das comunidades que as usavam, fortemente ligadas ao simbólico e religioso, mas que viam também na eficácia daquelas um elemento decisivo para a sua posse.

Constituindo um elo entre o sagrado, o estético e o eficaz, a posse de objecto com tais características, obrigava à inutilização do mesmo após a morte do indivíduo que o possuía. Este fim dado às armas, parece identificar uma elite guerreira, com ideologia heróica, atestada por outros objectos de valor, encontrados nas sepulturas, bem como, pela utilização de possíveis *ex-votos*, representando guerreiros armados.

No Norte a estatuária castreja demonstra, mais uma vez, o culto a entidades armadas, guerreiros heroicizados ou divindades. De fase mais recuada, também as

estelas do Sudoeste, decoradas com indivíduos armados, enaltecem a ligação entre o sagrado, o homem e o seu armamento (Gomes, 1990, pp. 30-33).

Parece-nos que os diversos vestígios das sociedades da II Idade do Ferro, do Ocidente Peninsular, deixam bem evidenciado a importância que atribuíam às suas armas e aos indivíduos que as possuíam, quer no campo religioso, como social, correspondendo a elementos fundamentais para o equilíbrio e sucesso das suas comunidades.

## **Bibliografia**

### **I - Fontes antigas**

APIANO

*Bellum Ibericum*, trad. de A. Schulten, *Las guerras de 154-72 a. de J.C., Fontes Hispaniae Antiquae*, IV, Barcelona, 1937.

DIDORO SÍCULO

*Bibliotheca*, Ed. The Loeb Classical Library, Cambridge, Harvard University Press, 1979-82; Trad. J. Lens e J. García González, Editorial Clásica, Madrid, 1995.

ESTRABÃO

*Geographia*, H. L. Jones (ed.), Loeb Classical Library, Harvard University Press, 1917- 32, trad. Gabriel Pereira, edição Manuel Gomes, Lisboa, 1999.

HERÓDOTO,

*Histórias. Livro 1*, José Ribeiro Ferreira e Maria de Fátima Sousa e Silva, Lisboa, Edições 70, 2002

XENOFONTE,

*Ciropeia - A educação de Ciro*, trad. João Felix Pereira, Évora Sementes de Mudança, 2008.

SUN TZU,

*A Arte da Guerra*, trad. Ricardo Silva, Quasi Edições, 2008.

### **II – Obras específicas**

ABÁSOLO, J; PÉREZ, F. (1980) - El casco céltico de Gorrita (Valladolid), *Boletín de Seminario de Arle y Arqueología*, vol. 46, pp. 93-117.

ALMAGRO-GORBEA, M; LORRIO, A. J. (2004) - War and Society in the Celtiberian World, *The Celts in the Iberian Peninsula*, e-Keltoi, volume 6, pp. 73-112.

ALMAGRO-GORBEA, M. (1982) - Las tumbas de cámaraíbericas. Interpretación socio-cultural y delimitación del área cultural de los Bastetones, *Homenaje a C. Fernández Chicarro*, pp. 249-257.

ALMAGRO-GORBEA, M. (1993) - La Introduccion del Hierro en la Peninsula Iberica, Contactos, precoloniales en el período protoorientalizante, *Comptulum*, vol. 4, pp. 81-94.

ARRUDA, A. M. (2001) - A Idade do ferro pós-orientalizante no Baixo Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 4, pp. 207-288.

BAPTISTA, A. M. (1999), *No tempo sem tempo: a arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa*, Parque Arqueológico do Vale do Côa, Vila Nova de Foz Côa.

BATATA, C. (2006), *Idade do Ferro e Romanização entre os rios Zêzere, Tejo e Ocreza*, IGESPAR, Trabalhos de Arqueologia, 46.

BEIRÃO, C.M; GOMES, M.V; (1980) - *A I Idade do Ferro no Sul de Portugal, Epigrafia e Cultura*, Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, Lisboa.

BERROCAL-RANGEL, L. (1993) - *Los pueblos célticos del Suroeste de la Península Ibérica*, Universidad Complutense, pp. 93-165.

BLÁZQUEZ, J. M, (1960) - Cascos Celtas inéditos, *Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense*, vol, XX.

BRUNAU, J.L; RAPIN, A. (1988), *Gournay II. Boucliers et lances. Dépôts et trophées*, Paris.

CABRÉ, J. (1934) - Excavaciones de Las Cogotas, Cardenosa (Ávila), II, La necrópole, *Junta Superior de Excavaciones y Antigüedades*, 120, Madrid.

CABRÉ, J., CABRÉ, M.E; MOLINERO, A. (1950) - El castro y la necrópolis del Hierro céltico de Chamartín de la Sierra (Ávila), *Acta Archaeologica Hispana*, vol. v, Madrid.

CHERNOKIAN, R. (1988) - *Les armes métalliques dans l'art protohistorique de l'occident Méditerranéen*, Editions du Centre National de la Recherche Scientifique, Paris.

CORREIA, V.N.H. (1928) - Escavações realizadas na necrópole pré-romana em Álcacer do Sal, em 1927 e 1928, *O Instituto*, 75, pp. 190-201.

DÉCHELETTE, J. (1914) - *Manuel de Archéologie préhistorique, celtique et gallo-romaine (Archéologie celtique ou protohistorique. Troisième Partie. Second age du fer ou époque de La Tène)*, Vol. II, Paris.

DIAS, M. M. A; BEIRÃO, C. de M.; COELHO, L., (1970) - Notável lápide proto-história da Herdade da Abóbada – Almodôvar (Primeira notícia). *O Arqueólogo Português*, série III, vol. V., pp. 181-190.

FABIÃO, C. (2006) – *The Roman Army in Portugal*, (in) MORRILLO, A; AURRECOCHEA, J. (dir.) - *The Roman Army in Hispania Archeological Guide*, eds. Leon, pp. 107-126.

FABIÃO, C. (1998) - *O mundo indígena e a sua romanização na área céltica do território hoje português*, Lisboa (tese de doutoramento policopiada, apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa)

FERREIRA DE ALMEIDA, C. A. (1975) – *Escavações arqueológicas de Monte Mozinho*, Centro Cultural Penafielis, 2 vols, Penafiel.

FERREIRA DE ALMEIDA, C. A. (1975) - Influências Meridionais na Cultura Castreja, *Revista da Faculdade de Letras do Porto*, Vol. 4-5, pp. 197-210.

FERREIRA DE ALMEIDA, C. (1981a) - Dois capacetes e três copos, em bronze de Castelo do Neiva, *Gallaecia*, Vol. 6, pp. 245-255.

GARCIA, J; MUZQUIZ, M. (1993) - Los cascos de tipo Montefortino en la Peninsula Iberica Aportacion al estudio del armamento de la II Edad del Hierro, *Computum*, vol. 4, pp. 95–146.



GOMES, M. V. (1990) - O Oriente no Ocidente: testemunhos iconográficos na Proto-história do Sul de Portugal: smiting gods ou deuses ameaçadores, *Estudos Orientais*, vol.1, p. 53-106

GOMES, M. V. (2011) - Representações de Armas na Arte Rupestre do Vale do Tejo *BAR Internacional Series*, 2219, pp. 177-198, Oxford.

HARMAND, (1981) - *L'arte de la Guerra nel mondo antico*, Newton Compton, Roma.

JACOBTHAL, P. (1969) - Early Celtic Art, *Oxford University press*, Vol. 1, Oxford.

JIMÉNEZ, G. G. (2006) - *Entre Iberos y Celtas: Las Espadas de Tipo La Tène, Del Noreste de la Península Ibérica*, Ediciones Polifemo, Madrid.

KALB, P. (1979) - Die Kelten in Portugal, *Actas de II Coloquio sobre Len guas y Culturas Prerromanas de la Península ibérica*, pp. 209-223, Salamanca.

LOCK, G. (2011), Hillforts, Emotional, Metaphors, and the Good Life: a Response to Armit, *Proceddings of the Prehistoric Society*, Vol. 77, pp. 355-362.

MARTÍNEZ, M. G. (2004) - *Ritos De Armas En La Edad Del Hierro: Armamento Y Lugar es De Culto Antiguo Mediterraneo Y Mundo Celta*, Ediciones Polifemo, Madrid.

MORÁN, M. E. C. (1934) - Dos tipos genéricos de falcata hispánica, *Arte y Arqueologia*, Vol. 30, pp. 1-18.

MORÁN, M. E. C. (1951) - La mas bella espada tipo Alcácer do sal de la necropolis de La Osera, *Revista Guimarães*, Vol. 64, pp. 249-262.

MORÁN, M. E. C; MORÁN, J.C. (1979) - Aportación al estudio tipológico de las espadas Alcacer do Sal, una nueva serie descubierta en la necrópolis de La Osera Chamartín de la Sierra, Ávila, *C.N.A.* vol. XV, pp. 763-770.

NUNES, C; FABIÃO, C; GUERRA, A. (1989) - Acampamento militar romano da Lomba do Canho, Arganil: o ponto da situação, *Actas do I Colóquio Arqueológico de Viseu*, edições Governo Civil do Distrito de Viseu, pp. 307-317. Viseu

NUNES, C. (1958) - Novos elementos para o estudo da arte castreja em Portugal, *Revista de Guimarães*, Vol. 68, pp. 323-335.

PAIXÃO, C. (1970) – A Necrópole Senhor dos Mártires, Alcácer do Sal, Novos elementos para o seu estudo (Tese de Licenciatura), Lisboa.

PAIXÃO, C. (1983) – Uma nova sepultura com escaravelho da necrópole proto-histórica do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal), *O Arqueólogo Português*, Série IV, 1, pp. 273-286.

PARREIRA, R. (1982) - *A Colecção de Artefactos metálicos do MNA*, Curso de Conservadores do Museu, Lisboa.

PEREIRA, M. A. H. (1970), *Monumentos históricos do concelho de Mação*, Câmara Municipal de Mação, pp. 244-249, Mação.

PEREIRA, T. R. (2008) - Os Artefactos Metálicos do Castelo de Castro Marim na Idade do Ferro e em Época Romana, Metalurgia em transição: a amostra numa análise de conjunto, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, (dissertação de mestrado, policopiada).

QUESADA SANZ, F. (1991) - En torno al origen y procedencia de falcata ibérica *J. Remesal, O muso (ed.)*, pp. 475-520, Barcelona.

QUESADA SANZ, F. (1997) - El armamento ibérico. Estudio tipológico, geográfico, funcional, social y simbólico de las armas en la Cultura Ibérica (siglos VI-I a.C.)”*Monographies instrumentum* 3. 2tomos. Éditions Monique Mergoïl. Montagnac.

QUESADA SANZ, F. (1998) - Aristócratas a caballo y la existencia de una verdadera caballería en la cultura ibérica: dos ámbitos conceptuales diferentes, *Congresso Internacional: Los Iberos Príncipes de occidente. Estructuras de poder en la sociedad ibérica*, pp. 169-183, Barcelona.

QUESADA SANZ, F; MARTINEZ, M. (2008), Hipolatría, epifanía, protección de un bien valioso? En torno al papel ‘religioso’ de los équidos en la Protohistoria peninsular Spal monografias, XI, p. 143-168, Sevilha.

RUIBAL, A.G. (2006) - Galaicos, Poder y Comunidad en el Noroeste de la Península Ibérica (1200 a.C - 50 d.C.) *Brigantium*, Vol. 18.

RUSELL ROBINSON, H. (1975) - *The Armour of Imperial Rome*, Thetford, London.

SANDARS, H. (1913) - *The weapons of the Iberians*, Col. Archacologia, Vol. LXIV, Londres.

SANTOS JÚNIOR, J. R. (1957) - O castro de Carvalhelhos. *Instituto de Antropologia da Universidade do Porto*, Imprensa Portuguesa, 1957.

SANTOS JÚNIOR, J.R. (1984) - Trinta anos de escavações no Castro de Carvalhelhos (Boticas - Vila Real), *Revista de Guimarães*, Vol. 94, pp. 411-424.

SCHULE, W. (1969) - *Die Meseta-Kulturen den Iberisehen Halbinsel*, Madrid.

SILVA, A.C.F; GOMES, M.V. (1992) - *Proto-História de Portugal*, Universidade Aberta, Lisboa.

SILVA, A.C.F. (1986) - *A cultura Castreja no Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins, Paços de Ferreira.

SILVA, R.C. (2005) - Génese e Transformação da Estrutura do Povoamento do I Miléno a.C. na Beira Interior, Coimbra, Instituto de Arqueologia (dissertação de mestrado, policopiada).

SOEIRO, T. (1980) - Objectos em bronze do castro de Alvarelhos, *Gallaecia*, Vol. 6, pp. 237-243.

VASCONCELLOS, J. L. (1918) - Coisas Velhas, *O Archeologo Português*, vol. XXIII.

Leandro Saudan Tristão

VIANA, A. ; DEUS, A. D. (1950) - A exploração de algumas necrópoles céltico-romanas do concelho de Elvas. *In Actas do XIII congresso da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências* Tomo VIII. Imprensa Portuguesa, pp. 67-74, Lisboa.

VIANA, A; FORMOSINHO, J; FERREIRA, O.V; (1953) - De lo prerromano à lo arabe en Homem de Lagos, *Archivo Español de Arqueologia*, vol. XXVI, pp. 89 -131.

VILAÇA, R. (1995a) - *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze*, Trabalhos de Arqueologia, IPPAR n.º 9, Lisboa.

VILAÇA, R. (2003) - A Tapada das Argolas Novos Contributos para a sua Caracterização, *Estudos Pré-Históricos* Vol. X – XI, pp. 175-197.

VILAÇA, R. (2007) - Artefactos de ferro em contexto do Bronze Final: Novos contributos e reavaliação de dados. *Complutum*, vol. 17, pp. 81-101.

## **Índice toponímico**

Acampamento militar romano da Lomba do Canho - 37, 38, 40, 96, 98

Alandroal – 10, 76

Alcácer do Sal – 34, 38, 46, 47, 48, 49, 51, 53, 54, 57, 58, 59, 70,

78, 108, 117, 119, 120, 160, 161

Aljezur – 17,18, 22, 27

Almodôvar - 49, 115

Arganil – 38, 98

Boticas – 17, 110, 112

Braga - 110, 111, 113

Cabeço de Vaiamonte - 17,18, 22, 118, 142, 143

Castelo do Neiva – 16, 17, 20, 21, 25,159

Castro Cidadelhe – 110, 111

Castro de Alvarelhos - 37

Castro de Carvalhelhos – 110, 112

Castro de Frades - 76

Castro de Lanhoso – 11, 12, 16, 154

Castro de S. Julião – 110

Castro de Santo Estêvão da Facha - 110

Castro de São Miguel da Amêndoa – 114

Castro Máximo – 110, 111

Citânia de Briteiros – 110, 111, 113

Citânia de Sanfins - 22

Fundão – 95, 96, 97, 98, 114

Guimarães – 17, 110, 111

Necrópole Cinco Reis - 115

Necrópole da Abóbada – 113, 113, 149

Necrópole da Carlota - 115

Necrópole da Chada - 115

Necrópole da Fonte Santa - 115

Necrópole da Herdade da Chaminé – 53, 56

Necrópole da Herdade das Casas – 53, 95, 97,

Necrópole da Mealha Nova - 115

Necrópole da Vinha das Calças - 115

Necrópole de Gregórios - 115

Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires – 48, 54, 55, 81, 117, 119, 160, 161

Necrópole do Pardieiro - 115

Necrópole dos Mouricos - 115

Necrópole Neves 4 - 115

Povoado da Conheira dos Touros - 114

Povoado da Tapada das Argolas – 95, 97, 99, 114

Povoado de Mesas do Castelinho - 118

Povoado de S. Martinho de Mouros - 114

Povoado de São Pedro do Castro - 114

Redondo – 53, 95, 97